

GAZETA

VALSASSINA

dezembro 2022
número 81



Construir pontes

Índice

Editorial 1

A ponte, o arco e as pedras 2

As pontes do Valsassina e outras pontes para o futuro 3

Antropocénico: estaremos a viver tempos novos? 4

Construir pontes: sim, em estrela 5

Construir pontes 6

Atravessar a ponte da criatividade 8

Academia Valsassina 10.º ano, ferramentas para o futuro 9

A Rede European School Network construtora de pontes entre escolas 10

De Lisboa a Istambul, do presente ao futuro – uma ponte com vários caminhos 11

Neurociências e educação 12

Pensar (n)a aula de Português – as pontes que ligam e nos ligam 14

Diálogos literários 17

Ler Saramago: uma ponte que liga várias margens 18

E se Cesário, hoje, pudesse visitar Lisboa? 19

Oficina de escrita com o escritor Ondjaki 20

Aprender línguas: construir pontes e derrubar muros 22

A biblioteca como pilar de uma ponte em construção 24

Hooverville 26

Convocar a Memória. A História de Anne Frank 28

O teatro, uma ponte que liga ao passado e ao futuro 29

O cinema como ponte para o conhecimento, o sonho e a emoção 31

Temos de falar! 32

Conhecer o mundo político do século XXI 33

Uma experiência de solidariedade ativa no CIJ, Centro de Informação Juvenil do Centro Social e Paroquial de S. Maximiliano Kolbe 34

Criar pontes com a comunidade local 35

“Construir Pontes” no 1.º ciclo 36

(Pontes) Entre a natureza e a educação artística 37

Construir pontes para lá da escola 38

A ponte entre ver, sentir e pensar 40

Projetar e construir um futuro sustentável 41

KPMG Global Cyber Day 42

Uma manhã na Feira da Matemática 44

Ciências da Computação na Escola: uma ponte para o futuro suportada nas crianças e jovens do século XXI 46

Literacia do Oceano no Colégio Valsassina pelo CoLAB +ATLANTIC 49

A literacia azul e as novas carreiras azuis num projeto piloto no Colégio Valsassina 50

Roteiro de Sustentabilidade 20-30: O processo de envolvimento das partes interessadas 52

Entrevista com o ator João Reis 54

Falamos sobre sustentabilidade? É tempo de agir 56

Da sensibilização à ação: a ponte para um futuro mais sustentável 58

“Blind Test” Are waters all the same? The chemical magic of water! 59

O Universo e a disciplina de Físico-Química no 7.º D 60

Colégio Valsassina e Prevenção Rodoviária Portuguesa em parceria na educação em ciências – Projeto PAFSE (Partnerships for Science Education) 62

Reabilitar um edifício: uma ponte entre passado e futuro 64

Peddy-Paper Lisboa Medieval 65

Ginástica, uma ponte de afetos 66

Acesso ao ensino superior 2022 67

Quadro de Honra 3.º P 2021/2022 70

Quadro de Excelência 2021/2022 72

Quadro de Excelência 2021/2022 Prémios Especiais 74

Colégio em Ação 77

Aconteceu 78

Vai acontecer 80

FICHA TÉCNICA

Fundadores Frederico Valsassina Heitor, Maria Alda Soares Silva e seus Alunos

Diretor João Gomes

Direção Editorial Marta Magalhães Silva, Filipa Costa e Joana Baião

Paginação e Impressão idg · Imagem Digital Gráfica

Propriedade Colégio Valsassina

Tiragem 1700 exemplares

Colégio Valsassina

Largo Frederico Valsassina

1959-010 Lisboa

218 310 900

218 370 304 fax

geral@cvalsassina.pt

www.cvalsassina.pt

editorial

João Gomes Diretor pedagógico

“A alegria é um catalisador de uma experiência (...) Só quem é alegre arrisca.”

Gonçalo M. Tavares

Vivemos tempos desafiantes. Não está mais em causa o perigo, como o que vivemos há dois anos e que criou em nós uma perturbante sensação de impotência coletiva face ao desconhecido. Desta vez, é bem diferente. É viver num estado de múltiplas crises. É o regresso da incerteza associada à guerra na Ucrânia e ao impacto desta a nível social, económico e geopolítico. É a crise da biodiversidade e a degradação dos ecossistemas. É a crise climática e as ondas de calor extremo e seca. É a crise humanitária e as desigualdades sociais...

O que estamos a testemunhar não é inesperado, nem excecional. Chegámos a um ponto em que já não se trata de tentar prever o futuro, mas de utilizar todo o conhecimento disponível para encontrar novas direções.

Perante os reptos que enfrentamos, convocamos a nossa comunidade escolar a pensar sobre o mundo em que vivemos: em nós, nos outros e no planeta, enquanto construtores de pontes. Aprender a reconhecer a existência de margens e ser capaz de não só construir as pontes mas também de as percorrer e de as ultrapassar, com determinação e confiança, é o desafio a que nos propusemos.

Como referido por Saramago, “com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres”. Construir pontes implica assumir o dever e a ousadia de querer aprender sempre mais, ter o desejo de se superar, de arriscar, de apreender a empreender novos caminhos.

Como?

Promovendo a multidisciplinaridade dos conhecimentos, explorando diferentes linguagens e inteligências, valorizando o trabalho cooperativo, estimulando a criatividade, a integração de diferentes saberes, o pensamento crítico, o gosto pelo conhecimento e pela descoberta.

Porque construir pontes é acima de tudo construir o futuro, é fundamental ensinar de coração aberto, encorajando os alunos a aprender com prazer e alegria porque “a alegria é um catalisador de uma experiência”, e “só quem é alegre arrisca”.

“Construir pontes implica assumir o dever e a ousadia de querer aprender sempre mais, ter o desejo de se superar, de arriscar, de apreender a empreender novos caminhos.”



EM DESTAQUE

A ponte, o arco e as pedras

Teresa Valsassina Heitor Presidente do Conselho de Administração do Colégio Valsassina

No livro *Cidades Invisíveis*, o escritor italiano Italo Calvino reconstitui um diálogo entre o mercador veneziano Marco Polo, o “maior viajante de todos os tempos”, e Kublai Khan, o imperador dos Tartaros, em que o primeiro descreve as muitas cidades imaginárias que, supostamente, teria visitado, revelando ao segundo as maravilhas do seu império. A certa altura, Marco Polo *descreve uma ponte, pedra por pedra*.

“Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan. A ponte não é sustida por esta ou aquela pedra – responde Marco – mas sim pela linha do arco que elas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: Porque me falas das pedras? É só o arco que importa. Polo responde: Sem pedras, não há arco.”

Este breve diálogo remete-nos para o tema vertical deste ano: “construir pontes”. Um tema propositadamente amplo que pretende incentivar o diálogo e, sobretudo, proporcionar aos alunos uma leitura multifacetada e crítica do mundo em que vivemos. Mas, como Marco Polo adverte, é também um desafio que enfrentamos como educadores.

Porque, para construir pontes, não basta juntar pedras, é preciso formar um arco estável. E isso implica criar os apoios que irão suportar as pedras que, por sua vez, terão de ser colocadas de forma a ficarem travadas, caso contrário, soltam-se e o arco desaba.

Como na ponte de pedra, há aprendizagens que são fundamentais. São os “apoios” que nos permitem integrar diferentes saberes e criar o conhecimento de que necessitamos para compreender e agir sobre o mundo real. Mas a construção desse conhecimento não pode ser feita como uma soma de conteúdos curriculares isolados, apresentados de forma fragmentada, como se fossem “gavetas”. Se não soubermos explicar aos alunos a razão do que estão a aprender, se eles não perceberem como esses mesmos conteúdos se organizam e se relacionam com o mundo real, dificilmente reconhecerão o significado do que aprendem e, pior ainda, facilmente desmotivarão. Quantas vezes já ouvimos a pergunta “Porque é preciso aprender isso?”

“Construir pontes” é, portanto, um compromisso em trabalharmos todos juntos para criar novas aprendizagens e ampliar os limites do que é, hoje, importante aprender. É levar os nossos alunos a descobrir e compreender a razão daquilo que aprendem. É criar condições para aprenderem a articular vários saberes, a dominar diferentes linguagens e a experimentar diferentes formas de mobilizar e cruzar conhecimentos, mas, também, a reconstruir criticamente esses conhecimentos, interrogando o passado, para melhor compreenderem o presente e arriscarem projetar o futuro com confiança.

Reunir todas as pedras e formar a linha do arco é a nossa maior responsabilidade como educadores. Garantir que se constroem pontes sólidas e duradouras é também facultar aos nossos alunos um ambiente feliz e com o sentido a que têm direito.



“Ser Valsassina é aprender a construir estas pontes em que a História, a Biologia, a Matemática, a Literatura e a Filosofia não são mais fortalezas incomunicáveis, mas pontes que ligam, unem e enriquecem, que nos dão a plenitude do que é ser.”

As pontes do Valsassina e outras pontes para o futuro

José Manuel Marques Professor de Filosofia.
Coordenador na Direção Pedagógica entre 1985 e 2022

Texto escrito para a publicação *120 ideias para o futuro* lançada em 2018 por ocasião dos 120 anos do Colégio. O tema deste ano “Construir pontes” é uma oportunidade de concretizar mais uma ideia para o futuro e homenagear o trabalho desenvolvido no Colégio pelo Professor José Manuel Marques entre 1985 e 2022.

Pontes no Valsassina? Mas as pontes não ligam duas margens sobre um curso de água ou duas elevações de um desfiladeiro?

Não há pontes no Valsassina. Não temos rios nem ribeiros, menos ainda desfiladeiros. Excentricidades de filósofo...

Ou talvez não, se por pontes entendermos uniões entre vivências que sugerem diferentes matizes de aprendizagens.

Desde logo, as visitas de estudo. Desde logo, os encontros com quem sabe algo e, amando o que sabe, se dispõe a partilhá-lo. Para um aprendiz de filósofo, que viaja com outros aprendizes de filósofos, é delicioso poder fazer-se transportar a locais de fascínio de outros tempos e outros espaços, onde impera o diverso.

Ali, num jardim botânico, mergulhar com os alunos em milénios de evolução, desde os fetos Samambaias às palmeiras Cica, plenas de vida, aos modestos musgos que cobrem os troncos das árvores. Ou a viagem de centenas de milhões de anos pela Geologia, explicada por quem sabe, das trilobites de Arouca, do Paleozóico com quase quinhentos milhões de anos.

E visitar esse centro do saber e do viver em comunidade, entre o sagrado e o profano, em pleno século XIII, onde monges verteram para latim textos de sábios gregos, mouros de Al Andalus ou eruditos judeus.

Alguém afirmou um dia: “Torna-te no que és”. Ser Valsassina é aprender a construir estas pontes em que a História, a Biologia, a Matemática, a Literatura e a Filosofia não são mais fortalezas incomunicáveis, mas pontes que ligam, unem e enriquecem, que nos dão a plenitude do que é ser.

O futuro deve ser tecido neste tear em que o saber e o sonho e a utopia e a poesia vivem lado a lado com as ciências empíricas, a generosidade e a tolerância que só o amor ao diverso pode trazer.

O repto para o futuro: bem-vindas as boas visitas de estudo, as conferências e os projetos que nos fazem viajar e sonhar.

Como diria Bachelard, não foi a necessidade que levou o Homem a construir uma embarcação para se fazer às águas ignotas, mas a quimera e o sonho.

“«Construir pontes» é, portanto, um compromisso em trabalharmos todos juntos para criar novas aprendizagens e ampliar os limites do que é, hoje, importante aprender. É levar os nossos alunos a descobrir e compreender a razão daquilo que aprendem.”

CONSTRUIR PONTES para o futuro

Antropocénico: estaremos a viver tempos novos?

Rui Dias Universidade de Évora & Centro Ciência Viva de Estremoz

Em 1960, a Terra tinha 3 mil milhões de habitantes e, em novembro de 2022, somos 8 mil milhões. Isto significa que, desde a década de sessenta do século passado, a cada 12 anos, a Terra tem mais mil milhões de habitantes... Ou seja, a cada dia que passa, somos mais cerca de 220 mil habitantes. Este é um número que precisamos de compreender, de modo a assegurarmos o futuro de todos.

Algumas contas simples ajudam-nos a perceber como nos relacionamos com o nosso planeta...

A superfície da Terra tem 51 mil milhões de hectares, dos quais só utilizamos cerca de 1/4, ou seja, cerca de 12,75 mil milhões de hectares. Os restantes são os grandes fundos oceânicos (de onde tiramos pouco, pois a maior parte do peixe que consumimos vem de mares pouco profundos junto aos continentes), os desertos ou zonas permanentemente geladas. Isto pode parecer muito, mas significa que, em média, cabem pouco mais de 1,5 hectares a cada habitante da Terra. De facto, cada um de nós tem pouco mais de um campo e meio de futebol para daí tirar os seus alimentos, extrair os materiais que utiliza (como, por exemplo, a madeira, ou o ferro, ou...) e colocar o lixo que produz. Já não parece muito!!!

O facto de sermos muitos tem também outras implicações. Façamos um exercício muito simples e apenas com a população de Portugal: imaginemos que, logo ao jantar, todos os portugueses vão comer arroz e que cada um deixa 10 bagos de arroz que não comeu no prato, os quais, por isso, vão para o lixo. Como 1 kg de arroz tem cerca de 50 000 grãos, isto significa que vão para o lixo cerca de 2 toneladas de arroz, apenas porque cada português deixou 10 bagos de arroz por comer... Mas, para produzir 1 kg de arroz, gastam-se cerca de 3 a 5 mil litros de água, o que significa que se desperdiçaram 6 a 10 milhões de litros de água para produzir comida que deitamos para o lixo... Foram "APENAS" 10 bagos de arroz!

Façamos mais algumas contas...

Durante o ano de 2021, cada habitante da Terra consumiu, em média, cerca de 317 kg de ferro, o que corresponde a quase 1 kg de ferro por dia por cada um dos 8 mil milhões de habitantes do nosso planeta... Em 2022, havia cerca de 15 mil milhões de telemóveis na Terra, ou seja, quase 2 telemóveis por habitante, quando, em 2020, eram "APENAS" 14 mil milhões de telemóveis...

As mudanças que estamos a provocar no nosso planeta são de tal modo significativas que alguns pensam que já poderemos estar numa nova época geológica... o ANTROPOCÉNICO.

Independentemente de estarmos ou não numa nova época, é fundamental termos consciência de que não é possível continuarmos a comportarmos-nos como até aqui. Evidentemente, a Ciência tem sempre criado novas formas de utilizarmos o nosso planeta de um modo mais eficiente e, por isso, menos lesivo para o meio ambiente. No entanto, começa também a ser evidente que é preciso tomarmos consciência de que temos de aprender a viver de um modo mais sustentável. Isto não significa que seremos menos felizes apenas porque teremos menos coisas... De um modo geral, os nossos pais, quando tinham a nossa idade, não foram menos felizes do que nós...

Será que precisamos mesmo de um telemóvel novo no próximo Natal?

"... é fundamental termos consciência de que não é possível continuarmos a comportarmo-nos como até aqui."



Fonte: Shutterstock

CONSTRUIR pilares para as pontes



"E constroem-se pontes: para manter alianças, para descobrir novos destinos, para resgatar os perdidos, para encontrar os mestres, para atravessar em conjunto..."

Construir pontes: sim, em estrela

Sara Paixão Mãe da Inês, Vera, Filipe, Miguel e Teresa Paixão, alunos do Colégio Valsassina

O número 5 está associado ao famigerado pentagrama que, por sua vez, nos remete para as ideias de evolução e de liberdade. É o algarismo que representa a estrela de 5 pontas, a estrela perfeita. A estrela que ilumina.

Pois é: cá em casa temos 5 filhos. 1 de cada vez, 1+1+1+1+1, até que chegamos a este momento.

O momento em que o mais velho aprende a ser o exemplo, mas com quem os pais experimentam, pela primeira vez, todas as consequências das suas primeiras decisões – desbrava caminho para os que aí vêm – os pilares da ponte. Em que o segundo sente a segurança de passar por um trilho já atravessado, descobre uma personalidade mais livre e uma fraternidade forte – a arquitetura. Em que o terceiro é, simultaneamente, a média e a exceção e demonstra a sua audácia em querer seguir o exemplo dos mais velhos e em continuar uma criança como os mais novos – o tabuleiro. Em que o quarto experimenta a atenção de todos e mantém a persistência de prosseguir um caminho inesperado – a sinalização. Em que o quinto testa os limites de todos e desmonta toda a ordem que pode ter sido criada até aqui – teste antissísmico! Mas só com todos é possível criar a nossa estrela. A estrela perfeita.

E aqui entram os pais: 2. Mãe e Pai. Que unem os 5 pontos. Que fazem a ponte entre os 5.

Sim, constroem pontes: em estrela.

Todo o dinâmico fluxo de informação que passa entre cada um dos irmãos é potenciado pela presença dos ou de um dos pais. E assistimos, todos, à construção de pontes entre pontos, entre irmãos. Entre cada um, como de pilar em pilar, mas também num circuito aparentemente surpreendente entre o que menos esperamos. Os mais velhos aprendem com o sucesso dos mais novos, reaprendem um novo equilíbrio; os do meio, numa sabedoria extrema, relacionam-se magistralmente com o irmão que melhor os acolhe numa necessidade específica; os mais novos, cirurgicamente, redescobrem os pontos fortes e mais fracos de todos os irmãos. E constroem-se pontes: para manter alianças, para descobrir novos destinos, para resgatar os perdidos, para encontrar os mestres, para atravessar em conjunto – conjuntos diferentes na ida e na volta –, para ultrapassar medos, para conquistar desafios. Em família – vigilantes a quem atravessa.

A multidireção das pontes num sistema em estrela garante-nos que a liberdade de cada um é o denominador comum num sistema onde o crescimento individual está garantido por pilares solidamente assentes nos valores transmitidos pelos pais, replicados para cada e por cada filho, criando uma estrutura sólida... Que cede, mas não parte. E se treme esta estrutura! E é ainda alargada por cada braço que estendem a um amigo, a um colega, a um conhecido. A todos.

Sim, construímos pontes: em estrela.

CONSTRUIR PONTES para promover diálogos

Construir pontes

Joana Carmo e João Ameal Psicólogos. Gabinete Psicopedagógico do Colégio Valsassina

“Construímos muitos muros e não pontes suficientes”

Newton

“... promover um maior conhecimento da turma, incentivando os alunos a quebrar muros e a construir/reforçar pontes entre eles, permitindo uma maior aproximação do grupo através da interação, do diálogo e do respeito pelo outro.”



Atualmente, a missão das escolas é vista de forma holística, assumindo-se que estas não se devem limitar a olhar para o sucesso académico, mas ser capazes de promover o bem-estar das crianças e jovens de uma forma mais ampla (Bird & Sultman, 2010; Merrel & Guedner, 2010).

A escola, para além das famílias, parece assumir um papel importante como meio de socialização das crianças, uma vez que é onde estas experimentam novas formas de se relacionarem com os outros e desenvolvem novas aprendizagens cognitivas, emocionais e sociais que lhes permitem ir construindo a sua identidade (Schaffer, 1999). Desta forma, nas primeiras semanas de aulas (com sessões previstas também para o 2.º e 3.º períodos), o Colégio Valsassina optou por dinamizar, essencialmente no início de cada ciclo de ensino (1.º, 3.º, 5.º, 7.º e 10.º anos), sessões que tiveram como objetivo promover um maior conhecimento da turma, incentivando os alunos a quebrar muros e a construir/reforçar pontes entre eles, permitindo uma maior aproximação do grupo através da interação, do diálogo e do respeito pelo outro.

A promoção destas sessões procurou, por um lado, construir uma linha condutora e coerente ao longo de todos os anos de escolaridade e, por outro lado, adaptar-se à especificidade de cada grupo. Assim sendo, foi fundamental a articulação com coordenadores, professores e psicólogos afetos a cada ciclo, ano de escolaridade e turma, de forma a identificar as maiores necessidades de cada faixa etária, procurando garantir que as sessões eram estruturadas individualmente e davam resposta a questões reais e prementes, inerentes à idade e ao desenvolvimento dos alunos e, ainda, às diferentes exigências de cada ciclo.

Durante as sessões, foram desenvolvidas atividades diversas, tais como jogos de quebra-gelo, para introduzir e facilitar a inclusão numa nova turma; jogos cooperativos, que trabalhassem o espírito de união e interajuda (1.º ciclo); atividades de partilha em grande grupo, com recurso a técnicas sociométricas, dinâmicas de comunicação e procura de soluções na gestão de amizades (2.º e 3.º ciclos); atividades de autoconhecimento, gestão emocional e procura de soluções concretas, encarando a turma e os colegas como recurso e não concorrência (Ensino Secundário); entre outras.

No final de todas as sessões, fomentou-se um momento de reflexão e *feedback*, de forma a obtermos uma avaliação informal do processo. A resposta dos alunos revelou-se muito positiva, sendo visível o desejo de mais momentos onde se destaquem as interações positivas, a compreensão de si mesmo e do outro e a necessidade de partilhar experiências de vida.



Gostei porque era para trabalharmos em equipa, fazermos novas amizades e conseguirmos perceber melhor os outros. Foi importante para a turma e acho que melhorou o espírito de equipa.

Manuel Xavier 3.º B



Ajudou muito o grupo a unir-se mais. Com os jogos, ficámos mais motivados a estar com outros colegas de turma, a conhecê-los melhor e a trabalhar em conjunto. Agora estamos mais juntos no recreio e a brincar com outras pessoas com quem não brincávamos tanto. Acho que ajudou muito!

Madalena Falcão 3.º C

“Foram desenvolvidas atividades de autoconhecimento, gestão emocional e procura de soluções concretas, encarando a turma e os colegas como recurso e não concorrência.”

Gostei muito das sessões. Aprendi que todos têm uma história por detrás da pessoa que são. Também fiquei a conhecer melhor a minha turma, fazendo com que me adaptasse melhor. Nas sessões, fizemos jogos divertidos que nos fizeram pensar que os outros também têm bons e maus momentos. Fizeram-nos refletir sobre a forma como tratamos com as pessoas.

Na minha opinião, deviam continuar a trabalhar estes aspetos com os alunos. Laura Jardim 7.º D

Quando, no início, me foi apresentada a ideia de que iríamos ter duas sessões dinamizadas pelo Gabinete Psicopedagógico onde iríamos realizar algumas atividades para nos conhecermos melhor, confesso que o meu primeiro instinto foi achar que não iria passar de mais uma atividade *clichê* para sabermos os nomes uns dos outros (por serem os primeiros dias de uma nova turma), ficarmos a conhecer o psicólogo responsável pelo nosso ano e, no fundo, perdermos algum tempo de aulas. Mal sabia eu que iria ser muito mais que isso...

De forma “ligeira” e divertida, o psicólogo conduziu-nos por uma série de atividades que foram desde o mais básico a algo mais complicado e que já envolveu alguma reflexão sobre nós mesmos e sobre a forma como nos sentimos. Com muita paciência e sempre referindo a sua disponibilidade para nos ajudar, o Dr. João Ameal acompanhou-nos

nesta jornada de autoconhecimento, explicando-nos como funcionava a nossa mente em certas situações pelas quais, possivelmente, iremos ter de passar ao longo deste novo ano letivo e ensinando-nos, através de várias dicas valiosas, a lidar com isso da melhor forma possível.

Posso garantir que, no final da segunda sessão, a turma saiu definitivamente mais unida e com um melhor ambiente e que cada pessoa, individualmente, saiu mais consciente de si, dos outros e do caminho que tem a percorrer para equilibrar a sua vida, mas, sobretudo, que todos saíram preparados para lidar com os diferentes problemas provenientes da escola e da preocupação com o futuro que este novo ano traz consigo, algo, como sabemos, muito importante e que tem cada vez um impacto maior na nossa vida. Leonor Cintra 10.º 2



CONSTRUIR PONTES para o futuro

Atravessar a ponte da criatividade

Marta Magalhães Silva Professora de Laboratório de Ideias

Se pensarmos na criatividade como uma ponte, iremos de onde para onde? Do presente para o futuro? Das ideias para as ações? Da insegurança para o entusiasmo? Da intimidade para a partilha?

O caminho percorrido no Laboratório de Ideias está repleto de momentos em que a criatividade e a experimentação são a ponte que permite atravessar do lado dos pensamentos – tantas vezes ainda por formular – para as ações – que ajudam a concretizar e a comunicar intenções, vontades e convicções.

“Do pensar para o fazer” – este é mote que tantas vezes repetimos durante a realização das atividades. A criatividade traduz-se, então, na capacidade de encontrar a forma mais ajustada e mais original de comunicar uma ideia que está dentro de nós. Trata-se de relacionar mundos até então dispersos e criar pontes nunca antes percorridas entre conceitos distantes. É necessário “desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo” (Gralik, 2010).

No primeiro período, propusemo-nos criar pontes que ajudem os alunos do 9.º ano a refletir sobre si próprios, sobre as suas características, interesses e sonhos para o futuro. Deste modo, as ideias formuladas e comunicadas nas atividades do Laboratório de Ideias tornam-se ferramentas para o processo de orientação vocacional dos alunos. Se sabemos que pode ser difícil encontrar o tempo e o espaço para nos dedicarmos a pensar sobre nós próprios – principalmente na adolescência em que a autopercepção está em constante mudança – porque não recorrer ao tempo em sala de aula para essa tarefa que nos parece nunca chegar ao fim? Assim se constrói, também, a ponte entre o currículo e outros desafios que estão presentes na vida dos alunos.

O Laboratório de Ideias associou-se ao Gabinete Psicopedagógico para definir três atividades práticas, mantendo a sua componente de complemento de educação artística e procurando ajudar os alunos a refletir sobre o presente e o futuro e, a partir daí, a criar. A primeira atividade “O autorretrato”

inspirou-se nos trabalhos de Andy Warhol para desafiar os alunos a fotografarem-se ao espelho e a intervirem plasticamente sobre a sua fotografia. Através de um autorretrato, expressaram duas características e dois interesses previamente identificados. A segunda, “À descoberta das profissões”, proporcionou um tempo de descoberta e análise de uma profissão para, depois, se criar um carimbo simbólico e deixar uma marca no mapa de profissões, segundo o Modelo Hexagonal de Holland. No final da atividade, pudemos organizar esquematicamente as profissões analisadas pelos 120 alunos do 9.º ano e alargar horizontes sobre a enorme diversidade de caminhos que o futuro pode contemplar. Por fim, na terceira atividade, recorremos à escrita para, a partir de um estímulo musical e de todo o processo de orientação vivido até então, criar uma “carta ao futuro”. Os alunos dirigiram-se ao seu “eu” que existirá dentro de 15 anos para descrever quem imaginam vir a ser, que caminhos terão percorrido, que desafios terão vencido e que conquistas terão feito.

Segundo Cramond (2008), “a única forma de alimentar a criatividade em alguém é reconhecê-la e valorizá-la”. Com cada desafio do Laboratório de Ideias, pretendemos levar os alunos a percorrer a ponte da criatividade, num ambiente estimulante, de partilha e confiança.



Mapa de profissões onde os alunos carimbaram as profissões que analisaram

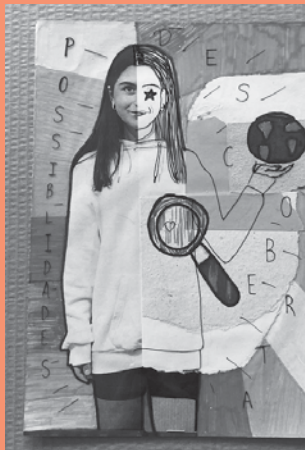
Bibliografia

- Cramond, B. (2008). What is creativity? In Criatividade: Conceito, Necessidade e intervenção. Braga: psiquilibrios.
Gralik, T.P. (2010). Cultura Visual: rumo à compreensão de outros universos o Ensino das Artes. Revista Nupeart, 8, pp. 29-43

Pedro Pais 9.º C



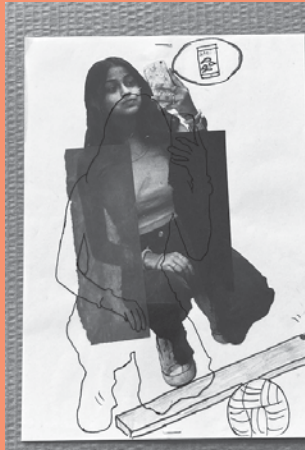
Matilde Mendes 9.º C



António Noronhas 9.º A



Swastika Hamal 9.º B



Trabalhos realizados pelos alunos na atividade “O autorretrato”

Academia Valsassina 10.º ano, ferramentas para o futuro

João Gomes Diretor Pedagógico

Uma semana cheia de emoções e inovações, com o objetivo de desenvolver e melhorar as *soft-skills* e de nos ligarmos mais aos outros e a nós mesmos.

Inês Arriaga 10.º 1A

“Academia Valsassina 10.º ano, ferramentas para o futuro”, assim se chama o programa destinado a todos/as os/as alunos/as do 10.º ano. Composto por dez módulos, tem como objetivo capacitar os/as alunos/as com (novas) ferramentas “não-técnicas”, também designadas por *soft skills*, hoje consideradas fundamentais para o sucesso académico e profissional. Este programa, com a duração de uma semana, pretende complementar as aprendizagens relacionadas com os conteúdos disciplinares e conhecimentos científicos e técnicos (*hard skills*) adquiridos ao longo do percurso escolar dos/as alunos/as.

As *soft skills* são competências comportamentais transversais e interpessoais, amplamente aplicáveis em diversos contextos não se limitando a uma profissão em específico. Remetem para a forma como as pessoas interagem/comunicam e se relacionam com as outras e para a forma como agem em contexto profissional e encaram as tarefas a desempenhar para alcançar os resultados desejados.

Ao longo de uma semana (entre 20 e 24 de junho), os/as alunos/as foram convocados/as a adquirir e desenvolver capacidades sociais e de comunicação (verbal e não verbal): desde aprender a assumir uma atitude positiva, a ser resiliente, a organizar e gerir o tempo de trabalho, a definir metas e a estabelecer prioridades, a encontrar estratégias para ultrapassar problemas e obter soluções criativas, passando pela capacidade para trabalhar em equipa, comunicar com os colegas e ter espírito de equipa para atingir resultados globais.

Uma oportunidade única para melhorar as *soft skills* e perceber que estas são fulcrais para o nosso futuro. Leonor Xavier 10.º 1C

Uma semana inovadora, diferente de tudo o que já fiz. Luísa Aires 10.º 3

Abordou temas e tópicos muito úteis e atuais, complementares aos conhecimentos das várias disciplinas, que serão úteis para o resto da nossa vida e que foram transmitidos de uma forma prática. Pedro Lins 10.º 2



Programa da edição 2022 da “Academia Valsassina 10.º ano”

CONSTRUIR PONTES entre culturas

A Rede European School Network construtora de pontes entre escolas

Andreia Luz Coordenadora na Direção Pedagógica e Coordenadora Eco-Escolas
Patrícia Branco Coordenadora da Rede European School Network

A “European School Network” é uma rede europeia de escolas que tem como missão melhorar a qualidade da educação na Europa, promovendo o desenvolvimento de uma cidadania europeia cada vez mais abrangente e aberta ao mundo e a valorização de uma aprendizagem ao longo da vida.

Procurando refletir sobre os procedimentos adotados e a adotar pelas escolas dos vários países que a integram, entre 3 e 8 de outubro, teve lugar, em Istambul, na Turquia, a “16th Annual ESN Conference”, em que participaram os professores que coordenam e/ou dinamizam o projeto nos vários países da rede. O Colégio esteve representado por uma comitiva de quatro elementos: as professoras Patrícia Branco e Andreia Luz, a aluna **Inês Paixão 12.º 3** e o aluno **Pedro Martins 12.º 1A**.

Ao longo de uma semana, foram apresentados e discutidos os diferentes projetos de intercâmbio escolar propostos para o ano letivo 2022/2023. Em complemento, foram dinamizadas atividades que permitiram a troca de experiências entre os participantes.

De entre as várias atividades, destacaram-se o *World Café*, onde se abordaram as vantagens do projeto e foram identificados os aspetos a otimizar, bem a conferência relativa ao tema “Beyond Borders”, na qual participaram 26 alunos de diferentes nacionalidades e através da qual se tornou evidente a importância destes projetos para o crescimento pessoal de cada aluno, bem como para a aquisição e o desenvolvimento de competências.

Para além das atividades dinamizadas, foi importante testemunhar o empenho e dedicação das escolas que acolheram os nossos alunos, assim como das famílias turcas que responderam ao desafio. É esta confiança mútua que nos faz sentir a rede ESN como uma família e nos permite continuar a construir pontes entre culturas.

Assim sendo, os momentos de partilha promovidos permitiram não só um maior conhecimento das diferenças entre os vários sistemas de ensino, como o estabelecimento de contactos, visando a construção de parcerias internacionais, e ainda a promoção de competências sociais e emocionais dos alunos que neles participaram.

O ambiente inspirador, aberto e seguro para a construção de amizades entre escolas e alunos de toda a Europa que os alunos experienciaram constitui uma oportunidade única para crescerem em tolerância e na compreensão mútua, para procurarem contribuir para a melhoria da qualidade das nossas escolas e para colaborarem na manutenção da paz e do bem-estar na Europa.

A ESN acredita que as escolas têm o dever de ajudar os seus alunos a tornarem-se pessoas responsáveis, proativas e cooperativas, encarando a realidade da cidadania europeia com uma mente aberta, pelo que pretende estimular o encontro de um terreno comum e o respeito pelos diversos valores culturais.

De Lisboa a Istambul, do presente ao futuro – uma ponte com vários caminhos

Inês Paixão 12.º 3 e Pedro Martins 12.º 1A



Começando ao contrário: no final daquela semana passada em Istambul, ninguém queria regressar a casa.

Istambul é uma cidade mágica que deve ser vivida e não apenas visitada. Foi o local onde decorreu a conferência de 2022 da European School Network, com o tema “Beyond Borders”, em que tivemos a magnífica oportunidade de participar.

Sentimos que aquela semana nos mudou verdadeiramente e não trocaríamos por nada o contacto genuíno que tivemos com pessoas de tantas culturas nem a oportunidade de conhecermos a fundo uma cidade tão encantadora. Desde logo, a oportunidade de sermos recebidos em casa de um aluno local foi um dos mais enriquecedores aspetos da viagem. Permitiu-nos não só ficar a conhecer muitos dos costumes familiares turcos, como experienciá-los em primeira mão. Mais, permitiu-nos ver a Turquia aos seus olhos, com conversas abertas sobre a dinâmica do país, a todos os níveis. Explorar a rica tradição de Istambul com um grupo de jovens da nossa idade possibilitou-nos, também, atingir um nível único de compreensão e interação com a cultura. Como em nenhum outro lugar do globo, sentimo-nos rapidamente em casa.

Outro fator igualmente importante foi o modelo de trabalho em grupos internacionais diversos, emblemático da conferência, que nos encaminhou para diversificadas formas de encarar e construir um projeto. Sob a temática “Beyond Borders”, percebemos a importância de transpormos as fronteiras europeias, promovendo a cooperação e o diálogo: chegámos ao fim da semana com a sensação de termos conhecido não só a cidade de Istambul mas também um pouco das vidas da Finlândia, de França, da Holanda, da Polónia, da Roménia e da Alemanha.

Retomando, assim, o começo: no final da semana, dizer adeus àquelas pessoas e à cidade custou e muito! Entre abraços e choros, deixámos em Istambul e na Europa muitos amigos e uma história partilhada que, para sempre, nos unirá intimamente.



“... percebemos a importância de transpormos as fronteiras europeias, promovendo a cooperação e o diálogo.”

“O ambiente inspirador, aberto e seguro para a construção de amizades entre escolas e alunos de toda a Europa que os alunos experienciaram constitui uma oportunidade única para crescerem em tolerância e na compreensão mútua e procurarem contribuir para a melhoria da qualidade das nossas escolas e para a manutenção da paz e do bem-estar na Europa.”

CONSTRUIR PONTES entre a Ciência e a Educação



Recurso à consciência fonoarticulatória para a escrita.

“Queremos ensinar de forma interativa, criativa, colocando os alunos no centro da aprendizagem, com uma abordagem multissensorial e diferenciada...”

Neurociências e educação

Mafalda Caeiro Terapeuta da fala

Construir pontes é importante para nos desenvolvermos, crescermos, comunicarmos e aprendermos.

O Homem constrói (na verdadeira aceção da palavra) pontes visíveis e muito concretas quando pretende unir duas margens de um rio mas também “constrói” pontes sob a forma de vínculos e ligações, em prol do crescimento e do aprofundamento.

Na Educação, criamos estas pontes com os colegas, alunos, famílias e conosco próprios. Arrisco-me a dizer que NUNCA FOI TÃO IMPORTANTE criarmos estas pontes. Numa altura de grandes mudanças sociais e humanas, as escolas, os professores e os vários agentes educativos têm que se reinventar, na busca de respostas mais efetivas e afetivas para os alunos do século XXI. Para tal, temos de nos desacomodar, pensar de forma diferente e estabelecer ligações que nos deem segurança e confiança. Estas mudanças requerem novas abordagens de ensino e aprendizagem, pautadas por evidências científicas e inovações.

Atualmente, a Neurociência já dispõe de um conjunto sólido de evidências científicas que podem contribuir para o campo da Educação. De facto, estas descobertas evidenciam que o suporte educacional adequado pode levar a mudanças positivas no cérebro e, portanto, na mente.

No Colégio Valsassina, mais concretamente no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita dos 5 aos 7 anos, já estamos a percorrer esse caminho, alicerçados nos dados científicos de que dispomos. Queremos ensinar de forma interativa, criativa, colocando os alunos no centro da aprendizagem, com uma abordagem multissensorial e diferenciada, concretizando as aprendizagens mais complexas como, por exemplo, o ensino dos sons/letras, através da consciência fonoarticulatória (img. 1).

No ano em que falamos das PONTES, orgulho-me de fazer parte desta equipa “construtora”, na qual os vários profissionais procuram, no seu dia a dia, fazer esta ligação entre as aprendizagens e as evidências das Neurociências.

Desta forma, promovemos diversos princípios e premissas para que este processo de ensino-aprendizagem melhore e, acima de tudo, se torne mais adequado às novas gerações e à sociedade do futuro.

“Quem ensina muda o cérebro do outro”.

Os Educadores (pais, professores e técnicos) são construtores de cérebros.

“A forma como cada um aprende é única”.

Cada um aprende de forma diferente, porque o nosso cérebro é diferente. No Valsassina, tentamos aplicar a diferenciação pedagógica, adaptando os planos de trabalho às necessidades de cada aluno, seja nos momentos de trabalho autónomo (em sala de aula), seja nos momentos de apoio.

“A interação social favorece a aprendizagem”.

O ambiente em sala de aula é favorável à interação social, promovendo-se o espírito de grupo e o trabalho em equipa e/ou em pequenos grupos .



Mostrar ao outro, explicar, estabelecendo interações sociais. Aprendemos muito mais e melhor quando explicamos e demonstramos a outros.

O uso da tecnologia, em demasia e de modo desadequado, pode levar ao comportamento multitarefa e ao processamento rápido e superficial das informações.

Por isso, incentivamos atividades que trabalhem o controlo inibitório (impulsividade), que levem os alunos a pensar, ouvir, ver e analisar, antes de darem uma resposta (img. 3). Usamos, ainda, estratégias que promovam a leitura profunda, com exercícios de varrimento de tabelas, *flashs* ortográficos e maratonas de leitura (img. 4).



Observar, experimentar, analisar e, com segurança, escrever.



Descoberta de palavras em tabelas de dupla entrada.

Sabe-se que o cérebro não processa adequadamente dois estímulos em simultâneo. O comportamento multitarefa diminui a atenção, compromete a memória de trabalho, leva à perda de foco, dificulta a compreensão da leitura e a capacidade de fazer anotações precisas, comprometendo a aprendizagem.

“A emoção orienta a aprendizagem”.

Emoção e cognição são indissociáveis. Por isso, desenvolver experiências significativas, cheias de emoção, vai gerar maior motivação, o grande motor da aprendizagem.

No Valsassina, o lançamento de cada som novo na disciplina de Português é realizado de forma lúdica, procurando deixar boas memórias nos alunos e, por isso, levando-os a armazenar as aprendizagens de maneira mais eficaz (img. 5). Sem emoção é impossível construir memórias, realizar pensamentos complexos, tomar decisões significativas e gerenciar interações sociais para aprender.

“Quando o corpo participa, a aprendizagem é mais efetiva”.

Movimento e cognição estão fortemente relacionados. Atividades práticas que integram o movimento nas situações de aprendizagem possibilitam ao estudante vivenciar, processar e registar experiências que mudam o cérebro de forma mais efetiva. Desta forma, tentamos diversificar o mais possível as estratégias e atividades em sala de aula, exigindo em algumas uma resposta motora, como levantar-se do lugar, ir tocar na boca certa de um dado som e voltar, ou levantar-se no som /l/ e bater palmas para o som /p/. Manter os alunos sentados e passivos não é o ideal para a aprendizagem.



Lançamento do som /v/ – bilhete para a viagem de avião para um dos destinos selecionados – Viena. Mas havia mais: Veneza, Valência, Vaticano e Viséu!

“Estabelecer uma ponte entre Neurociência e Educação é um passo essencial para que os professores adotem estratégias pedagógicas inovadoras e efetivas; os estudantes escolham práticas de estudo mais eficientes; os pais promovam situações que favoreçam a aprendizagem; e os gestores utilizem evidências científicas para fundamentar o desenvolvimento de políticas públicas que resultem em melhoria da qualidade da educação.” (Amaral, Ana Luíza Neiva / Guerra, Leonor Bezerra, in PORVIR)

EM DESTAQUE Pensar (n)a aula de Português – as pontes que ligam e nos ligam

Ana Sofia Couto Professora de Português

“Compraste livros e preenchestes prateleiras, ó Amante das musas. Significa isso que és agora sábio? Se comprares hoje instrumentos de cordas, plectro e lira, Julgas que o reino da música será amanhã teu?”

Décimo Magno Ausónio, Opúsculos, séc. IV d.C.¹

1 No início, era a semântica: pontes entre palavras e significados

No Ensino Secundário, o programa de Português atribui alguma relevância à semântica, isto é, ao estudo da “significação das palavras e expressões linguísticas e [d]as relações de sentido que estas estabelecem entre si”². Transformar em conhecimento explícito aquilo que se sabe sobre semântica passa, segundo as aprendizagens essenciais¹, por perceber que o sentido das palavras está associado à sua história (a uma identidade etimologicamente marcada) e por compreender, numa perspetiva sincrónica, que o uso determina esse sentido, na medida em que o significado é atualizado em cada enunciado que produzimos, sendo o conjunto desses significados o *campo semântico* da palavra.

É possível relacionar o que acabei de referir com a ideia de *construir pontes*. Quando comecei a refletir sobre o que iria escrever neste artigo, pensei nos vários sentidos que a palavra “ponte” pode ter sempre que falamos, ou seja, quando a língua *ganha vida*, e ocorreu-me que o tema desta edição, a “construção de pontes”, constitui uma metáfora cujo sentido decodificamos sem *transporte*, isto é, sem fazermos um caminho entre o sentido literal e o figurado. Interpretamo-la sem termos de percorrer um caminho cognitivo difícil, pois sabemos, quase de modo imediato, que falamos de um elemento que serve de *ligação* entre pessoas ou coisas. Neste sentido, é possível conhecer o significado da palavra sem pensar no seu campo semântico. “Ponte” como sinónimo de “ligação” é, portanto, uma metáfora que se *normalizou* – uma expressão cuja estranheza *domesticámos* há muito.

Fazer um caminho cognitivo mais demorado é aquilo que acontece quando deparamos com *metáforas vivas*, no terreno em que elas (sobre)vivem melhor: o do texto literário. O próprio Alberto Caeiro, que ria dos poetas doentes de metafísica e abominava as suas metáforas e personificações, usou uma analogia para se definir. Disse este poeta, estudado no 12.º ano, que era “pastor” e que “o rebanho [era] os [seus] pensamentos”⁴. Trata-se de uma combinação de palavras que obriga a fazer um *transporte* mais demorado, como se houvesse uma barreira erguida no nosso percurso. No fundo, somos obrigados a dar atenção ao discurso, às palavras, às coisas que elas querem dizer. Conseguir despertar esta consciência metalinguística nos alunos é, a meu ver, um dos grandes objetivos da aula de Português, nos ensinos básico e secundário. A reflexão sobre o léxico é feita desde sempre, e de

forma mais ou menos inconsciente. Conhecer as palavras passa por saber, também, brincar com elas, algo que as crianças, mesmo as de tenra idade, fazem. Na escola, a *brincadeira* terá de ir mais longe e, evidentemente, ter mais consequências.

Com as turmas do 8.º ano, foi possível, por exemplo, introduzir, a propósito da reflexão sobre textos literários e não literários, os conceitos de “monossemia” e “polissemia”. Do mesmo modo, durante a leitura de um conto como “Saga”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, procurou-se *ler/ver* o “naufrágio” do protagonista como realidade metafórica: os navios de Hans não naufragaram; os seus desejos, sim. Ou, nas palavras da Mariana (8.º C), o protagonista percebeu, a dado momento, que a sua vida “tinha mudado de rumo”. Estabelecendo uma *ponte* poética entre ciclos,

poder-se-ia encontrar em Bernardo Soares/Fernando Pessoa a descrição do que Hans sentiu: “– Naufrágios? Não, nunca tive nenhum. Mas tenho a impressão de que todas as minhas viagens naufraguei, [...]”⁵

Em suma, a natureza polissémica da palavra “ponte” ajuda a pensar no que deve acontecer na aula de Português. Esta deve ser o espaço privilegiado de reflexão sobre as palavras, a sua significação e, também, a sua história – algo que se pode privilegiar no 10.º ano, quando as noções de etimologia permitem o estabelecimento de pontes associativas entre vocábulos com o mesmo étimo. É na aula de Português que se pensa sobre a matéria dos nossos discursos, vendo-os como um *objeto* a analisar com curiosidade e – quando as aulas são tão bonitas que, nas palavras de Sebastião da Gama, parecem dadas “num ritmo de dança”⁶ – *paixão*.

2 Comparar e aproximar: pontes entre textos e formas de arte

A intertextualidade é uma *ponte* dialogante que os próprios textos literários criam ou que é construída nas aulas de Português, quer por sugestão do leitor mais experiente – o professor –, quer pelas vivências e *mundo* que os alunos trazem consigo. Na sua *Teoria da Literatura*, Aguiar e Silva⁷, num subcapítulo sobre a intertextualidade, fala de uma “tessitura polifónica”, expressão que resulta numa bonita imagem – textos são fios de vozes que se entrelaçam. Estabelecer *pontes/ligações* entre os textos deve ser um objetivo (e, simultaneamente, uma estratégia que pode suscitar o gosto) inerente à ideia de “Educação Literária”. Este objetivo aparece, de forma explícita, nos programas de Português, Literatura Portuguesa e Clássicos da Literatura (Ensino Secundário), nos quais são referidas estratégias que consistem na “análise de intertextualidades”⁸ e na “compara[ção] de textos em função de temas, ideias e valores”⁹.

No Ensino Básico, comparações e intertextualidade(s) podem surgir, num processo de *livre associação*, no diálogo em aula. Sem necessidade de dar nome ao que acontece, o professor pode ajudar o aluno a convocar conhecimentos e a estabelecer relações entre textos, histórias, formas de arte. O papel do professor, neste contexto, é o de ajudar o aluno a ganhar consciência das *pontes* dialogantes que podem ser estabelecidas. Numa aula de 8.º ano, por exemplo, as séries e os filmes que os alunos apresentaram como exemplo ajudaram a perceber, com maior clareza, conceitos como os de “analepse” e “narrador homodiegético”. Estabelecer a relação, percebendo as semelhanças, é apropriar-se do conceito; conseguir fazer a *ponte* com aquilo que existe para lá do contexto escolar, como fizeram o Daniel (8.º B), o Pedro (8.º A) e outros alunos, é compreendê-lo. Outra ideia que me ocorre, se nos limitarmos

a um entendimento mais restrito do conceito de intertextualidade, um entendimento limitado ao *texto*, é a possibilidade de, em final de ciclo, explicitar relações entre textos como *O Cavaleiro da Dinamarca*, “Saga” e *Os Lusíadas*. Não será a viagem a metáfora das metáforas?

Entre ciclos, impõe-se a *ponte* entre o Básico e o Secundário através da retoma dos autores “clássicos”, assim como pelo aprofundamento, numa lógica de *espiral*, dos conceitos/noções de gramática. A distinção entre complemento e modificador do nome, por exemplo, deve ter acontecido no início do Ensino Secundário. Na retoma de Camões, por outro lado, aprofunda-se, também no 10.º ano, o conhecimento da faceta lírica do autor e revisita-se o texto épico em busca da dimensão *disfórica* que dá outro sentido ao que se leu no final do terceiro ciclo e que, ao mesmo tempo, permitirá, mais tarde, encontrar em Cesário Verde “ecos” do mesmo lamento antiépico. Com Gil Vicente, o estudo de uma obra como a *Farsa de Inês Pereira* tornará pertinente a identificação de um alvo privilegiado na sátira vicentina – o clero –, algo que os alunos reconhecerão pelo estudo que fizeram da alegoria *Auto da Barca do Inferno*.

Para além das ligações evidentes que o estudo de certos autores torna inevitáveis, há *pontes* que podem surgir da vontade de pensar a partir dos textos, ganhando a forma de interrogações mais complexas e profundas, pertinentes no final de um percurso: *Que diálogo há entre autores que reivindicam superioridade literária a partir da ideia de sofrimento genuíno (tudo o que não é cantado apenas no “tempo da frol”, segundo o belo poema de D. Dinis¹⁰, ou tudo o que exige que o poeta se “rasgue”, nas palavras de Miguel Torga) e a conceção pessoana segundo a qual se deve sentir com a imaginação?*



Projeto de Leitura Lourenço Dourdil 8.º A

3 Interdisciplinaridade: pontes entre disciplinas

A transversalidade da língua não deverá transformar-se no imperativo de convocar a disciplina de Português para projetos diversos. Há algo específico na disciplina, que é o trabalho com o discurso, materializado em textos, trabalho esse guiado pelo objetivo de se *ver* o discurso e as relações entre as palavras, desenvolvendo consciência num plano metalinguístico. Para que ocorra este *deslocamento* até ao plano metalinguístico, o texto literário é o objeto de análise por excelência. É, com efeito, o tipo de texto que permite trabalhar a língua, explorar a polissemia, discutir/pensar, numa dimensão em que a ética e a estética podem cruzar-se, e, até, observar subversões e liberdades poéticas que contradizem o que as normas da gramática (e da vida?) estipulam. Neste sentido, a *ponte* com outras disciplinas dará fruto se for estabelecida com base na premissa de que a exploração do texto literário é enriquecida nesse diálogo.

No 8.º ano, pensou-se, para o 1.º período, num projeto de articulação entre as disciplinas de Português e



Ilustração relativa à "Saga" da autoria da aluna **Marta Louro** 8.º A

de Educação Visual que permitisse *ver em imagens* a vida de Hans, protagonista do conto "Saga". As perguntas que surgiram no diálogo com as professoras Mafalda e Margarida — *Que imagem de Hans teríamos se o pintássemos? Como seria, pintado, o mar sonhado por Hans?* — permitiram perceber que a ponte entre as disciplinas se poderia traduzir numa compreensão mais profunda da obra, conduzindo a uma reflexão sobre o mar enquanto símbolo da procura e do desejo infinito, ou seja, símbolo do grande *anseio romântico*: o de liberdade, a que a pintura e a literatura deram substância.

4 Leitura literária: a ponte entre o texto e a vida

Os versos de Décimo Ausónio que escolhi para epígrafe deste artigo aparecem no livro *Uma História da Leitura*, de Alberto Manguel. Quando os li, surgiu em mim, qual eco, o poema "Activista Cultural", de Sophia de Mello Breyner Andresen¹⁰. É um poema sobre pessoas que visitam museus como se seguissem um conjunto de passos preconizados numa lista, para a qual se olha com um objetivo definido: ser culto. Décio parece estar a dizer a mesma coisa, com interrogações retoricamente acusadoras. Ambos, afastados no tempo, mas próximos pela dimensão singular do pensamento, afirmam que existe, nessa sabedoria que a literatura e a arte nos proporcionam, uma experiência inalienável, na qual os nossos ganhos só são reais se estabelecermos uma ligação genuína com os textos e os objetos artísticos — se estes não forem meros adereços de vida. Neste sentido, quando é realizado o estudo de textos literários, um grande objetivo da aula de Português é duplo: criar leitores para a vida, mostrando que a natureza dos textos literários está num convite à reflexão, a qual exige ligação genuína e pode gerar prazer. Este é o prazer de pensar e de se pensar. Voltando ao Diário de Sebastião da Gama, Português é a "disciplina que mais serve para descobrir a personalidade do aluno, que mais serve para estar em intimidade com o aluno"¹¹.

Assim, sempre que existe leitura literária, deve o professor criar — mediante *tempestade de ideias*, dra-

matização, perguntas ao texto/a partir do texto, intertextualidade livre, interpelações (*e se fossem vocês?*) ... — um contexto em que o aluno-leitor se envolva com os textos, numa experiência emocional. Como escreve Sara Almeida Leite numa tese de doutoramento com o título *A Literatura como Experiência no Ensino Secundário: Ensaio sobre a Cegueira na Escola*, o aluno só se transformará num leitor para a vida se conseguir criar "laços de afetividade" com os textos, estabelecendo um "diálogo íntimo" com a sua consciência. A mesma autora relata a experiência de leitura de *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, durante a qual convidou os alunos a vendarem os olhos. É uma experiência bonita e que sintetiza, a meu ver, o envolvimento total que os textos literários exigem. Só deste modo terão "eco" em nós. Acredito que tal pode ter acontecido quando, numa aula de 8.º ano, vários alunos abandonaram a leitura por momentos — líamos acerca de Hoyle, um pai que queria decidir o destino do filho, deixando-lhe, como *herança*, os desejos em que ele próprio fracassara — e disseram, com voz triste: "os pais, muitas vezes, são assim".



Referências bibliográficas

CONSTRUIR PONTES Diálogos literários com a Literatura

Patrícia Rodrigues Professora de Português

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro/ E há [D. Dinis] e [Martim Codax] dentro d[e nós]

A Literatura pode e deve ser uma fonte documental que permite reconstruir a História, deve sugerir a representação de um quotidiano quer pertença a outro tempo ou a outro lugar. A Literatura pode e deve constituir uma ponte entre o que já fomos e o que somos e ajudar-nos a desenhar o futuro: "Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,/ Porque o presente é todo o passado e todo o futuro/ E há [D. Dinis] e [Martim Codax] dentro d[e nós]/ [E] Só porque houve outrora e foram humanos [D. Dinis] e [Martim Codax],/ [...] E pedaços do [Airas Nunes] do século talvez cinquenta,/ Átomos que hão de ir [parar aos nossos livros] do século cem,/ [Andam por este tempo que é agora o nosso, preparando-se para contagiar o futuro]". (Campos, Álvaro, Ode Triunfal, adp.)

É preciso celebrar a riqueza cultural que, tantas vezes, fica esquecida na noite dos tempos, como se fôssemos feitos apenas de presente, como se fosse possível afastar o passado daquilo que somos e do que poderemos vir a ser. Saibamos, por isso, "sábios incautos", reconhecer "todo o passado dentro do presente!" e "todo o futuro já dentro de nós! eia!", como nos cantou triunfalmente Campos quando elogiava a modernidade.

Desta forma, partimos da poesia trovadoresca para o nosso tempo e do nosso tempo para a poesia trovadoresca, inaugurando pontes, lembrando que sempre amámos ou estivemos apaixonados; que sempre nos sentimos tristes ou alegres; que sempre gostámos de nos divertir ou nos aborrecer com as obrigações; que sempre gostámos de nos rir e de tecer críticas. Na realidade, o Homem sempre teve inquietações na sua alma e se deixou deslumbrar pela beleza.

Os textos que se seguem são propriedade intelectual de alunos do 10.º ano, das variadas áreas, a quem foi lançado o desafio de a partir de outros textos, de comparações ou da sua reflexão, comprovar o carácter documental da Literatura Medieval para a reconstituição dessa mesma época quanto à vivência do quotidiano, do amor ou até da condição feminina.

De facto, as cantigas de amigo, ao debaterem-se sobre a vida amorosa de jovens raparigas, funcionam como mecanismos literários que demonstram as várias facetas sentimentais que tantas jovens vivem e viviam, indicando que a paixão e o amor podem manifestar-se de diversas formas, tanto com o desespero como com a euforia. O ponto de vista feminino não é, de todo, um conceito fácil de expressar e, mesmo através da linguagem direta das cantigas de amigo, as intenções da figura feminina para com o seu amado são das mais variadas e é por isso que este tipo de composição trovadoresca é tão rica e bela. **Júlia Mateus** 10.º 4



Intertextualização entre o poema "Quer'eu em maneira proençal" de D. Dinis e a canção "Makeup" de Agir. Trabalhos das alunas: Sofia Varandas 10.º 1A e Vera Paixão 10.º 1C

Através da análise da música de Agir e da cantiga de amor, é possível verificarmos que, atualmente, a mulher tem muito mais direitos do que tinha na Idade Média. Na música, é feita constantemente uma referência à quantidade e ao tipo de maquilhagem que a mulher usa para "corrigir as suas imperfeições", no entanto, na Idade Média, maquilhagem não era algo usado todos os dias e nem toda a gente conseguia ter acesso a ela, visto que apenas a usavam os nobres e os ricos da sociedade que queriam ter uma pele mais branca e mais cuidada que a dos camponeses, que ficava escura e envelhecida por estarem todo o dia ao sol.

Conseguimos ainda verificar que a mulher ganhou alguns privilégios, como a sua autonomia diária para poder sair à rua em qualquer circunstância e sem ninguém a acompanhá-la, como comprova o excerto da música "Makeup" "Quando ela vai sair", o que não acontecia há séculos atrás. **Rita Henriques** 10.º 1A



Cantigas de amigo no contexto atual. Trabalhos dos alunos: Beatriz Mendes 10.º 1A e João Castro, 10.º 1C

CONSTRUIR PONTES através de Saramago

Pontes saramaguianas entre o 7.º e o 10.º ano

Dando continuidade à celebração do centenário saramaguiano, no âmbito do seu Projeto de Leitura, as turmas de 7.º ano foram desafiadas a percorrer a ponte que as liga ao autor e cujos pilares foram construídos no ano letivo transato, agora, através da leitura da sua obra poética: *Provavelmente Alegria* e *Os Poemas Possíveis*.

O primeiro passo foi dado com a ajuda dos colegas do 10.º ano que, de forma entusiasmada, “invadiram” as aulas de Português e partilharam com os mais novos as suas experiências de leitura da obra de Saramago.

Através da apresentação dos alunos do 10.º ano sobre José Saramago, ficámos a conhecer algumas das suas obras e a perceber melhor a escrita do autor, nomeadamente a sua poesia, o que nos ajudou a não ficar tão nervosos com o facto de termos de ler a sua obra. **Camilla Silva 7.º D**

Eu penso que a visita dos alunos do 10.º ano foi muito importante, pois fez-nos ter outra perspetiva da obra de Saramago. Com eles, percebi que a poesia pode ser interessante e que, se fizermos um esforço, conseguimos compreender a mensagem de cada verso e de cada poema. **Tomás Caetano 7.º D**

A visita dos alunos do 10.º ano foi muito interessante para introduzirmos a leitura saramaguiana, pois fez-nos refletir sobre a poesia e a sua complexidade. Além disso, ajudou-nos a perceber a importância do vocabulário valorativo para a construção de textos de opinião e a descobrir as leituras que faremos nos próximos anos. **Laura Jardim 7.º D**

Ler Saramago: uma ponte que liga várias margens

Patrícia Rodrigues e Filipa Costa Professoras de Português

A Saramago pela obra que nos deixou

No ano em que continuamos a celebrar o centenário de José Saramago, não podíamos deixar de propor a leitura de algumas das suas obras, nomeadamente no 10.º ano, fazendo parte da lista proposta *Claraboia*; *Provavelmente Alegria*; *Todos os Nomes*; e a adaptação de João Amaral a novela gráfica do livro *A Viagem do Elefante*.

Depois de, no 9.º ano, terem iniciado a sua aventura saramaguiana através d'*As Pequenas Memórias*, encetando o início das comemorações, os alunos encerram agora esse ciclo com a leitura de obras mais complexas e sobre as quais elaboraram uma apreciação crítica, assim como a interpretação dos seus temas e do seu possível valor simbólico.

Assim sendo, aqui ficam alguns dos excertos dessas apreciações, tão ricas em espírito crítico e tão ricas pela aproximação que promoveram ao nosso Nobel.

Todos os Nomes é uma obra complexa e profunda do ponto de vista do leitor, que nos deixa abismados com a descrição e pormenor. O livro, além disso, é uma demonstração de sentimentos como a solidão e o desconhecimento que nos levam a perceber que um nome não define o que somos. **Matilde Monteiro 10.º 3**

Provavelmente Alegria é um livro de poemas que tratam a sociedade, a política, a religião, que têm características do realismo fantástico e são um manifesto ao protagonismo humano como solução para os problemas sociais. “Cada um de nós é por enquanto a vida./ Isso nos basta”, esta frase da contracapa resume os vários sentimentos dispersos que nos levam a refletir sobre o nosso quotidiano, fazendo-nos identificar tanto com a obra. **João Torres 10.º 1C**

A Viagem do Elefante, adaptação para novela gráfica por João Amaral, aborda temas como a História, Deus e a vida humana. Estes são de extrema relevância, uma vez que condicionam a forma como vemos o mundo: o seu passado, presente e futuro. **Ana Andrade 10.º 3**

Claraboia é uma obra sobre um grupo de pessoas que vivem no mesmo prédio e que nos convidam a entrar dentro de suas casas, partilhando o seu quotidiano connosco, com tudo o que isso implica. Esta obra permite-nos uma leitura lúdica, devido à linguagem utilizada e aos vários modos do discurso. **João Teixeira 10.º 1C**

CONSTRUIR PONTES entre a Literatura e a cidade

A entrar na Liberdade, vejo-me aprisionado.
Olhando apavorado: a alta sociedade,
Um grande vício paira no ar,
que ansiedade...
A loucura do património controla os pobres subordinados



Poema “Ser Cesário hoje!”, da autoria de **José Martins, Sara Ferreira e Rodrigo Pereira 12.º 2**

Em plena luz citadina
Onde domina a poluição
E não a razão
O passeio negro da pobreza predomina



Poema da autoria de **Carolina Conceição, Pedro Saraiva e Vasco Ministro 12.º 2**



Poema e trabalho da autoria de **Catarina Silva e Mafalda Cunha 12.º 2**



Poema e trabalho da autoria de **Leonor Falcão, António Trincão e José Pedro Carvalho 12.º 2**



E se Cesário, hoje, pudesse visitar Lisboa?

Patrícia Rodrigues Professora de Português

De inspiração realista, Cesário trouxe para a Literatura a realidade de sua contemporânea: a cidade industrial agitada e convertida num gigantesco aglomerado humano onde os prédios roubam a visão do campo ou onde a poluição e o “gás extravasado [enjoam], perturb[am]” (v. 6 da parte I do poema “Sentimento de um ocidental”). Não se poupou a alcançar temas de carácter político e social, mostrando a sua preocupação e empatia pela classe trabalhadora, profundamente desprivilegiada e esmagada por uma burguesia em ascensão.

No entanto, não foram poucas as vezes em que o sonho suplantou a realidade, transfigurando-a até; ou vezes em que o sonho, a memória e o imaginário épico o transportavam numa viagem saudosa pela memória do passado romantizado por uma ideia de glória e de aproximação a um campo que simboliza os valores morais, a salubridade e a energia que Cesário vê no seu tempo perdidos. E se Cesário, hoje, pudesse visitar Lisboa? Como a veria ele? Que preocupações demonstraria? Que sentimentos e sensações expressaria ao longo das suas deambulações acidentais? Se escrevesse o sentimento de um ocidental do século XXI, o que escreveria?

Foi a partir destas interrogações que partimos felizes a percorrer Lisboa – os seus cantos e recantos, as suas praças e avenidas – e a escrever ao jeito de Cesário, vestindo as suas características. O que se segue foi tudo o que resultou dessa experiência, dessa ponte entre o passado e o presente.

Em Lisboa, frente ao Tejo
Por ruas escuras, eis o rio largo
O sol morre cedo sobre o betão
E consigo arrasta o Tejo até à escuridão



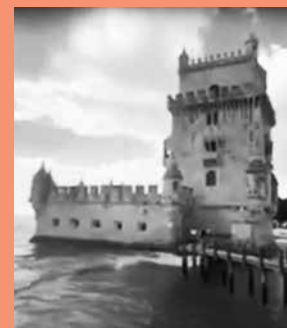
Poema e vídeo da autoria de **Carolina Conceição, Pedro Saraiva e Vasco Ministro 12.º 2**



Em Belém, entre as confusões e os marcos de vitória,
Vagueio num presente distante,
Relembro a sofrida história,
Onde a liberdade era escassa e a solidão constante.



Poema e vídeo da autoria de **Carolina Resende, Salvador Coimbra e Manuela Fonseca 12.º 2**



CONSTRUIR PONTES com escritores

Oficina de escrita com o escritor Ondjaki

Carla Caldeira Professora do 1.º ciclo



Nos dias 21, 22 e 23 de novembro, os alunos do 4.º ano tiveram a oportunidade de participar em oficinas de escrita criativa com o escritor Ondjaki.

Estas oficinas tiveram como objetivo principal desenvolver competências para a construção de narrativas, tornando os nossos alunos melhores “escritores”.

O escritor Ondjaki procurou desenvolver a criatividade dos alunos através do lançamento de um tema comum: “Debaixo de água”. A partir deste mote, foi lançada a ponte que iria unir as narrativas dos “pequenos escritores”.

Para além do tema comum, os alunos teriam que fugir do óbvio e criar um veículo que lhes permitisse fazer uma viagem no fundo do mar/rio. Foi-lhes ainda sugerido que pensassem num local de partida, num ponto intermédio da viagem e num destino à escolha.

Após a “chuva de ideias”, mediada por Ondjaki, os alunos puderam começar a desenvolver o seu processo criativo.

No decorrer da escrita, estiveram em liberdade de pensamento e produção, tendo o escritor como orientador.

No final, foi ainda possível ouvir algumas das histórias criadas pelos alunos. A imaginação e o entusiasmo estiveram presentes nestas oficinas desde o início e estas não poderiam ter terminado de melhor forma: além de se estimular a escrita e o gosto pela leitura, celebrou-se a liberdade de expressão individual. Convocaram-se os alunos a construir pontes: entre as suas ideias e os desafios de Ondjaki; entre ideias e palavras e entre histórias e ilustrações.

Partilhamos alguns excertos de um trabalho inicial que será, posteriormente, desenvolvido em parceria com os alunos do Ensino Secundário, que irão ilustrar as histórias criadas pelos colegas. Em conjunto, algo maior será criado.

Excerto de um texto da turma 4.º A

- Boa tarde, Ondjaki. Posso ajudar-te a fazer desaparecer o tédio? – perguntou a fada.
- Pode ser. – afirmou o Ondjaki, sem grande vontade.
- Está bem. O que hei de fazer para te animar? Já sei! Vou construir uma máquina do tempo com a minha varinha de condão. Vai chamar-se “Hydro@Génio” e vai ter quatro antenas: a climática, para saberes como está o clima e a temperatura da água; a do wi-fi, para poderes comunicar; a de rádio, para, no caso de o wi-fi não funcionar, poderes comunicar de outra forma; e a de eletricidade, para que a máquina funcione. E mais, esta máquina terá trinta e um lugares e dois poderes especiais: o primeiro é andar debaixo de água e o segundo é viajar no tempo. Mas atenção, só podes fazer duas viagens no tempo.
- informou a fada Oriana. (...)

Excerto de um texto da turma 4.º B

Finalmente consegui criar um veículo que funciona debaixo de água. Eu só tive de usar duas banheiras, uma por cima da outra, duas janelas, uma matrícula - 22-11-22 - e um tanque de oxigénio. Dei-lhe o nome de Lídia.

Liguei a televisão e fiquei a saber que o rio Tejo estava entupido. Fui modificar a Lídia e acrescentei dois braços robóticos de aço e quatro rodas. Disse à minha mãe que ia sair e que voltaria antes do jantar. Empurrei a Lídia com força até ao rio Tejo e entrei dentro de água.

Vi logo uma barreira de plástico, liguei os braços robóticos e comecei a agarrar um de cada vez. (...)



**Gostei muito dos dias
que passei no Colégio,
sobretudo pelo ambiente.
Fui recebido não só de
braços mas também de
corações abertos. Tanto
pelos professores como
pelos alunos.
Quero destacar a minha
agradável surpresa pelo
nível de vocabulário dos
alunos. A imaginação
está bem “colocada”.
Fiquei muito feliz e
gostaria de voltar.**

Ondjaki

Excerto de um texto da turma 4.º C

Os dois irmãos foram a nadar até ao submarino. Estava muito difícil, o furacão a puxá-los e eles a tentarem chegar ao submarino.

Mas, do nada, o submarino apareceu ao lado deles, entraram lá para dentro e começaram a andar a grande velocidade, conseguindo, assim, livrar-se do furacão.

- A esta velocidade chegamos lá em cinco minutos. – disse o Max.
- Estamos a chegar, já consigo ver o Polo Sul. Conta até trinta e, quando tu acabares, nós já lá estaremos. Começa a contar em três... dois...um, já!
- Um, dois, três, quatro, cinco... Chegamos! Sim, sim, conseguimos! E assim, a história tem de acabar, pois já não há mais para contar.

CONSTRUIR PONTES entre línguas

Aprender línguas: construir pontes e derrubar muros

Filipa Costa Professora de Português e de Francês
Viktória Perez Professora de Espanhol

Ao longo da nossa vida, podemos escolher entre erguer pontes, unindo uma margem a outra, ou construir muros, separando um território de outro. Se erguermos pontes, iremos unir coisas que, por algum motivo, vivem separadas e, com isso, aumentaremos o nosso conhecimento. Construindo muros, separaremos coisas que, eventualmente, poderiam estar unidas, aumentaremos divisões, isolamentos e, com eles, o desconhecimento. O ensino de uma língua estrangeira procura não só construir pontes mas também derrubar muros.

Na verdade, como afirma Strecht-Ribeiro (1998), uma “língua não acontece num vazio”, logo, quando um jovem estuda uma língua estrangeira, não aprende apenas vocábulos e regras gramaticais, mas envolve-se, de forma mais ou menos consciente, na construção de uma ponte individual, única e de sentido duplo que, por um lado, lhe dará acesso à cultura dos povos que a falam e, por outro lado, promoverá o seu autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

No 7.º ano de escolaridade, os alunos têm a possibilidade de aprender uma segunda língua estrangeira. Ao efetuarem a sua escolha, estão, sem o saber, a lançar a primeira pedra na construção de uma ponte cuja estrutura se pretende sólida, para que o percurso seja seguro, permita a abertura de novos caminhos e, através deles, o conhecimento dos outros e deles mesmos.

Falada por mais de 200 milhões de pessoas, a língua francesa está presente nos cinco continentes e é a segunda língua estrangeira mais ensinada no mundo. Por seu lado, a língua espanhola é falada por mais de 500 milhões de pessoas e é possível ouvi-la em três continentes. Estes são, portanto, importantes idiomas de conhecimento e de comunicação internacional.

De facto, a aprendizagem de uma língua é acompanhada por uma viagem cultural ao mundo da moda, da gastronomia, das artes, da ciência e da história. Essa viagem “favorece uma melhor compreensão dos outros (...) dando uma visão mais alargada do mundo, das coisas e das ideias.” (Bouton, 1975). Esta descoberta preparará os alunos “para aceitar na sua personalidade o impacto de outras línguas, de outras culturas e de outras civilizações” (Bouton, 1975), ajudando a formar jovens mais conscientes e mais tolerantes, capazes de atitudes mais positivas perante os outros, numa sociedade marcada pela diversidade linguística e cultural.

Para além da viagem cultural, a aprendizagem de uma língua promove, também, uma viagem interior, levando ao desenvolvimento global dos jovens. Com efeito, o contacto com outras línguas e outras culturas fomenta o desenvolvimento de algumas competências pessoais, tais como a autonomia, o espírito crítico, a criatividade e a autoconfiança (Strecht-Ribeiro, 1998) e ainda o desenvolvimento de algumas competências sociais e de comunicação (Dias e Mourão, 2005). Estas capacidades são, sem dúvida, fundamentais para

o bem-estar dos adolescentes, na medida em que promovem o seu ajustamento psicossocial, o estabelecimento e sucesso nas relações interpessoais e a capacidade de adaptação a situações novas.

Desta forma, nas disciplinas de Francês e de Espanhol, escolhemos erguer pontes. Escolhemos unir uma margem a outra. Escolhemos juntar coisas que, por algum motivo, vivem separadas. Escolhemos aumentar o nosso conhecimento. Escolhemos conhecer melhor e aceitar o outro e conhecemo-

-nos melhor e aceitarmo-nos a nós mesmos.

Estas pontes terão a exata extensão que cada aluno determinar. Poderão concluir-se no 9.º ano de escolaridade, ou ser aumentadas ao longo dos anos. Certamente, como qualquer ponte, terão pequenas imperfeições. Certamente, como qualquer ponte, necessitarão de manutenção. Mas, lançada a primeira pedra, pretendemos construí-las sólidas, para que cada percurso, mais curto ou mais longo, seja seguro e prazeroso.

“... o contacto com outras línguas e outras culturas fomenta o desenvolvimento de algumas competências pessoais, tais como a autonomia, o espírito crítico, a criatividade e a autoconfiança...”

Bibliografia

Bouton, C. P. (1975). *O Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Moraes Editores.

Strecht-Ribeiro, O. (1998). *Línguas Estrangeiras no 1.º Ciclo: razões, finalidades, estratégias*. Lisboa: Livros Horizonte.

Dias, A., & Mourão, S. (2005). *Inglês no 1.º Ciclo: Práticas partilhadas - Sugestões para projectos de ensino do Inglês no 1.º Ciclo*. Porto: Edições ASA.

A língua francesa é um idioma que sempre tive interesse em aprender. A partir da aprendizagem desta língua, acredito que criarei uma ponte para aprender outros idiomas que serão muito úteis para o meu futuro, tendo em conta que saber diversas línguas facilita o nosso percurso académico, permite a realização de intercâmbios e é muito valorizado no mercado de trabalho internacional.

Bento Borba 7.º A

Eu escolhi estudar francês, porque penso que é uma língua bonita e que esta me vai permitir construir várias pontes no futuro. Muitos países utilizam o francês como língua oficial e, se no futuro eu quiser viajar ou até mesmo trabalhar num deles, vai ser bastante mais fácil comunicar com os seus habitantes e entender a cultura do país.

Carolina Silva 7.º A

Com a aprendizagem de francês, eu procuro construir uma ponte que me permita desenvolver a capacidade de falar esta língua e, assim, por exemplo, quando for a países em que se fala francês, poder comunicar sem mal-entendidos.

Cristóvão Mateus 7.º A

Pensando no francês como uma ponte, eu penso que me levará muito longe: será mais fácil comunicar com outras pessoas e, então, eu poderei ir para muitos lugares diferentes. Tenho a sensação de que esta ponte me vai levar muito longe.

Daniel Antunes 7º A

En apprenant le français, je peux apprendre la culture et la langue françaises pour devenir plus cultivé, car je pense que la culture française est importante de nos jours. Cette langue m'appro-

chera aussi de la partie de ma famille qui est française et je veux apprendre à communiquer avec eux dans leur langue. Duarte Beirão 7.º A

França é um dos países mais poderosos da Europa e saber a sua língua leva-me até lá para descobrir a sua rica história e cultura. Paris, a capital, é uma das cidades mais importantes do mundo e saber francês é uma ponte para chegar a Paris. Pelo mundo inteiro, há países cujas pessoas falam francês, por isso, o francês é uma ponte que nos aproxima do mundo. Joana Sabé 7.º A

A língua francesa pode erguer-me várias pontes, se bem aprendida. Conseguirei entender filmes, músicas e até peças de teatro nessa língua... Poderei ir estudar para França ou para outros países francófonos e aí comunicar com os seus habitantes. Poderei até viver lá para o resto da minha vida. Em alternativa, poderei trabalhar numa empresa francesa em qualquer canto do mundo.

Miguel Briosa 7.º A

A língua francesa é uma ponte para o futuro de todas as pessoas, pois é uma língua muito popular no mundo, tendo muitos países que a falam em todos os continentes. Escolhi aprender francês, pois gostaria de ir estudar para França, logo é a língua ideal para aprender. Pedro Nunes 7.º A

A aprendizagem de espanhol permite que 538 milhões de pessoas com matrizes culturais muito diferentes comuniquem entre si. Vasco Martins 9.º B

A língua espanhola cria pontes através da comunicação entre diferentes populações, conectando as pessoas e fazendo ligações. João Souto 9.º B

CONSTRUIR PONTES através dos livros

A biblioteca como pilar de uma ponte em construção

Manuela Santos, Carla Caldeira, Cila Batista e Patrícia Rodrigues
Equipa operacional da Biblioteca



A Biblioteca Escolar desempenha um papel de apoio na construção contínua do conhecimento, sendo a fundação a partir da qual podemos aspirar a formar cidadãos responsáveis, com pensamento crítico e capazes de utilizar suportes de informação, em contexto formal e informal. A equipa das Bibliotecas do Colégio Valsassina trabalha de forma colaborativa com toda a comunidade escolar, desde o Jardim de Infância ao Ensino Secundário, apoiando os programas curriculares e promovendo atividades em prol das aprendizagens e do sucesso dos alunos.

O início do ano letivo é um momento de adaptação.

Ao longo do mês de outubro, a partir do tema do Mês Internacional da Biblioteca Escolar (MIBE) “Ler para a Paz e Harmonia Globais”, realizaram-se encontros frequentes com livros de histórias importantes para a formação da identidade dos nossos alunos enquanto agentes ativos na construção de um mundo melhor. Com os livros expostos possibilitou-se o contacto com a mensagem e a permanência da imagem. Deu-se também continuidade aos projetos “Uma história por dia faz magia” e “A Biblioteca vai a Casa”, dinâmicas promotoras da partilha de ideias e da criação de hábitos de leitura, quer na sala de aula, quer entre a escola e as famílias. Estes projetos proporcionam envolvimento afetivo e social.

Construindo PONTES, os alunos da turma B dos 5 anos visitaram a Escola Luísa Neto Jorge, no âmbito de um projeto de “Troca de Histórias”. Nesta visita, foi feita a apresentação de uma história criada e ilustrada pelos alunos, numa experiência de troca de ideias, de conteúdos e, acima de tudo, de

envolvimento pessoal e social.

No 1.º ciclo, os alunos foram convidados a participar em atividades desenvolvidas em parceria com o Arquivo Municipal de Lisboa que visam sensibilizar para o conhecimento e a memória da cidade, levando à promoção da investigação e do sentido crítico, para além dos habituais percursos casa – escola.

A Biblioteca promoveu intercâmbios entre alunos de escolas de Lisboa e alunos da escola Portuguesa de Macau, um projeto promovido pela Fundação Jorge Álvares que visa fomentar o contacto dos alunos com a cultura, os costumes e as tradições da China e de Macau.

Realizou-se um encontro com Daniel Completo, autor de uma vasta e significativa obra de canções para crianças, em parceria com vários escritores. Neste 1.º período retomámos a “Feira do Livro” presencial, onde os alunos, com os pais, puderam enriquecer as suas bibliotecas pessoais.

O MIBE foi, sem dúvida, um mês muito rico em experiências literárias. De entre elas, destacamos a participação no desafio da criação de marcadores lançado pela *International Association of School Librarianship*.

No liceu, foi pensado um “Clube de Leitura”, em que os alunos podem partilhar histórias, personagens, autores, passagens favoritas, descobertas interiores ou até pensamentos vãos. Sair da sala de aula, do formalismo imposto e do currículo é algo que pode ser muito positivo para os alunos, pois permite-lhes, sem imposições, dedicar-se à descoberta da leitura. O “Clube de Leitura” pretende ser um local onde ler seja um prazer, construindo pontes entre o livro e o leitor.

Assim sendo, podemos afirmar que as Bibliotecas do Colégio se têm tornado organismos vivos e centrais na nossa comunidade, empenhadas em promover e desenvolver a literacia das nossas crianças e jovens, fator fundamental para fomentar o seu pensamento crítico e levá-los a ser cidadãos ativos na sociedade.

Os livros e a leitura são grandes impulsionadores da descoberta do passado e do sonhar o futuro, inspiram a dialética entre a realidade e a utopia, ora salvando-nos da verdade através da utopia, ora salvando-nos da ignorância mostrando-nos a realidade.

Uma Biblioteca...

É um local onde há muitos livros. Se gostarmos muito do livro podemos ir a um sítio comprar e levar para casa.

João Botton (5 anos)

É um espaço que tem muitos livros.

António Francisco (5 anos)

Tem muitos livros, onde os podemos ver e não tem barulho nenhum.

Gustavo Santos (5 anos)

Ajuda-nos a aprender melhor as coisas.

Clara Teixeira (5 anos)

É para fazer silêncio para não distrair as pessoas.

Xavier Nunes (5 anos)

Tem muitos livros para as crianças.

Gabriel Lourenço (5 anos)

É onde podemos ler livros em paz.

Pilar Ribeiro (5 anos)



Sessão com a autora e ilustradora Danuta Wojciechowska

Sobre o encontro com o escritor David Machado

O David Machado provou que a força da imaginação é mais forte que todas as ações e palavras. **Manuel Vieira 3.º A**

David Machado disse que a nossa imaginação é muito poderosa. Aprendi que ler coisas novas é muito divertido. **Isabela Almeida 3.º B**

Aprendi com o David Machado foi que podemos fazer uma história com a nossa imaginação e com os nossos sonhos. **Diogo Santos 3.º B**

Sentimo-nos motivados para a leitura de mais livros. Também despertou em nós muita criatividade, deu-nos vontade de escrever mais. **Vasco Almeida e Martim Azevedo 3.º C**

Gostámos muito da visita do David Machado. Ficámos motivadas ao ler os seus livros. As suas histórias desenvolvem a nossa imaginação e criatividade.

Leonor Pinto Coelho, Maria Luísa Ribeiro e Madalena Falcão 3.º C



Sessão com o escritor David Machado

Sessão com o autor Daniel Completo

Sobre o encontro com a escritora Danuta Wojciechowska

Gostei muito de ouvir a Danuta a contar histórias da sua infância e como se inspira para a arte. As suas ilustrações orientam-me quando desenho. **Catarina Vasconcelos 4.º A**

A Danuta tem uma criatividade enorme e sabe expressar um texto a partir de uma simples imagem. Adoro o seu trabalho! **Marta Mendes 4.º B**

O que achei interessante no trabalho da Danuta foi que, a partir da escrita do escritor, podíamos expressar com a nossa imaginação. **Margarida Gouveia 4.º B**

Gostei muito da Danuta nos ter falado sobre a importância da paz. **Sofia Pequito 4.º B**





Prémio literário Maria Alda Soares Silva

Maria Alda entrou no Colégio em 1965. Foi professora de Português e Francês, investigadora, autora de manuais e livros. Integrou a Equipa Diretiva desde o tempo de Frederico Valsassina Heitor até julho de 2020. Foi ainda Diretora dos Departamentos Didáticos do Colégio Valsassina entre 2010 e julho de 2020.

A relevância do seu percurso e importância para a história do Colégio justificaram a criação de um Prémio Literário em sua homenagem. Na edição 2022 deste Prémio, o júri foi composto pela Professora Mónica Silva (em representação do Departamento de Português do Colégio), a escritora Isabel Alçada e o professor e jornalista António Luís Marinho.

O júri deliberou a atribuição do 1.º Prémio ex-aequo aos alunos **Inês Paixão (11.º 3)** e **Henrique Rodrigues (12.º 1A)**.

O júri atribuiu, também, três Menções Honrosas, aos alunos: **Carolina Gomes (10.º 1A)**, **Manuel Sá Peres (8.º C)** e **Vasco Isidoro (8.º C)**.

Publicamos nesta edição da Gazeta Valsassina o texto da Inês Paixão. Na próxima edição será a vez do texto do Henrique Rodrigues.

Apesar de, em geral, nenhum dos meus vizinhos gostar da nossa morada, eu sentia-me verdadeiramente em casa desde que para lá me tinha mudado. Foi em 1932, quando deixei de conseguir suportar os custos de um modesto e solitário apartamento, e o que encontrei nas margens do rio Hudson. Não foi muito diferente do que era a minha anterior companhia postal.

Junto ao largo buraco que escavei e que cobri com um pedaço de metal rejeitado, vivia uma mãe com três filhos rapazes, viúva, tal como a Miss Amanda, do número 40. Eles tinham uma casa bem melhor que a minha: não era um buraco, mas sim uma complexa construção em caixotes de madeira e de cartão, com uma porção de tecido remendado a fazer de porta. Descobri, em conversa com Jeff, o meu vizinho de trás, que aquela infraestrutura havia sido erguida pelo outrora marido e pai, que sabia de construção num grau de mestria. Eu não sabia, o que era uma pena: os meus esforços de reproduzir uma casa como a deles falharam drasticamente e todas as noites acordava sem teto porque o vento o levava. Um buraco, contudo, permitia-me dormir até mais tarde, aliás como nunca havia

dormido – já a família ao lado era sempre desperta pela primeira fresta de sol da manhã.

Do outro lado do buraco, vivia o Henry, um homem profundamente resmungão, mas nunca para com os outros, só para si – quando resmoneava, era impossível perceber o que dizia; quando não resmoneava, não falava de todo. Nem toda a gente gostava dele – chegou-se mesmo a falar em enviá-lo para os bicos e as esquinas de Nova Iorque –, mas isso foi até perceberem a utilidade que ele teria para os mais próximos: sapatos. Ele era meio nómada: enquanto uns, como o Jeff, passavam o dia cuidando do seu quintal de subsistência, o Henry desaparecia cedo e voltava tarde. Passava o dia a caminhar junto ao rio, para lá e para cá, mas só retornava ao nosso quarteirão mesmo quando o sol ameaçava cair. Um dia, quando voltou, trouxe consigo sapatos. Eram artefactos rudimentares, mas que evitavam feridas na planta dos pés, essenciais para quem passava os dias como ele. O filho mais velho da viúva do lado foi o primeiro a experimentá-los, quando espetou um prego num dos pés e, com medo, nunca mais quis colocá-los no chão – então Henry passou lá por casa e ofereceu-lhe os dele;

no dia seguinte, regressou com uns novos, e todos lhe pedimos uns também, que foram sendo feitos aos poucos. Ao fim de um mês, todo o quarteirão tinha um par de Jeffs.

Anthony, o meu antigo vizinho de cima, também era sapateiro. Gostava que ele se tivesse mudado para aqui comigo, mas várias vezes me lembro do momento em que o vi passar em queda livre pela minha janela, um par de semanas após ter encerrado a sua sapataria. Apesar disso, aquele de quem sentia mais falta era de John, sem nunca, na verdade, ter tido a certeza de que esse era o seu nome. Se tivesse de apostar, diria que não foi mais do que um palpite que um dos meus antigos vizinhos arriscou. John era um louco que cambaleava diariamente à entrada do nosso prédio e que, talvez temendo o que tratá-lo por o louco poderia desencadear caso ele o ouvisse, rapidamente se tornou John para todos. Contudo, a loucura de John era diferente do que se via na época em Nova Iorque: ele não era louco pela bebida, ele era louco pela verdade.

As pessoas olhavam-no de lado pelos seus modos exorbitantes, mas sobretudo pela coerência do seu discurso – com a veemência com que um doente mental trava um diálogo com uma personagem imaginária, John não dizia nada senão a verdade crua. Sim, ele berrava as falhas do capitalismo, pregava a necessidade de reforma... Com a sua figura hedionda captava a atenção das gentes da zona. E, nos milhares de novos vizinhos que ganhei depois da Grande Crise, faltava-me um John.

A imensidão de rejeitados que éramos era conformada. Sabíamos que os ricos nos toleravam,

sabíamos que os menos favorecidos que ainda se aguentavam do lado de lá temiam ser os próximos a ir ali parar e só por isso nos deixavam lá ficar. E, como tudo o que avistávamos de costas para o rio era um caos, deixá-los ficar voltados para ele. E ninguém mostrava querer que fosse de outro modo. Tínhamos consciência de que poderíamos encontrar emprego lá dentro, mas continuávamos a sobreviver, ao colo da esperança de que tudo iria acabar. No entanto, a certo ponto, gostamos do modo como as coisas são, por mais horríveis que sejam; na mente, desejamos que tudo se altere para melhor, mas estamos confortáveis naquele lugar porque nos faltam os esforços para o fazer; e, a certo ponto mais à frente, pensamos mesmo que aquilo é tudo o que há para viver.

Lembro-me nitidamente do dia em que o buraco sem sol incomodativo de manhã, a Miss Amanda da casa de madeira, o Henry sapateiro deixaram de me fazer sentir em casa. Mas ainda mais nitidamente me lembro do dia em que também eu me conformei com tudo aquilo – o dia em que, ali por perto, escutei o desconformado que procurava, gritando:

– Alguém que mate o Hoover! Ponham fim ao Hoover!



Intervenção da aluna Inês Paixão, aquando da entrega do prémio literário Maria Alda Soares Silva



CONSTRUIR PONTES entre a memória e o futuro



Fonte: <https://teatrotrindade.inatel.pt/>

**“... lembrar a
necessidade de
exercermos a
nossa cidadania
de forma atenta,
participativa e com
responsabilidade ...”**

Convocar a Memória. A História de Anne Frank

Daniela Louro Professora de História e de Cidadania e Desenvolvimento

A escola deve ser capaz de criar situações de aprendizagem inovadoras, experiências motivadoras que impulsionem nos alunos o gosto pela descoberta, que instiguem a curiosidade científica e a valorização do conhecimento, que sejam instrumentos de transformação pessoal e social, que os tornem capazes de responder aos desafios atuais e de contribuir para a construção de um mundo mais justo.

Nesse sentido, são amplamente conhecidas as potencialidades da arte em geral e do teatro em particular. O teatro desperta os sentidos, desafia os valores da sociedade vigente, coloca-nos no lugar do outro, experienciando emoções e questões da vivência humana que escapam aos nossos olhos. Essa tomada de consciência causa-nos inquietação, desperta-nos um olhar mais reflexivo, promove o sentido crítico e, assim sendo, contribui para a construção e para o desenvolvimento individual.

No dia 6 de outubro, 92 alunos do 9.º ano e do 12.º ano, acompanhados por 10 professores, assistiram à peça de teatro *O Diário de Anne Frank*, atualmente em cena no Teatro da Trindade. Esta peça resulta da adaptação da obra literária homónima, um dos relatos mais impactantes sobre a perseguição dos judeus pela Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial.

O *Diário de Anne Frank* foi publicado pela primeira vez em 1947. Escrito por uma adolescente judia, Anne Frank, narra o quotidiano de dois longos anos em que foi forçada a esconder-se num anexo, juntamente com os seus pais, irmã, um casal amigo com um filho e um conhecido. Em 1944, são descobertos pelos nazis. A poucos meses do final da Guerra, todos morrem, exceto o pai de Anne.

No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, em 1945, um cenário apocalíptico de destruição e de morte ensombra a Europa e o mundo. Derrotara-se o fascismo e o nazismo, mas toma-se consciência de horrores inimagináveis, nunca antes perpetrados com tamanha brutalidade: cerca de 60 milhões de mortos (metade civis), a aniquilação nuclear, cidades inteiras em ruínas e, claro, a morte de mais de 6 milhões de judeus no Holocausto. Tratava-se do colapso civilizacional.

As ondas de choque do pós-guerra ditaram uma reflexão coletiva que mudaria o mundo e a humanidade: julgaram-se alguns dos crimes cometidos no Tribunal de Nuremberga; impuseram-se mecanismos de controlo, de regulação e de ordem sobre a crueldade e a barbárie cometidas contra os povos; aprovou-se a “Carta da Declaração dos Direitos Humanos”, que delineou os direitos humanos básicos e universais; e criou-se a Organização das Nações Unidas (ONU), como garantia da paz no mundo.

De facto, não podemos mudar o curso da História.

Por que razão é, então, volvido mais de meio século, imperativo lembrar Anne Frank? Por que motivo é necessário perpetuar a sua memória?

**“Por que razão
é, então, volvido
mais de meio
século, imperativo
lembrar Anne
Frank?”**

Evocar Anne Frank é recordar os perigos da banalização da violência sobre as minorias, da desconfiança e do ódio pelo outro.

Trazer à memória Anne Frank é, por isso, recordar a fragilidade das nossas democracias que deviam ser um constructo social, mas são postas em causa a cada adversidade, a cada crise económica severa, onde o ódio, a culpabilização e a intolerância ressurgem. É lembrar a necessidade de exercermos a nossa cidadania de forma atenta, participativa e com responsabilidade, porque a neutralidade e a indolência minam as instituições democráticas. É recordar que o mundo de hoje é, ainda, um lugar de muitas desigualdades e injustiças, de perseguições étnicas e religiosas, de sofrimento e de guerra. É perceber a necessidade de nos mantermos constantemente em estado de alerta, como garantia do nosso futuro, como salvaguarda de uma sociedade justa, democrática e humanista, onde todos têm lugar.

Por isso, preservemos o seu legado. Devemos-lhes isso. Aos Frank e a todos os que sofreram e sofrem a crueldade em todas as suas dimensões.

O teatro, uma ponte que liga ao passado e ao futuro

Crónica da turma 9.º B sobre a peça *Diário de Anne Frank*

**“É maravilhoso ninguém precisar de esperar um
único momento para melhorar o mundo.”**

Anne Frank



Fonte: www.e-cultura.pt/

Ouvimos os nossos nomes, pegámos nos nossos bilhetes e entrámos no edifício. Percorremos o longo corredor dourado, entrámos pela porta forrada a veludo azul, sentámo-nos em cadeiras confortáveis e ficámos de frente para um palco cujo cenário aguardava pacientemente o início da representação.

Num ímpeto, as luzes extinguíram-se e os atores emergiram: a representação havia começado. João Reis, na personagem de Otto Frank, em lágrimas, lê amargamente o diário que a sua filha, Anne Frank, escrevera entre 1942 e 1944, quando, juntamente com a sua família, a família Van Pels e Fritz Pfeffer, se encontrava enclausurada num anexo.

Em poucos minutos, guiados pela leitura das palavras da jovem rapariga, percorremos uma ponte que nos levou ao passado, um passado marcado pela ignorância, pelo preconceito e pela xenofobia, um tempo em que guerra e resiliência se misturam, em que sofrimento e esperança se fundem, em que destruição e reconstrução se associam. Um passado que vitimou mais de 6 milhões de judeus, apenas porque o eram.

Durante duas horas, assistimos a uma tragédia vivida no contexto do Holocausto e refletimos sobre as injustiças que se viveram naquela época. Paralelamente, assistimos a dois anos da vida de oito pessoas de origem judaica que, privadas da liberdade, se sujeitaram a restrições inimagináveis e desumanas, vivendo um quotidiano desafiante e mantendo contacto com o mundo exterior apenas através de Miep e



Fonte: <https://teatrotrindade.inatel.pt/>

“Apenas a ponte que nos liga ao passado, à nossa História, pode melhorar o presente. Podemos ainda construir pontes diferentes para o futuro.”

Henk, dois amigos da família Frank. Neste contexto, criaram-se as circunstâncias perfeitas para assistirmos igualmente às imperfeições do ser humano: assistimos a desabafos e a desacatos, a afetos e a discussões, a atitudes marcadas pela amizade e pelo amor, mas também pela ganância, pelo egocentrismo e até, ocasionalmente, pela violência.

Cada vez mais consciente da sua realidade, Anne, uma jovem da nossa idade, sonhadora como todos nós, escreveu no seu diário, a 15 de julho de 1944: “É difícil em tempos como estes: crescem dentro de nós ideais, sonhos, esperanças, que são esmagados pela cruel realidade.”¹ Esta passagem não foi reproduzida na peça, mas foram lidos vários outros excertos, intercalados com uma fabulosa representação que culminou com a descoberta de todos os habitantes do anexo pelos Nazis, ainda em 1944.

De forma brilhante, nas duas horas que nos levaram ao passado, Beatriz Frazão representa, em palco, Anne Frank. Com uma sinceridade ímpar no relato das suas experiências de vida e uma ingenuidade própria da idade, Anne Frank representa, por sua vez, simultaneamente, todos os jovens que têm sonhos e todos aqueles que experienciaram as atrocidades da Segunda Guerra Mundial.

Terminada a atuação, percorremos novamente a ponte que nos levava ali, mas, desta vez, no sentido oposto. Regressamos ao presente, um presente demasiado próximo do passado, também ele marcado pela ignorância, pelo preconceito e pela xenofobia, atitudes que continuam a vitimar pessoas.

O receio invade-nos. Imaginamo-nos em guerra, em pânico, ansiosos, sempre preocupados, sempre aterrorizados. Imaginamo-nos num espaço em que a nossa própria casa já não é segura. Imaginamos como nos sentiríamos se não tivéssemos escolha, se tivéssemos apenas tido o azar de ter nascido em determinada época ou em determinado local. Não mereceríamos isto. Anne não mereceu. Ninguém merece. Teremos nós tido, simplesmente, a sorte de ter nascido no sítio certo, na altura certa? Terá Anne tido, somente, o azar de ter nascido no sítio errado, na altura errada? Será que, no futuro, a história vivida por esta jovem no passado e por tantos jovens no presente poderá repetir-se connosco? Ou com os nossos filhos? Ou com os nossos netos? Será este o mundo que queremos construir?

O nosso tempo é outro, é um tempo diferente, mas a discriminação e a exclusão não acabaram com a Segunda Guerra Mundial. Ainda hoje pessoas como nós são discriminadas pela sua religião, raça, situação económica, orientação sexual e muitas outras características que as individualizam e as tornam únicas. No presente, ainda existem guerras e ainda existem pessoas em sofrimento por múltiplas razões.

Cabe-nos a nós, enquanto cidadãos, informarmo-nos do que se passa na atualidade, compararmos essa realidade com o passado e formarmos as nossas próprias convicções. Apenas a ponte que nos liga ao passado, à nossa História, pode melhorar o presente. Podemos ainda construir pontes diferentes para o futuro. Talvez, no futuro, estas pontes façam apenas parte dos manuais de História! Como referido pelo filósofo irlandês Edmund Burke “Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la”.

¹ Anne Frank, *O Diário de Anne Frank* – versão definitiva, Oeiras: Livros do Brasil, 2015, p. 436.

CONSTRUIR PONTES

entre ficção
e realidade

PNC
PLANO NACIONAL DE CINEMA

“Este projeto fomenta, ainda, a construção de pontes entre realidade e sonho e entre emoções, (...) permitindo-nos acreditar que podemos (re)construir a nossa realidade a partir dos nossos sonhos.”

O cinema como ponte para o conhecimento, o sonho e a emoção

Victória Pérez Professora de Espanhol. Coordenadora do projeto “Plano Nacional de Cinema” no Colégio Valsassina

Em 1895, em Paris, pela primeira vez, um grupo de espectadores fugiu espavorido de uma sala em que fora exibida a primeira brincadeira dos irmãos Lumière: um comboio investia sobre os presentes a partir do plano do ecrã gigante. Desde então, não há quem não tenha chorado, rido, tremido de medo, de paixão e de entusiasmo, não há quem não tenha experienciado emoções com personagens e paisagens ao longo do tempo e do espaço numa sala cinema.

O Colégio Valsassina integra, há um ano, o *Plano Nacional de Cinema* (PNC) no seu quotidiano, uma iniciativa das áreas governativas da Cultura e da Educação, operacionalizada pela Direção-Geral da Educação (DGE), pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema (CP-MC), tendo como missão “criar junto do público escolar as condições para que possa desenvolver-se o gosto pelo cinema, valorizando-o enquanto forma de arte, e promover um programa de literacia para o cinema e de divulgação de obras cinematográficas nacionais.”

Nesse sentido, a equipa docente do Colégio, ciente do caráter extremamente apelativo e das potencialidades da imagem fílmica junto dos nossos alunos, tem recorrido aos materiais e informações disponibilizados por esta equipa de trabalho, com o objetivo de promover a utilização de produções audiovisuais como instrumento de aprendizagem em sala de aula, fomentando a construção de uma ponte para a articulação e a flexibilização curricular através do cinema.

Por outro lado, este projeto constitui também uma ponte para outros espaços e outras culturas, para o passado e para o futuro, dando-nos consciência de como vivem outros povos e de como fora a vida noutras épocas, abrindo, assim, caminhos para construirmos o mundo que pretendemos. Este projeto fomenta, ainda, a construção de pontes entre realidade e sonho e entre emoções, mostrando-nos a realidade de uns e os sonhos de outros, permitindo-nos acreditar que podemos (re)construir a nossa realidade a partir dos nossos sonhos.

No passado, era inimaginável viajarmos para outros locais e outros tempos através de uma tela. Só que alguém imaginou! E, apesar de muitos terem, certamente, rido da futurista ideia, esse alguém acreditou num sonho “impossível”. O que queremos nós sonhar aqui e agora?

A história fílmica é um registo dos nossos passos, instrumentos e fins, uma nova linguagem universal através da qual ainda há tanto por contar e para aprender.

CONSTRUIR PONTES através do diálogo



Temos de falar!

Paula Gonçalves Professora de Português e José Rainho Professor de Informática

Num tempo em que, cada vez mais, as novas tecnologias exercem um impacto maior na sociedade e na educação, é fundamental que estas constituam uma ferramenta pedagógica inovadora e flexível e que fomentem a curiosidade, a criatividade e o juízo crítico.

A capacidade argumentativa e de exposição de ideias e opiniões é também uma *soft skill* cada vez mais importante no mundo dinâmico em que vivemos. Desde muito cedo na educação de cada aluno, o Colégio Valsassina procura estimular essas competências, através de apresentações orais de pesquisas ou trabalhos.

O trabalho cooperativo constitui também uma mais-valia para os nossos alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de conciliar ideias, pontos de vista e valências diferenciadas e levando-os a interiorizar os conceitos de partilha, cooperação e responsabilidade.

Deste modo, nasce o podcast *Temos de falar!* que pretende, acima de tudo, partilhar conteúdos e servir de instrumento de divulgação de novidades, ideias e opiniões acerca de assuntos diversos, podendo ser também uma ferramenta na promoção da interdisciplinaridade. O nome relembra não só a necessidade premente de nos expressarmos, de partilharmos com os outros o que sabemos e sentimos, mas também a importância da prática do diálogo enquanto estímulo à liberdade de expressão e ao exercício de uma cidadania ativa em que cada um se sinta parte do processo educativo.

Este projeto pretende ser uma ponte entre os intervenientes, os ambientes e os recursos educativos de toda a comunidade escolar, permitindo a criação de uma rede mais ampla de partilha de experiências e de conhecimentos, promovendo o respeito pela diferença.

Em todas as emissões, os alunos assumirão o papel de “repórteres de campo” e trabalharão em equipa para recolher, junto de colegas, funcionários e professores, opiniões sobre o assunto dessa edição. O programa será depois conduzido, em estúdio, pelos professores Paula Gonçalves e José Rainho, que, além de divulgarem notícias e eventos relevantes para a comunidade escolar, irão também receber convidados variados com quem debaterão temas atuais e, esperamos, interessantes.

Num mundo tecnológico e acelerado, em que as transformações sociais estão a influenciar o modo como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos, é urgente criar espaços para estar, para ser, para escutar, para compreender e para respeitar; é urgente falar mais, ouvir mais!

Comunidade escolar do Colégio Valsassina... Temos de Falar!

“... prática do diálogo enquanto estímulo à liberdade de expressão e ao exercício de uma cidadania ativa...”

CONSTRUIR PONTES entre diferentes visões

“... na concretização deste trabalho, quebrar fronteiras entre os diversos países e continentes, aprofundando o conhecimento acerca da situação política, social e económica.”



Fonte: Andrew Stutesman, unsplash

Conhecer o mundo político do século XXI

Luís Marinho Professor de Ciência Política e de Cidadania
Alunos de Ciência Política 12.º 2 e 12.º 3

Um mundo em profunda mudança e com alterações cada vez mais inesperadas e rápidas, dos pontos de vista político, económico e social, é o tema de pesquisa e análise do projeto anual para Ciência Política: O Atlas do mundo político do século XXI.

Em que mundo vivemos?

É, em suma, a resposta a esta pergunta que os alunos de Ciência Política se preparam para dar, num projeto ambicioso que se vai prolongar por todo o ano letivo, com conclusão prevista para maio do próximo ano.

Começámos por selecionar dois países – Estados Unidos da América e China – e seis áreas geográficas – Rússia e países da sua área de influência, Índia e Ásia, União Europeia e Grã-Bretanha, Médio Oriente, América Latina e África (Norte e Subsariana).

A turma foi dividida em grupos, cabendo a cada um uma região ou país.

“Reconhecemos a importância do trabalho, pela oportunidade de conhecermos mais profundamente as diferentes regiões do mundo, suas diversidades e ideologias”, afirmaram os alunos do grupo que vai analisar o continente africano.

Segundo o grupo que tem como objetivo fazer o retrato atual dos Estados Unidos da América, o trabalho “ajuda-nos a compreender a complexidade do século XXI. Ao longo do ano e da realização do trabalho, esperamos transformar esta complexidade em conhecimento”.

De acordo com o grupo que se debruça sobre a China, “o conhecimento da dinâmica política internacional é extremamente relevante para a nossa formação enquanto cidadãos do mundo”.

Por sua vez, os alunos do grupo que trabalha sobre a Rússia frisarão a oportunidade de “compreender as grandes diferenças que a Rússia e países limítrofes têm relativamente Portugal, não só as mais visíveis, como as menos perceptíveis”.

Já o grupo Índia/Ásia promete “na concretização deste trabalho, quebrar fronteiras entre os diversos países e continentes, aprofundando o conhecimento acerca da situação política, social e económica.”

“Analisar e fazer um ponto de situação sobre a situação atual do mundo” é o objetivo do grupo que vai estudar o Médio Oriente.

Finalmente, o grupo da América Latina, partindo de uma definição de política, “a interpretação da vida como coletivo”, encontra “a linha que mantém o Atlas conectado”.

Fazendo uma ponte entre nós e o resto do mundo, o trabalho decorre com entusiasmo e dele iremos dando novidades.

CONSTRUIR PONTES com a comunidade local

Uma experiência de solidariedade ativa no CIJ, Centro de Informação Juvenil do Centro Social e Paroquial de S. Maximiliano Kolbe

José Manuel Marques Professor de Filosofia. Coordenador na Direção Pedagógica entre 1985 e 2022

Luís Marinho Professor de Ciência Política e de Cidadania e Desenvolvimento

Há alguns anos, soubemos do protocolo solidário entre o Colégio Valsassina e o Centro Social e Paroquial de S. Maximiliano Kolbe. Desde logo, sentimo-nos naturalmente motivados e convocados a dar o nosso contributo, através de uma intervenção de voluntariado destinada a valorizar as instalações e os equipamentos do CIJ. Pouco tempo depois, conseguimos concretizar esse desiderato, integrando uma equipa de professores e alunos do Ensino Secundário do Colégio. Mas, porque as pontes são múltiplas e quase sempre surpreendentes, percorremos esta ponte em dois sentidos: partilhámos e recebemos; ensinámos e aprendemos.

O CIJ localiza-se no centro da freguesia de Marvila, na antiga zona J, um local considerado carenciado e problemático. Contrariamente ao que nos diziam inúmeras ideias preconcebidas, fomos recebidos com a mesma simpatia, cordialidade e generosidade com que nos deslocámos e cedo edificámos, juntamente com os membros da comunidade, os pilares das pontes que nos unem.

Na verdade, acreditávamos que se trataria de fazer o que sabíamos e fazíamos profissionalmente: ensinar. Só que, desta feita, num local diferente, num contexto diferente, a um público-alvo diferente. Ensinar a quem não poderia beneficiar de um apoio adicional, mas que, dele precisando, se dispunha a recebê-lo. Contudo, muito antes de ensinarmos, rapidamente aprendemos que o desafio que se nos colocava não era apenas o de sermos claros no discurso pedagógico ou o de tornarmos os conteúdos escolares apelativos. O grande desa-

fio era vencer os escolhos que amiúde se colocam numa experiência nova de ensinar e aprender. Não se tratava apenas de sermos professores, mas de sermos pessoas com conhecimentos para partilhar. Não se tratava de termos alunos, mas de estarmos com pessoas que queriam adquirir conhecimentos. Tratava-se de edificar uma ponte sólida com o outro, o que implicava entender que, para lá da necessidade de encontrar a eficácia narrativa da aprendizagem, tínhamos de conhecer os seres humanos que nos interpelavam, inicialmente, sobre as matérias e, mais tarde, sobre variadíssimos temas, da religião à História, da política ao simbolismo e à arte.

Edificámos os pilares e cedo a ponte que se construía permitiu estabelecer uma relação especial entre professor e aluno que, a cada passagem, permitia muitas partilhas, nem sempre da matéria, mas com matéria. Houve até espaço para uma inesquecível visita de estudo guiada à Quinta da Regaleira.

Mas, afinal, como conciliar tudo? O que é preciso para ensinar o que não foi aprendido no tempo certo? Como ter tempo e espaço, ainda, para falar dos sonhos, dos projetos e dos interesses que constituem a coluna vertebral da nossa identidade, numa única sessão, uma vez por semana, entre o aperto dos horários e das obrigações?

Não esperávamos que fosse fácil quando nos entregámos à travessia. Mas também não esperávamos que o retorno fosse tão positivo. Haverá algo de mais positivo do que percebermos que lançámos sementes de uma sementeira maior que se chama “o crescimento e a formação” de alguém? Sentimo-nos mais completos e mais confiantes por isso.

Criar pontes com a comunidade local

Paulo Vitória Professor de Educação Moral. Cooordenador do projeto de voluntariado e responsabilidade social

O lar de idosos ASE proporcionou-nos experiências que, não só nos ajudaram a compreender a situação dos outros, como nos ensinaram a ajudar.

Fazendo a ponte para a diversidade de experiências e de interesses, promovemos programas como *manicure*, elaboração de decorações de Natal, o Magusto, leitura de histórias ou até “simplesmente” conversar. Independentemente da nossa agenda, recebemos a proposta de qualquer atividade de braços abertos. **Sofia Mesquita 10.º 2 e Maria João 10.º 1A**

No lar aprendemos a cuidar do próximo sem julgamentos e vivemos momentos inesquecíveis. Por exemplo, no Magusto, reparámos que alguns dos utentes nunca o tinham comemorado, contudo, após serem incentivados, envolveram-se entusiasmamente. Cheguei ao lar com a premissa de que ia dar sem esperar receber, porém saio de lá sempre a achar que dei tudo, mas que recebi muito mais. **Carolina Gomes 11.º 4**

Tanto os que apoiam quanto os que recebem essa ajuda saem satisfeitos. Todos aprendemos algo e ajudamo-nos uns aos outros. **Mafalda Lozano 10.º 3**

O Colégio deu-nos esta oportunidade única, não só de aprender com os mais velhos, mas também ver como estes podem aprender connosco. Fazemos pontes entre gerações, pontes entre experiências de vida e pontes entre histórias e atividades. Com o programa de voluntariado, crescemos a partir das experiências do outro. Está a ser uma experiência incrível!

Beatriz Mendes 10.º 1A, Carolina Gomes 11.º 4, Leonor Afonso 10.º 4, Mafalda Lozano 11.º 3, Maria João 10.º 1A e Sofia Mesquita 10.º 2



"Seja a mudança que quer ver no mundo."

Gandhi

O Valsassina, sendo um colégio laico de inspiração humanista, assume vários projetos de responsabilidade social. Se o apoio escolar no CIJ – Centro de Informação Juvenil da paróquia de São Maximiliano Kolbe é sobejamente conhecido, o voluntariado no Lar de Idosos, da Associação Assistência Social Evangélica ASE, merece uma particular atenção neste número da Gazeta.

O compromisso entre o ASE e o Colégio estabeleceu-se no ano letivo de 2019/2020, mas a pandemia da COVID-19 interrompeu esta colaboração de março de 2020 até setembro de 2022. Hoje, são 15 alunas do Ensino Secundário, apoiadas por dois professores, que colaboram com a equipa técnica da instituição, desenvolvendo várias atividades junto dos idosos em quatro tardes semanais.

As tarefas, propostas pelas voluntárias ou pelo lar, podem ser de simples companhia ou de leitura, culinária, *manicure*, pintura, acompanhamento de visitas a museus e exposições, ou ainda de animação de festas, como foi o caso do Magusto.



CONSTRUIR PONTES ao longo do ano

“Construir Pontes” no 1.º ciclo

Madalena Alves e Mariana Marques Coordenação Pedagógica do 1.º ciclo

“A construção de estruturas é algo que acompanha a humanidade desde sempre. As dificuldades de atravessar ravinas, vales ou outras depressões, rios ou outros cursos de água deram origem à criação de pontes. As pontes são obras de engenharia que facilitam a vida do ser humano.”

(in cienciaviva.pt)

Com diferentes pontos de partida, os alunos do 1.º ciclo iniciaram as primeiras travessias em diversas pontes que os conduzirão ao futuro.

Os alunos do 1.º ano deram os primeiros passos na construção da sua visão do contexto histórico e social em que vivem, através da visita à exposição de Guilherme Silva “No Planeta onde Vivo”. Esta exposição reúne, pela primeira vez, no Arquivo Fotográfico de Lisboa, um vasto conjunto de provas impressas pelo autor de diferentes épocas e contextos de produção. Adotando uma abordagem interdisciplinar, com a biblioteca como elemento central, esta atividade foi a primeira etapa de um projeto que será desenvolvido ao longo do 1.º ciclo.

Por sua vez, as turmas do 2.º ano, tendo os seus pilares já construídos, participaram numa visita que as levou a fazer a travessia da Ponte 25 de Abril e a subir até ao Cristo Rei, onde tiveram a oportunidade de observar a vista panorâmica da cidade de Lisboa e da ponte que liga as duas margens do Rio Tejo. De Lisboa para Almada, a viagem foi feita por comboio, no tabuleiro inferior da ponte. No regresso, passaram pelo tabuleiro superior.

Tendo já dado os primeiros passos na travessia da ponte que os liga ao conhecimento e construindo ligações com o passado, os alunos do 3.º ano foram convidados, na disciplina de Estudo do Meio, a “Viajar no tempo” através da visita ao Aqueduto das Águas Livres que, construído no século XVIII, constituiu, à época, um inovador sistema de captação e transporte de água, por via gravítica.

Paralelamente, tendo já ultrapassado vários dos obstáculos que a ponte para o futuro lhes oferece, as turmas do 4.º ano fizeram o seu percurso através das palavras: começaram por refletir sobre o conceito de “ponte” e, à medida que a discussão foi avançando, com *inputs* que ajudaram a alargar o conceito, concluíram que qualquer que seja a natureza da ponte, esta tem sempre subjacente a necessidade de facilitar a ligação entre pessoas.

Do passado para o presente, perspetivando o futuro, o eu/ o outro/ nós, procuramos construir estruturas que nos permitam conhecer e estabelecer relações entre culturas, saberes, gerações, lugares...

Assentes em pilares bem sustentados, comuns a todos os anos do 1.º ciclo, estas pontes estão a levar-nos por diferentes caminhos que se cruzam e complementam das mais diversas formas.



Exemplos de algumas atividades realizadas durante o 1.º período

CONSTRUIR PONTES criativas

(Pontes) Entre a natureza e a educação artística

Sofia Campaniço Professora de Expressão Plástica



“... estimular a criatividade e a imaginação e sensibilizar para o belo nas suas mais variadas manifestações.”

No primeiro ciclo, a disciplina de educação e expressão plástica procura despertar o sentido e juízo estético nas crianças, estimulando a criatividade e a imaginação e sensibilizando-as para o belo nas suas mais variadas manifestações.

Este ano, procurámos usar a natureza e seus elementos de forma a, com eles, criarmos uma ponte entre os referentes naturais e os objetos artísticos. Assim, a paisagem natural que se encontra presente no dia a dia e na qual, muitas vezes, não reparamos devidamente, foi trazida para a sala de aula. Desta forma, ao ser descontextualizada, foi olhada com mais rigor, mais curiosidade e, até, mais admiração. Neste âmbito, destacamos dois exercícios que consideramos terem sido facilitadores da pretendida absorção do mundo natural.

O primeiro, realizado no início da estação, “O Outono e as suas folhas”, procurou, através da *frottage*, que as crianças descobrissem as formas das folhas secas pela sua impressão no papel. Esta técnica consiste em colocar uma folha de desenho por cima da folha de uma árvore e, com um lápis de cera deitado, ir passando sobre a superfície até encontrar a forma e textura do referente. Apesar da simplicidade do exercício, o mesmo foi realizado com expectativa e entusiasmo, pois engrandeceu a noção de folha e levou os alunos a olharem para ela atendendo a toda a sua complexidade e variedade de textura que ficou impressa no papel.

Outro exercício usado como forma de aproximação/ponte com a natureza consistiu em descobrir formas através do barro. Nesta atividade, as crianças foram convidadas a escolher entre vários referentes naturais espalhados pela mesa de trabalho, nomeadamente, couves, folhas, castanhas, romãs, maçarocas, entre outros. Uma vez mais, o contacto com esses elementos, num contexto que não é o deles, gerou uma maior vontade de aproximação e observação. Cada criança, depois de escolher o seu referente, amassou o barro, esticou-o com a ajuda de um rolo de massa e gravou o seu objeto no barro. Após o decalque, o referente foi retirado do barro e a sua impressão ficou gravada nele. Este momento marcou o ponto alto da atividade, em que surgiram comparações com fósseis, pegadas de dinossauros ou até magia. Com isto, a couve deixou de ser couve e passou a ser algo de espetacular.



CONSTRUIR PONTES Construir pontes para lá da escola

através da Arte

Marta Magalhães Silva e Sofia Caranova Professoras de Artes Visuais

Aprender artes visuais no Ensino Secundário é aprender a ter um olhar atento sobre o mundo. É aprender a olhar uma e outra vez, o que é novo e o que é de todos os dias. Aprender a observar, a interpretar, a analisar, a refletir. É também aprender a ir ao encontro do que está para lá do nosso quotidiano: outros artistas, outros textos, outros lugares, tantos outros pontos de vista.

Trata-se, afinal, de levar o olhar mais longe e construir pontes para lá da escola.

Como? Através de visitas de estudo, de encontros com artistas, de enunciados que nos desinstalam e desafiam a percorrer novos caminhos. Para quê? Para sermos cada vez mais conscientes de que as aprendizagens não têm lugar cativo na sala de aula, para compreendermos que os museus e os espaços expositivos são mais do que lugares onde “vemos” arte, para vivermos a riqueza do encontro com artistas, para crescermos como apreciadores da diversidade cultural e artística, como adeptos da tolerância face a tantos pontos de vista que nos chegam por via das artes.

Os alunos do 12.º ano do curso de Artes Visuais viveram neste 1.º período um conjunto de experiências que os levaram a sair da sala de aula, a construir pontes para lá da escola. Uma vez construídas, queremos que estas pontes se tornem um meio para novos trajetos e, sobretudo, para fazer crescer nos alunos, o “vício” de viajar.

Encontro com os artistas Rita Castro Neves e Daniel Moreira

A conversa com os artistas Rita Castro Neves e Daniel Moreira – a trabalhar em residência artística na Appleton para preparar a exposição “Faca na Pedra” – constituiu uma oportunidade única de aceder ao processo de criação de uma exposição. Desde um primeiro interesse por um tema/questão ou descoberta de valor, até ao estudo do espaço expositivo, passando pelos constrangimentos das técnicas e materiais que tantas vezes não são dominadas a cem por cento pelos artistas, Rita e Daniel falaram-nos acerca da importância do trabalho em equipa, da persistência que envolve a preparação de uma exposição e do entusiasmo que cresce à medida que esta toma forma.

Neste encontro, os artistas partilharam uma antevisão da exposição, revelaram até as obras que nela não teriam lugar e não esconderam dúvidas e hesitações.

Ficaram a conhecer a Appleton, onde regressaram autonomamente para ver a exposição já aberta ao público e puderam ver concretizadas as intenções que os artistas lhes tinham dado a conhecer anteriormente. Como um segredo que se conta a um amigo.

Atividade “Oficina de Artes”

Em outubro, os alunos visitaram o Padrão dos Descobrimentos para realizar a atividade “Oficina de Artes”. Depois de uma breve conversa sobre o monumento, os elementos que o constituem, a atividade focou-se na reflexão sobre a identidade do Padrão dos Descobrimentos para cada um dos alunos. Grandiosidade, imponência, história, solidez, conquista, foram conceitos que surgiram desta reflexão.

O desafio lançado aos alunos foi o de construir uma peça tridimensional que comunicasse essa ideia de identidade. O trabalho desenvolvido em grupo foi também oportunidade de explorar uma grande diversidade de materiais disponibilizados como madeiras, pasta de modular, barro ou até materiais naturais.



Trabalhos realizados pelos alunos na “Oficina de Artes”

“... aprender a ir ao encontro do que está para lá do nosso quotidiano: outros artistas, outros textos, outros lugares...”

Visita à exposição “To go to”

No âmbito da disciplina de Desenho, os alunos visitaram exposição “To go to” no Museu Calouste Gulbenkian. Como monitores da exposição, apresentaram uma obra previamente selecionada e analisada, e a partir se explorou o discurso interpretativo, crítico e pessoal. O artigo que se segue conta-nos mais sobre esta experiência.

Projeto “Agenda Cultural”

Na disciplina de Oficina de Artes, o projeto “Agenda Cultural” desafia os alunos a visitarem exposições autonomamente e a partilharem depois, em sala de aula, uma apresentação sobre o espaço expositivo, o(s) artista(s), o conteúdo da exposição, a apreciação crítica de uma obra em particular e um trabalho plástico a partir dessa obra. Todas as semanas um dos alunos apresenta a “Agenda Cultural”.

Já passámos pela exposição do Bordalo II nos Olivais, pela Culturgest, pelo Festival de Banda Desenhada da Amadora, ou pela exposição da coleção Carlos Rocha sobre 100 de publicidade em Portugal no Innovation & Design Building.

Todas as semanas somos convidados a construir uma nova ponte para lá da escola. Cada um tem a missão de estimular o desejo de conhecer mais sobre aquela exposição. A diversidade de exposições trazida para a sala de aula permite conhecer os interesses dos alunos pelas diferentes áreas das artes visuais e criar pontes com os trabalhos que estão a ser desenvolvidos ao longo do ano.

“(...) ouvir os meus colegas a falar sobre uma determinada exposição incentivava-me muito mais a visitá-la do que qualquer pesquisa na internet.”

Maria Pestana 12.º 4

“Se não fosse pela Agenda Cultural, eu não teria muita vontade de ir a exposições. (...) Esse interesse tem vindo a crescer.”

Constança Rodrigues 12.º 4



Madalena Santos 12.º 4

Maria Pestana 12.º 4

Trabalhos realizados pelos alunos na “Agenda Cultural”



Visita à Appleton Associação Cultural

CONSTRUIR PONTES através da Arte

A ponte entre ver, sentir e pensar

Sofia Caranova Professora de Desenho
Madalena Santos Aluna do Curso de Artes Visuais, turma 12.º 4

“Abstração permite que o Homem possa
ver com a mente o que ele não consegue
ver com os olhos.”

Arshile Gorky

No âmbito da disciplina de Desenho A, experimentámos uma nova abordagem à visita a exposições: fomos desafiados a preparar previamente a visita ao museu.

Assim, antes da visita de estudo, visitámos a exposição individualmente ou em família. Posteriormente, realizámos um trabalho de pesquisa e reflexão sobre uma das obras expostas, com a qual nos identificámos. Concluído o trabalho individual, realizámos uma segunda visita à exposição, mas, desta vez, com a turma. Nesse momento, cada aluno teve de apresentar aos colegas a obra por si escolhida e a justificação da sua escolha.

Desta forma, além podermos admirar as pinturas de Jorge Queiroz, onde estão muito presentes as intensas sobreposições de tinta, a veemência e a força da linha, as texturas visuais, a mistura de elementos abstratos e figurativos, as figuras com diferentes escalas e em que são também muito cativantes as conjugações de cor e de linha e a mancha, esta abordagem permitiu-nos sermos agentes ativos no nosso próprio processo de aprendizagem, o que estimulou o nosso interesse e proporcionou-nos um melhor entendimento da exposição.

Na verdade, como futuros artistas, a visita a exposições constitui uma fonte de inspiração para os nossos trabalhos mas também enriquece o nosso conhecimento acerca dos diferentes recursos artísticos, das várias técnicas e materiais utilizados. Assim sendo, estas visitas devem ser realizadas, quer com a escola, quer por iniciativa própria, pois a arte pode expressar-se de tantas formas que conhecer e explorar diferentes abordagens só nos ajudará a crescer como pessoas e como artistas, permitindo-nos explorar o nosso máximo potencial.



Madalena Santos 12.º 4 a apresentar e justificar aos colegas a escolha da obra de Arshile Gorky, Sem Título, 1943.

CONSTRUIR PONTES sustentáveis

Projetar e construir um futuro sustentável

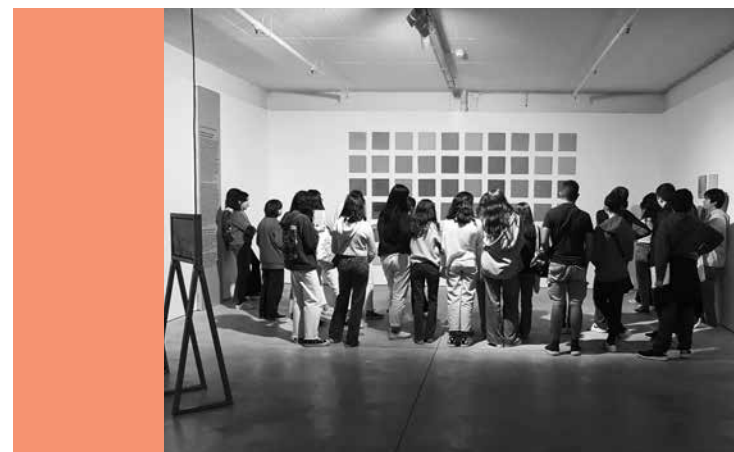
Ana Vieira e Margarida Bastos Professoras de Educação Visual

A disciplina de Educação Visual convocou os alunos do 9.º ano para uma visita de estudo à Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, para ver/ouvir a exposição “Ciclos – Os arquitetos que nunca deixaram nada fora”.

Integrada no projeto “Arquitetura, Arquitetos e Obras”, em desenvolvimento ao longo do 1.º período, num momento em que a Arquitetura é reconhecida como um pilar fundamental da cultura portuguesa, pretende-se que os nossos alunos compreendam a Arquitetura como a arte de construir e de transformar o mundo físico e o ambiente construído.

Esta exposição examina práticas arquitetónicas e artistas contemporâneos que refletem sobre a arte de conceber ciclos, abordando as suas investigações sobre o passado e o presente da construção.

Sob o mote “Construir pontes”, esta visita de estudo pretendeu despertar os nossos alunos para as questões da sustentabilidade e dos modelos circulares, bem como dar-lhes a conhecer uma atividade profissional com forte responsabilidade na construção de pontes para um futuro sustentável. A visita estimulou a reflexão sobre o ambiente, a pressão sobre os recursos, as alterações climáticas e as desigualdades socioeconómicas.



Nesta visita de estudo ao Centro Cultural de Belém, tomei consciência da dimensão do desperdício e aprendi o quão importante é reutilizar os materiais. Fiquei a perceber o ciclo da reutilização dos blocos de betão e o facto da pedra, ao partir, dar origem ao pó de pedra. Aprendi também que o processo de criação do betão é muitíssimo poluente, daí a importância da sua reutilização para o bem-estar do planeta. **Martim Cabral 9.º D**

Na visita de estudo à Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, aprendi bastante sobre como reutilizar os materiais de construção e a importância de o fazer. Para além disto, fiquei a perceber como era o ciclo de renovação de alguns materiais, tais como o betão. **Catarina Lameira 9.º D**

O que mais gostei na atividade foi de assistir ao vídeo e ouvir as apresentações dos meus colegas sobre diferentes materiais utilizados em construções e os seus impactos para o ambiente. **Andreia Almeida 9.º C**

Esta atividade foi útil para a minha formação porque houve uma explicação sobre ser arquiteto, o que me ajudará, ou não, a saber se gostava de escolher essa área. **João Santos 9.º C**

Gostei das atividades que realizámos e do facto de serem em grupo e achei a visita interessante. Embora não tenha em mente seguir um curso relacionado com arquitetura, a exposição ajudou-me a entender a profissão e o universo com que se relaciona.

Gostei da primeira atividade que realizámos, em que assistimos vídeos sobre diferentes materiais, explicámos em grupo o porquê de não serem tão sustentáveis como pensávamos e refletimos sobre os impactos que provocam. **Alexandre Peres 9.º C**

CONSTRUIR PONTES para uma utilização mais segura do mundo digital



KPMG Global Cyber Day

Entrevista realizada pelos alunos **Frederico Brehm 8.º A**, **Marta Castro 8.º B**, **Tomás Folque 8.º C** e **Vasco Silvestre 8.º D**, sob a supervisão da professora **Sofia Couto**

Enquanto líder global de serviços de consultoria em *cyber security*, com presença em mais de 145 países, a KPMG organiza anualmente a iniciativa “KPMG Global Cyber Day”.

Na sua primeira edição em Portugal, o Colégio associou-se a esta iniciativa que pretende informar e sensibilizar alunos sobre *cyber security*, promovendo ferramentas para uma utilização do mundo digital mais credível.

No dia 26 de outubro, as turmas do 8.º ano foram convocadas a participar numa sessão com especialistas no assunto, onde se abordaram temas como o *cyber bullying*, *social media*, *web browsing*, *online shopping and gaming*, *networking apps and cyber threats* (*phishing*, *ransomware*, *identity theft/ impersonation*, *hacking*). Foi também uma oportunidade para um diálogo entre os alunos **Frederico Brehm 8.º A**, **Marta Castro 8.º B**, **Tomás Folque 8.º C** e **Vasco Silvestre 8.º D**, com os consultores da KPMG, **Rúben Carvalho** e **Renato Godinho**.

Frederico Brehm (FB): Qual é o objetivo do programa KPMG Cyber Day?

Renato Godinho (RG): O principal objetivo é criar *awareness* nas escolas e expor alguns dos problemas que nós, na nossa altura, com a vossa idade, não sabíamos que existiam. Cada vez mais, os adolescentes estão ligados à internet e esse contacto acontece cada vez mais cedo. É importante que estejam seguros. É algo que preocupa tanto os pais como os professores.

FB: Qual é o vosso público alvo?

RG: Todas as pessoas a partir do momento em que começam a utilizar telemóveis, computadores, etc, ou seja, a partir do momento em que existe uma exposição à internet. É importante que todos sejamos informados acerca dos perigos associados a essa exposição e conheçamos as formas através das quais alguém nos pode tentar enganar e roubar-nos informação.

Marta Castro (MC): No século XXI, os jovens são nativos digitais. Do vosso ponto de vista, qual é o maior desafio que esta realidade exige aos pais e aos professores?

RG: A maior dificuldade é mesmo a facilidade de acesso a todo o tipo de informação. Hoje em dia, há centenas de milhares de notícias falsas a circular diariamente. Há informação falsa em todo o lado. É preciso que as pessoas saibam filtrar essa informação.

Nos últimos dois anos há registo de um aumento significativo nos ataques e isso também tem chamado à atenção das pessoas, que percebem que quanto mais utilizam a internet mais expostas estão a perigos.

Rúben Carvalho (RC): Há uma evolução constante das tecnologias, o que complica a segurança e o trabalho de todos. Temos de estar constantemente atualizados, conhecer as novas ameaças, os novos sistemas informáticos, etc. Um dos maiores problemas é a necessidade de atualização permanente. Quando vocês acham que já se informaram e que já sabem como vão estar protegidos, existe sempre algum atacante que vai descobrir algo novo.

MC: Os jovens estão conscientes destes perigos?

RG: Acredito que não. No vosso caso, têm as aulas de TIC e aí aprendem sempre algo. Contudo, nem sempre ficam verdadeiramente conscientes dos verdadeiros perigos (podem até pensar que é algo que acontece “aos outros”). Nós, que trabalhamos no ramo, sabemos que os ataques acontecem e não importa a idade, não importa a informação que se tenha, pode acontecer a qualquer um.

RC: Os sistemas informáticos são feitos para parecerem fáceis de utilizar. Quando olhamos para um *site* ou para uma aplicação só vemos aquilo de que necessitamos. A verdade é que, para além daquilo que vemos, tratam-se de sistemas muito complexos e, no meio da complexidade, há sempre falhas que permitem entrar e extrair informação.

Tomás Folque (TF): Que perigos existem, efetivamente, para os mais jovens?

RG: Por exemplo, é muito fácil fazer uma localização. Vocês usam o Instagram e, quando fazem um *live* ou uma *story*, publicam a localização. A localização é algo muito fácil para um atacante ou uma pessoa com más intenções obter e encontrar-vos. Nos diretos feitos na rua, é fácil identificar essa rua identificando os edifícios e/ou fazendo pesquisa no Google Maps. É um dos riscos, provavelmente o maior.

TF: Enquanto jovens, já todos ouvimos falar de *cyberbullying*. Conseguem explicar melhor em que consiste este fenómeno?

RC: O *cyberbullying* é o resultado da evolução pela qual o mundo está a passar, uma transição do real para o digital. No passado, o *bullying* acontecia cara a cara... Batia-se em alguém, falava-se mal de uma pessoa, contavam-se mentiras, espalhavam-se boatos, etc. Neste momento, tudo funciona mais digitalmente, o que também está associado a uma sensação de impunidade. O *cyberbullying* corresponde a qualquer tipo de comportamento de agressão, ameaça, intimidação ou outra interação com o objetivo de causar dor, vergonha, medo e/ou desconforto na(s) sua(s) vítima(s), recorrendo à internet ou outros canais para exercer este comportamento. Pode ser feito por mensagens, *smartphone*, *email*, etc.

Estando atrás de um ecrã, qualquer pessoa pode criar uma conta falsa e achar que não vai ser descoberta. Não é verdade? É sempre possível descobrir quem é a pessoa que criou a conta e que está a usá-la para fazer *cyberbullying*.

Vasco Silvestre (VS): Quem pratica *cyberbullying* tem hábitos e comportamentos semelhantes fora do mundo digital ou não existe essa relação?

RC: Nem sempre. Como referimos antes, a sensação de impunidade no mundo digital leva a que pessoas que se sentem inibidas no mundo real tenham uma maior sensação de liberdade. Sentem-se “protegidas” atrás de um ecrã. Por isso é tão importante estarmos despertos para este tipo de situações.

VS: De que forma é que o *cyberbullying* influencia o ambiente escolar?

RG: O *cyberbullying* pode ser feito no horário escolar ou fora deste. Normalmente, influencia sempre. E pode escalar de uma forma diferente e perigosa.

FB: Existem sinais de alerta que permitem identificar quem foi vítima de *cyberbullying*?

RC: Nem sempre é fácil perceber se uma pessoa foi vítima de *cyberbullying* (nem sempre as vítimas se sentem confortáveis em denunciar a situação). Um sinal frequente é o isolamento da vítima que deixa de se dar com outras pessoas, limitando-se a um grupo mais restrito de amigos. Perde a confiança nos outros, porque nem sempre sabe ao certo quem fez o *cyberbullying*. Pode ficar triste, perder a confiança em si própria. A situação pode evoluir para uma depressão.

RG: Se forem vítimas de *cyberbullying*, devem contar desde logo a um adulto (professor, mãe, pai...). Ele certamente irá ajudar-vos a tentar encontrar uma solução e resolver o problema.

FB: Caso sejamos nós as vítimas de *cyberbullying*, o que devemos fazer?

RC: Não se escondam, falem com alguém. Aqui nesta escola, tenho a certeza de que terão muito apoio. Qualquer professor/coordenador será a pessoa ideal para falarem sobre isso. Eles tentarão saber o que se passou e tentarão evitar que a situação volte a acontecer. Quanto mais cedo o fizerem, melhor.

TF: Relativamente ao papel da escola, que medidas podem ser adotadas?

RG: Desde logo a promoção de ações de sensibilização e de informação. Em complemento, ter uma estrutura capaz de dar uma resposta adequada a cada caso.

RC: É importante referir sempre que a sensação de impunidade é, de certo modo, falsa. Não existe verdadeiramente um esconderijo por trás do ecrã, tal como os praticantes de *cyberbullying* o sentem. Com a investigação, é possível descobrir quem são as pessoas. É importante relembrar isto, porque, muitas vezes, as pessoas agridem *online* por se sentirem impunes. É fundamental reforçar que as pessoas não estão tão bem escondidas como pensam.



CONSTRUIR PONTES através da Matemática

Uma manhã na Feira da Matemática

Ana Cunha e Frederico Valsassina Professores de Matemática

Este ano, assinalou-se a IX edição da Feira da Matemática, no Museu Nacional de Ciência e História Natural, na qual, durante a manhã do dia 21 de outubro, 17 alunos do 10.º ano do Colégio Valsassina tiveram oportunidade de participar. Com um vasto programa desenvolvido ao longo de dois dias, estiveram disponíveis, no dia 21, atividades dirigidas para o público escolar e, no dia 22, para público geral e para as famílias.

Este evento contou com várias exposições (algumas em formato presencial e outras em formato virtual), palestras, jogos e *workshops* dinamizados por matemáticos, associações (como a Associação de Professores de Matemática e a Sociedade Portuguesa de Matemática) ou mesmo por escolas, como foi o caso do Colégio.

Os alunos do Colégio Valsassina envolvidos na Feira da Matemática foram essencialmente alunos que, no ano letivo anterior, participaram nos Círculos Matemáticos. Os Círculos consistem em encontros matemáticos de resolução de problemas destinados a alunos interessados e motivados para aprender mais Matemática, além da que lhes é ensinada em sala de aula. Em cada sessão, os alunos confrontam-se com diferentes temas e com uma vasta gama de problemas e jogos matemáticos, construindo e consolidando pontes que ligam e enriquecem a sua compreensão e o seu desenvolvimento cognitivo, pontes que lhes permitem ir para além do currículo, desembarcando noutros mundos.

Neste sentido, os alunos, agora enquanto monitores, fizeram-se acompanhar dos problemas e dos jogos em que mais gostaram de trabalhar, para desafiar os colegas de outras escolas, que podiam inscrever-se previamente nesta atividade, designada "O que são Círculos Matemáticos?". Deste modo, os 17 alunos organizaram-se em grupos de dois a três elementos e, num espaço próprio da Feira, estimularam os alunos inscritos a resolver problemas, apontando estratégias, sempre que tal se mostrasse necessário.

Simultaneamente, os próprios alunos do Colégio puderam também envolver-se nas atividades propostas por outras escolas, desde jogos a pequenas exposições realizadas no mesmo espaço em que se encontravam.

Assim, também estes alunos, agora ex-alunos dos Círculos, conseguiram criar uma ponte entre o conhecimento, as ideias e os métodos de resolução de problemas que absorveram e desenvolveram no ano letivo anterior e aquilo que conseguiam e desejavam transmitir a outros alunos, o que fizeram de forma entusiástica.

A ida ao Museu de História Natural devido aos Círculos Matemáticos foi uma oportunidade fantástica para nos divertirmos a fazer Matemática.

Como nos era dada a liberdade para explorar as atividades que as outras bancas nos ofereciam, podíamos escolher o que fazíamos de entre os vários problemas e jogos.

Os melhores aspetos desta atividade foram as pessoas com quem estivemos e o bom ambiente que vivemos. **Hugo Bizarro e Diogo Sousa 10.º 1A**



PROBLEMA 1

A Ana, a Beatriz, o David e o Ivo terminaram nas primeiras quatro posições numa corrida de atletismo. Os seus apelidos são Gonçalves, Antunes, Cabral e Pires. Sabe-se que:

- A Antunes disse que teria terminado mais à frente, se não escorregasse no início da corrida.
- O Ivo terminou à frente do Pires e atrás da Beatriz.
- O irmão da Cabral disse que estava muito orgulhoso de a sua irmã ter terminado a corrida.
- A Ana terminou atrás do Gonçalves.
- O David não terminou em terceiro.

Descobre o primeiro e último nome de cada um dos amigos e o lugar em que terminou a corrida.

PROBLEMA 2

Em 12 horas, quantas vezes estão sobrepostos os ponteiros das horas e dos minutos?



PROBLEMA 3

Numa mesa, encontram-se dois copos e um jarro de água. Os copos têm 3dl e 5dl de capacidade, respetivamente. Utilizando a água no jarro (com disponibilidade infinita), o que deves fazer para que o copo de 5dl acabe com 4dl de água?

Confirma as soluções dos problemas



Problema 1



Problema 2



Problema 3

CONSTRUIR PONTES com o pensamento computacional

Ciências da Computação na Escola: uma ponte para o futuro suportada nas crianças e jovens do século XXI



No âmbito da ValsaMat, um grupo de alunos do 5.º ano foi desafiado a participar num *workshop* de computação. A atividade realizou-se no dia 11 de novembro, tendo sido desenvolvida por Luís Neves (Cofundador e Presidente da ENSICO) e Inês Guimarães (Coordenadora Geral e Embaixadora da ENSICO).

Interessados em saber mais sobre Ciências da Computação, pensamento computacional e sobre a forma como a computação ajuda a estruturar o raciocínio e contribui para o desenvolvimento de competências, procurámos dar a palavra aos organizadores deste *workshop*.



Entrevista
completa

O que é a ENSICO?

A ENSICO (Associação para o Ensino da Computação, www.ensico.pt) é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, que defende o ensino da computação para todos os estudantes do Ensino Básico e Secundário, propondo um programa e metas curriculares que promovam a literacia e a ética digital, assentes no domínio das Ciências da Computação. Para isso, está a desenvolver conteúdos, pilotos, avaliadores de impacto, ações de formação, parcerias académicas e empresariais, etc., para que, a partir de 2025, o ensino da computação venha a fazer parte do ensino obrigatório em Portugal.

O que significa “pensamento computacional”? Como capacitar os jovens para “pensar computacionalmente”?

Antes de falarmos de “pensamento computacional”, importa saber o que é computação. E, com esse propósito, gostamos de referir que computação é o corpo de conhecimento que está por trás de todas as tecnologias baseadas em computadores e que procura responder, na sua origem, às seguintes questões: como comunicar com uma máquina e em que medida é isso diferente de comunicar com uma pessoa? Se esta última forma de comunicação pede domínio da linguagem escrita e falada, a primeira pede aquilo a que, cada vez mais, se chama “pensamento computacional”. Este pressupõe um maior domínio da lógica e da capacidade de abs-

trair situações complexas da vida real em modelos simples que o computador entenda. Assim, pode dizer-se que o “pensamento computacional” tem por objetivo guiar a representação do conhecimento e a manipulação desse conhecimento de forma que possa vir a ser processado em computador.

Qual é a vossa visão sobre a importância do pensamento computacional no ensino?

O pensamento computacional permite-nos trabalhar a mente para nos ajudar a identificar os melhores modelos de representação de um problema, tendo em vista a procura das melhores soluções. Devemos ser capazes de dotar todas as crianças de um pensamento estruturado, dando-lhes ferramentas para poderem encarar os problemas e resolvê-los de forma mais eficiente. Mas devemos, também, explicar-lhes que vão ter, como nunca, uma ferramenta que, se bem trabalhada, lhes permitirá explorar as suas paixões e concretizar os seus sonhos. De facto, o pensamento computacional permite explorar a capacidade individual de cada aluno e elevar todo o seu potencial.

Por que razão é tão importante começar desde cedo (1.º ciclo) a introduzir este assunto na formação de todos os alunos (independentemente das áreas que venham a escolher no seu futuro)?

É urgente combater, desde cedo, essa linha perigosa de acesso à tecnologia de forma desenfreada sem a conhecer. Os computadores são poderosí-

simos, tudo passa e passará pelas máquinas, quer seja em áreas como a saúde e a indústria, quer seja nos domínios da criatividade artística ou outros. Não podemos, assim, entregar o poder somente a quem domina a área. E as crianças devem perceber isso logo no 1.º ciclo. Além disso, a tecnologia e a computação podem funcionar como elemento *pivot* para reforçar as Aprendizagens Essenciais.

Quando se fala em literacia digital, é possível identificar várias abordagens, a maioria das quais exige o uso de computadores e a aprendizagem de certas linguagens de programação. A vossa abordagem é diferente – que práticas e estratégias pedagógicas usam?

Nos 1.º e 2.º anos, a metodologia da ENSICO incide sobre aprendizagens sem recurso a computador (*unplugged*) e iniciadas através de histórias, com personagens cativantes e implicitamente ligadas a matérias de computação, estabelecendo, assim, ligações emocionais com os alunos. Nos dois últimos anos do 1.º ciclo, procuramos já alavancar o ensino da computação na aprendizagem da matemática e das línguas, sendo iniciadas também as primeiras aulas em computador. No 2.º ciclo, continuamos a explorar os conceitos linguísticos inerentes à aprendizagem da língua materna e da linguagem matemática e damos continuidade às experiências em computador. Nesta fase, os alunos já escrevem os primeiros modelos de dados e os primeiros algoritmos, recorrendo a uma linguagem de programação. No 3.º ciclo, a metodologia da ENSICO procura consolidar as aprendizagens explorando o conceito matemático de função. É, por isso, adotado, de forma explícita, o paradigma de programação funcional. Finalmente, no Ensino Secundário, será feita a exploração de domínios computacionalmente relevantes, como é o caso da *Cibersegurança*, da Inteligência Artificial, do *Big Data*, da *Internet of Things*, do *Block Chain*, etc. Para tal, utilizar-se-ão ambientes de programação avançados e linguagens de programação com ecossistemas de bibliotecas ricos e pedagogicamente relevantes, como, por exemplo, o *Python*.

Quais as principais referências teóricas/bibliográficas de suporte à vossa abordagem?

A fonte principal é o curso de Matemática e Ciências de Computação da Universidade do Minho, que começou a ser ministrado no ano letivo de 1986/1987, distinguindo-se pela ênfase dada aos fundamentos teóricos e matemáticos da computação, sem descurar o seu cariz científico-



-tecnológico. No que diz respeito a movimentos em torno do ensino da computação de nível K12, fomos essencialmente inspirados pelo movimento *Computing at School* (CAS, UK), liderado pelo colega Simon Peyton Jones, e pelo movimento *Computer Science without a Computer* (CS Unplugged, NZ), liderado pelo colega Tim Bell, ambos convidados recentes da nossa conferência “Living with Technology: Innovation in Education”. É este o triângulo de referências que sustenta a nossa abordagem e através do qual pretendemos juntar as bases científicas das Ciências da Computação com as aprendizagens do português e da matemática, que são adquiridas desde tenra idade pelos nossos alunos.

Nos primeiros anos de ensino-aprendizagem, não recorrem ao uso de computadores. Como reagem os alunos quando estão numa sessão de pensamento computacional e lhes dizem que “só” precisam de um caderno e um lápis?

Como se costuma dizer, primeiro estranham e depois entranham. Embora os nossos alunos demonstrem, em geral, interesse e vontade em ter aulas em computador, o facto de trabalharem maioritariamente com lápis e papel não é motivo para perderem o entusiasmo. Na verdade, ouvimo-los dizer coisas absolutamente deliciosas quando lhes entregamos o nosso “caderno Leibniz”, um caderno quadriculado que, na brincadeira, dizemos ser um computador, designando-o até por “o meu primeiro computador”. Dizem que é o melhor computador do mundo porque tem bateria infinita e não se parte quando cai ao chão; enchem-no logo de desenhos e nem querem sair da sala para resolver as atividades propostas nas primeiras pá-

ginas. A verdade é que alguns alunos passam tanto tempo no computador ou no telemóvel que acabam por gostar mais de atividades sem recurso a tecnologia.

De que modo é possível estabelecer pontes entre a Ciência da Computação e outras áreas disciplinares?

A computação estabelece sinergias naturais com várias disciplinas a que é diretamente aplicável, tais como a Física, a Biologia, a Química, a Economia, a Estatística, etc. Atualmente, quase todas as áreas do saber recorrem a ferramentas computacionais para tirarem mais partido das matérias e âmbito de estudo que pretendem explorar. Assim, uma disciplina de Ciências da Computação poderá funcionar como uma espécie de “laboratório integrado” que se articula com todas as outras áreas disciplinares, promovendo o conhecimento integrado e, sobretudo, reforçando os níveis de exigência em termos de articulação verbal, do pensamento abstrato e do raciocínio lógico-matemático. Pela sua interdisciplinaridade, num plano mais operacional, ela poderá contribuir direta ou indiretamente para o aumento do sucesso escolar.

Em que medida consideram que introduzir as Ciências da Computação nas escolas pode constituir um passo necessário para um processo de transformação social, preparando os jovens para o futuro?

O poder das crianças e dos jovens é a força que move o mundo. A sociedade precisa da coragem, da criatividade e da vitalidade das novas gerações. Por isso, é urgente estimulá-las intelectualmente para que compreendam o mundo digital no qual já se baseiam muitas das experiências e culturas. A ENSICO considera que o ensino da computação será um veículo de equidade, promotor de literacia científica e tecnológica, e um elemento agregador e dinamizador de aprendizagens e abordagens multidisciplinares. Além disso, os jovens têm o direito de saber os riscos que correm ao usar tecnologia e têm também o dever de a usar responsabilmente, mas só o poderão fazer se tiverem alguma formação de base em computação. Para além de socialmente necessária, a literacia computacional abrirá espaço para o ensino de mais conhecimentos ao nível do Ensino Superior, revolucionando e atualizando os seus conteúdos pedagógicos nos cursos de Informática e Computação. Tal irá gerar uma dinâmica com um potencial económico valio-



so num país que, parco de riquezas naturais, tem como principal matéria-prima a “massa cinzenta” dos seus cidadãos.

Que balanço fazem da dinâmica e do envolvimento dos nossos alunos no workshop que dinamizaram no Colégio?

Consideramos que o *workshop* de computação no Colégio Valsassina correu muito bem e a participação e interação dos alunos foi fantástica. Notou-se que estavam empenhados em entender as matérias e em resolver as atividades de forma correta. O brilho nos olhos dos alunos disse tudo e encheu-nos de felicidade. Esperamos que a audiência tenha tirado tanto partido do *workshop* quanto nós gostámos de o dinamizar.

Que mensagem, conselho e/ou desafio deixam aos nossos alunos?

Gostávamos de dizer a todos os alunos que devem sonhar alto, devem ambicionar ir mais além e fazer mais do que as gerações anteriores. A título ilustrativo, o computador da nave *Apollo 11* que levou o Homem à Lua há mais de 50 anos tinha menos memória do que uma calculadora básica. E os telemóveis que os alunos utilizam todos os dias têm um poder de processamento milhares de vezes superior quando comparados com esses computadores dos anos 60. Como é possível terem-se feitos tamanhos avanços tecnológicos em tão pouco tempo? A resposta reside na área das Ciências da Computação, que não só nos permite criar jogos e filmes como também fazer avanços na Medicina ou ajudar a resolver crimes. O futuro está nas mãos das novas gerações. As crianças e jovens têm de estar preparados para mudar o mundo, com a ajuda da computação. A todos eles, deixamos uma mensagem curta e clara: sonhem e ambicionem lutar pelos vossos sonhos.

CONSTRUIR PONTES para uma cidadania ativa



Literacia do Oceano no Colégio Valsassina pelo CoLAB +ATLANTIC

Equipa Maçarico do CoLAB +ATLANTIC

Nunca se falou tanto sobre o oceano nem se reconheceu tanto o papel do oceano na nossa vida. Contudo, há muito mais para conhecer e resolver do que plástico no mar, perda de biodiversidade marinha ou branqueamento de corais. É preciso mais educação e comunicação sobre ciências do mar para que a nossa sociedade, em Portugal, na Europa e no Mundo, seja verdadeiramente conhecedora do que é o oceano e do que está a afetá-lo.

O *Maçarico* é um programa de literacia do oceano do +ATLANTIC que visa promover o conhecimento, a consciencialização e ações para a preservação do oceano de uma forma transversal e holística. Focado nas crianças e jovens, inclui um conjunto de atividades que lhes oferecem uma forma lúdica de aprender sobre o oceano e a sua importância para a manutenção do equilíbrio de todos os ecossistemas, reforçando o conhecimento através de experiências científicas. O objetivo é chegar ao maior número de crianças e jovens possível, para que todos possamos ajudar a proteger o planeta onde vivemos.

Este programa vai decorrer no Colégio Valsassina em 2022/2023, sendo a primeira atividade, a “Monitorização Costeira”, realizada com alunos do 5.º ano em quatro praias da Grande Lisboa (praia do Guincho; praia de Carcavelos; praia de Paço de Arcos; e praia fluvial dos Moinhos, em Alcochete). Os alunos terão a oportunidade de aprender, na prática, sobre as características da sua costa, monitorizando algumas praias no que se refere ao estado do tempo, marés, ondas, areia e qualidade da água. A análise dos dados obtidos em campo permitir-lhes-á comparar parâmetros socioambientais, procurando compreender as principais características do ecossistema, os impactes ambientais presentes e os desafios que colocam à gestão da zona costeira.

A segunda atividade a ser realizada durante este ano será o “Mini-museu do Mar”. Trata-se de um *workshop* de investigação onde os alunos exploram diversos exemplares da vida marinha e uma coleção de areias de vários lugares do mundo, utilizando ferramentas de pesquisa como lupas, microscópios e canetas magnéticas.

Em ambas as atividades, o conteúdo é trabalhado de forma a estimular a curiosidade científica das crianças, construindo o conhecimento de forma prática, participativa, transdisciplinar e até divertida.

O *Maçarico* promove, assim, o desenvolvimento de novas competências integradas na aplicação prática do conteúdo curricular, principalmente relacionadas com as disciplinas de Ciências Naturais, Matemática, Geografia, Cidadania e Educação Visual. A título de exemplo, durante a atividade de “Monitorização Costeira”, promove-se a consciencialização dos alunos acerca da problemática da poluição marinha e dos comportamentos que devem ser adotados no dia a dia para mitigar o impacto humano no oceano. Incentiva-se, ainda, a continuidade desta temática em cada uma das disciplinas acima mencionadas, nomeadamente a realização de trabalhos de artes visuais, por exemplo, esculturas com lixo marinho.

Saiba mais sobre o *Maçarico* em <https://colabatlantic.com/service/Maçarico>

CONSTRUIR PONTES entre o crescimento azul, o empreendedorismo e o futuro



A literacia azul e as novas carreiras azuis num projeto piloto no Colégio Valsassina

José Guerreiro Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
Coordenador Geral da Mare Startup

O lançamento, em 2007, pela União Europeia (UE), da Política Marítima Integrada, tentando promover sinergias entre os vários setores da economia marítima, foi prosseguido com a Estratégia Crescimento Azul, visando estimular o crescimento económico e o emprego na economia marítima. Nessa estratégia, para além dos sectores tradicionais, apontavam-se cinco áreas de elevado potencial de crescimento, baseadas em nova ciência e tecnologias, nomeadamente: aquicultura; energias renováveis; mineração profunda; turismo náutico; e biotecnologia azul. A questão central do crescimento destes sectores prioritários é que, em grande medida, resulta de desenvolvimentos científicos e tecnológicos, nos quais a UE é, em muitos casos, pioneira, trazendo grande valor acrescentado e gerando novos postos de trabalho.

Contudo, a concretização dos projetos nas diferentes áreas exige novos profissionais, com as competências necessárias para lhes dar corpo e desenvolvê-los. É aqui que nascem as novas “carreiras azuis”, abrindo um novo leque de oportunidades de trabalho no mar para jovens qualificados. É fundamental formar jovens quadros com essas competências, não só a nível do Ensino Superior mas também, a nível do Ensino Secundário, despertando-os para essas oportunidades, para que possam fazer uma escolha informada do seu futuro e sobretudo, transmitindo-lhes um conhecimento mais vasto sobre as questões do meio marinho e espaço marítimo, desde as ciências socio-políticas à biodiversidade, efeitos das alterações climáticas ou biotecnologia, num contexto de inovação e de desafio empreendedor.



A sessão de apresentação do programa e do projeto, que se realizou no dia 18 de outubro, contou com a participação da Dra. Sandra Silva, Diretora de Serviços de Programação da Direção Geral da Política do Mar, enquanto entidade operadora do Programa Crescimento Azul - EEA Grants. Foi ainda neste dia que se realizou a primeira sessão temática dedicada à “Governança dos Oceanos: de Tordesilhas à Economia Azul”, dinamizada pelo Professor Doutor José Guerreiro.



No dia 24 de outubro realizou-se a primeira visita de estudo do projeto, que levou os alunos à Gelpeixe para conhecerem uma das maiores empresas portuguesas e líder no setor alimentar da transformação e comercialização de produtos congelados.



No dia 28 de outubro, realizou-se a sessão sobre “Economia Azul e Empreendedorismo Azul”. A Dra. Sónia Ribeiro (Universidade Católica Portuguesa/Mare Startup) e Dr. Pierre Gein (Universidade Católica Portuguesa) foram os orientadores da sessão, onde se lançaram as bases para o projeto de empreendedorismo que será desenvolvido ao longo do ano letivo.

É neste contexto que se desenvolve o projeto TecAtlantic “Training for Employability and Technology in the Atlantic” (www.tecatlantic.pt), financiado pelos EEA Grants e promovido pelo Forum Oceano, parceiros da MareStartup (FCUL, Universidade Católica e Saer), e pelo Colégio Valsassina, sendo ainda apoiado por diversos parceiros institucionais, nacionais e estrangeiros. Com efeito, uma das componentes do projeto replica, desenvolve e aperfeiçoa um projeto desenvolvido com sucesso já no ano letivo anterior (“O Oceano do [meu] Futuro”) que promovia a literacia azul com destaque nas áreas de: i) aquicultura e indústria pesqueira; ii) biotecnologia azul; iii) tecnologia marítima; iv) desportos náuticos; v) meio marinho, sustentabilidade e biodiversidade; e vi) ciências sociais (políticas públicas, economia e direito). Estas temáticas foram inseridas em contexto curricular, acompanhadas pelos docentes do Colégio e especialistas convidados para sessões específicas sobre cada um dos temas, experiências práticas e visitas de estudo. Para além da aquisição de conhecimentos na área do mar, os alunos são desafiados a apresentar ideias de projetos concretos nas diferentes áreas, acompanhados por tutores designados em função das temáticas, e beneficiando de formação para o empreendedorismo, com uma fase final em formato *Hackaton*, na qual serão apresentados e avaliados os projetos finais.

Na verdade, o contexto global do projeto TecAtlantic é agora mais vasto, abrangendo inquéritos às empresas da economia do mar sobre as necessidades presentes e futuras de competências profissionais, sobre as quais se desenvolverão ações de formação específicas. Simultaneamente, outro inquérito dirigido aos Centros de Investigação na área do mar procurará identificar os no-

vos desenvolvimentos tecnológicos que possam ser úteis à inovação e modernização empresarial, trazendo valor acrescentado. Por fim, uma última componente corresponde ao desenvolvimento de uma pós-graduação conjunta entre a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e a Universidade Católica, que alia competências nas ciências e tecnologias do mar, direito e ciências políticas com formação para o empreendedorismo. Completar-se, assim, um ciclo, desde o Ensino Secundário ao Universitário, numa envolvente empresarial e de inovação tecnológica, contribuindo para a literacia azul em diversos estratos. É este o novo desafio que abraçamos através do projeto TecAtlantic em parceria com o Colégio Valsassina.

Uma experiência desafiante, que consideramos essencial para a nossa formação, por ser uma introdução ao mundo da investigação científica. **Ricardo Abrantes, Guilherme David e Pedro Machado 12.º 1A**

O projeto TecAtlantic faz-nos refletir sobre a importância e o impacto da Economia Azul, e desafia-nos a desenvolver um projeto que assenta na sustentabilidade dos oceanos.

Francisco Duarte, Beatriz Jansen e Vera Isidoro 12.º 1A

A visita de estudo ao navio Mário Ruivo foi muito interessante e mostrou-nos uma faceta que desconhecíamos do funcionamento dos barcos. **António Tripa, Ricardo Pinéu, João Araújo e Pedro Santos 12.º 1B**

Graças ao projeto TecAtlantic aprendemos mais sobre as profissões relacionadas com o mar. **Ana Silva, Leonor Aires e Maria Costa 12.º 1A**

Ficámos surpreendidos pelo número de vertentes de empreendedorismo ligadas aos oceanos e à economia azul. **Mário Rui Viana e Duarte Mateus 12.º 1A**



As “Tecnologias Marítimas” foram o tema da sessão que decorreu no dia 10 de novembro. Karianne Kojen Andersen, da GCE Ocean Technology, foi a oradora da sessão, tendo destacado a importância da transição verde na economia do oceano.



No dia 2 de novembro, os alunos deslocaram-se ao estuário do Rio Sado para conhecer *in loco* a Exporsado, uma empresa que se dedica à produção artesanal de ostras que se destina sobretudo à exportação para os mais exigentes mercados de todo o mundo.



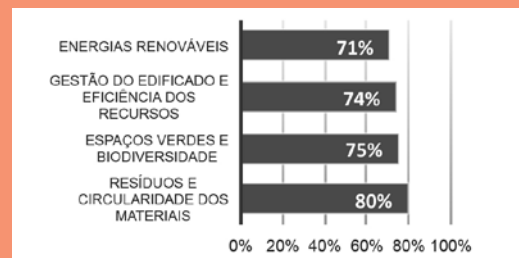
Nos dias 28 de novembro e 2 de dezembro, os alunos visitaram o Navio Oceanográfico Mário Ruivo. Focados nas “carreiras azuis”, foi uma oportunidade para conversarem com investigadores e conhecerem um navio de investigação com capacidade oceanica, que constitui uma plataforma multidisciplinar de apoio à investigação centrada, essencialmente, no Oceano Atlântico.

CONSTRUIR PONTES para a sustentabilidade

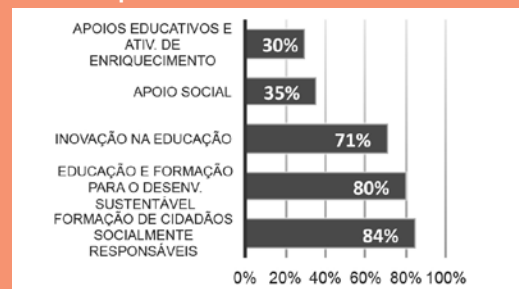
Roteiro de Sustentabilidade 20-30: O processo de envolvimento das partes interessadas

Susana Valente, Catarina Furtado e Renato Monteiro Stravillia Sustainability Hub

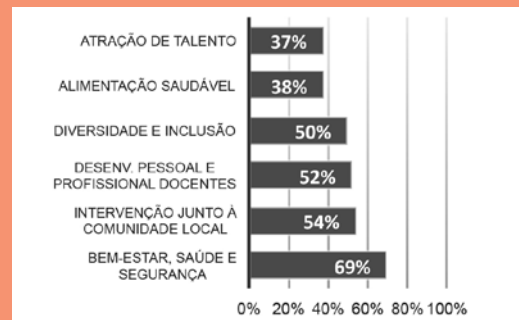
Eixo: Planeta



Eixo: Propósito



Eixo: Pessoas



Eixo: Parcerias e princípios de governação



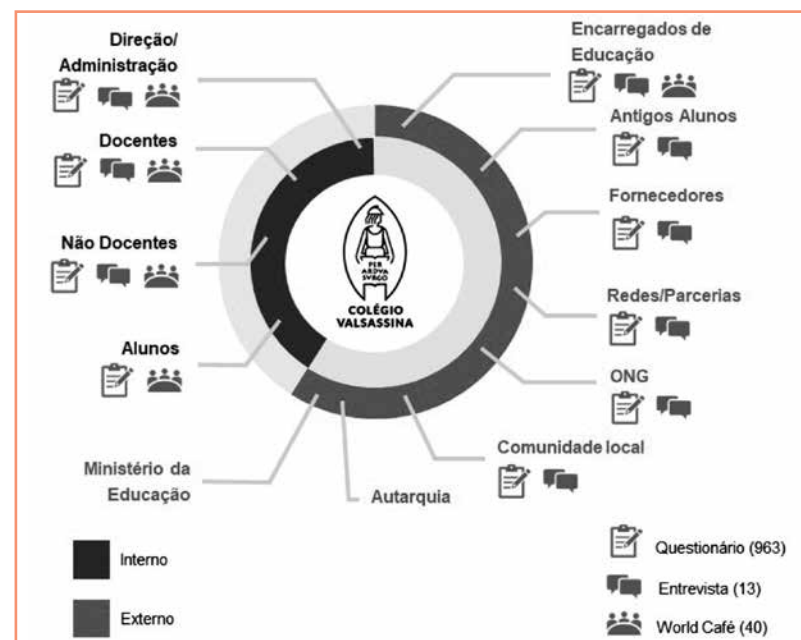
Resultados globais dos questionários, por tema e eixo: indicação dos temas considerados prioritários em cada eixo

Com o objetivo de desenvolver de forma participada o “Roteiro de Sustentabilidade 20-30” do Colégio Valsassina, têm sido desenvolvidas várias iniciativas ao longo do ano de 2022.

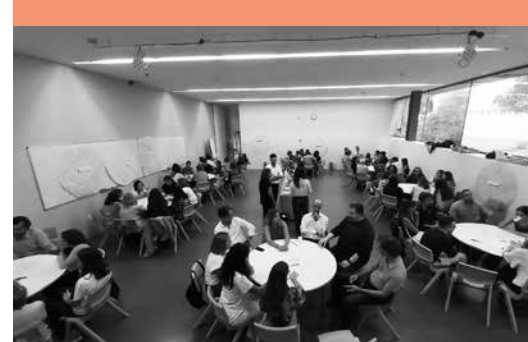
No mês de fevereiro, iniciou-se uma abordagem formativa junto da equipa interna de projeto, constituída por alunos, docentes e não docentes. Esta primeira abordagem incidiu no processo de envolvimento das Partes Interessadas (*Stakeholders*). Nesta fase, procurou-se perceber o que são e porque é importante envolvê-las, bem como conhecer diferentes metodologias de promoção da sua participação ativa (ver esquema em baixo). Destacou-se, também, a relevância do desenvolvimento de processos de cocriação que favoreçam o sentimento de pertença, através da abertura de espaços de possibilidade de escuta e recolha de contributos.

Nas seis sessões de formação da equipa interna, identificaram-se as Partes Interessadas no Colégio e planeou-se o processo de escuta para cada grupo, através de um conjunto de ferramentas que a equipa operacionalizou entre março e outubro.

Posteriormente, foi enviado a todos os grupos (num total de 2.287 pessoas/entidades) um questionário *online*, que solicitava um contributo direto na identificação dos temas mais relevantes para a sustentabilidade do Colégio. Neste questionário, obtiveram-se 963 respostas válidas, correspondendo a uma taxa de resposta de 42%, o que é um valor muito positivo em termos de participação. Apresentam-se ao lado os resultados globais por cada tema e respetivo eixo.



Identificação das Partes Interessadas do Colégio e respetivas metodologias de auscultação



Próximos passos

Atualmente, a Stravillia encontra-se a analisar de forma sistemática e integrada toda a informação recolhida através dos questionários, das entrevistas, da análise das 120 *Ideias para o Futuro* e do *World Café*, de forma a, com base no contributo de todos os envolvidos, elaborar o “Roteiro de Sustentabilidade 20-30” do Colégio, com objetivos e ações concretas a implementar entre 2023 e 2030.

Os resultados apresentados sugerem o reconhecimento generalizado da importância de todos os temas, destacando-se, no global, com 80% ou mais de respostas:

1. A formação de cidadãos socialmente responsáveis;
2. Educação e formação para o desenvolvimento sustentável;
3. Resíduos e circularidade dos materiais.

Todos os temas mencionados serão integrados no “Roteiro”, mas os três temas em destaque constituirão linhas de atuação fundamentais a destacar.

Ainda no âmbito do processo de escuta, realizaram-se entrevistas, tendo sido selecionadas, pela equipa interna, 13 pessoas/entidades dos grupos externos, representativos de diferentes olhares sobre o Colégio, de acordo com o seu papel em relação ao mesmo (por exemplo, a visão de um fornecedor ou da Junta de Freguesia local). Os seus contributos farão parte do “Roteiro 20-30”, através da integração de ações concretas sugeridas.

A Direção do Colégio, tendo um papel decisivo na validação final do “Roteiro” e da sua implementação, também foi entrevistada, de forma a incluir uma visão interna mais detalhada sobre os objetivos e as principais linhas de atuação a definir.

Outro contributo para o “Roteiro” advém da análise do livro 120 *Ideias para o Futuro: Comemorações dos 120 anos do Colégio Valsassina* (Maio, 2019), documento elaborado com os contributos de toda a comunidade escolar, nomeadamente alunos (atuais e antigos), professores, pais, avós e colaboradores do Colégio e cujas ideias foram organizadas de acordo com os eixos e temas, de forma a serem, também, integradas na definição das ações a incluir no “Roteiro de Sustentabilidade 20-30”.

Por fim, e ainda no que respeita ao processo de escuta, o *World Café*, realizado a 13 de outubro, desenvolveu-se segundo uma metodologia participativa em que estiveram presentes mais de 60 elementos da comunidade escolar (pais, alunos, docentes e não docentes) que participaram de forma entusiasmada e empenhada para, assim, contribuir para o “Roteiro”. Neste momento de partilha, registou-se um vasto conjunto de propostas/ideias e ações concretas para cada um dos 20 temas.



CONSTRUIR PONTES para os desafios da sustentabilidade

Entrevista com o ator João Reis

Carolina Gomes 11.º 1A, Francisca Martins 11.º 1B, Inês Paixão 12.º 3,
Leonor Guerra 11.º 1A, Rita Paixão 11.º 1A e Sofia Falcão 11.º 1A

O ator João Reis foi o narrador e apresentador da série documental “Planeta A”, sobre o desafio da sustentabilidade, coproduzida pela RTP e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Ao longo de mais de dois anos, João Reis viajou pelo planeta em busca de perguntas e de respostas, tornando-se o elo de ligação entre cientistas e investigadores de todo o mundo e o trabalho que está a produzir mudanças a nível local. No dia 25 de outubro, alunos do 11.º e 12.º ano, participaram numa sessão com João Reis, que partilhou a sua experiência e pontos de vista sobre questões como a poluição, o aquecimento global, o crescimento exponencial da população, a pobreza e a desigualdade. Foi também uma oportunidade para conversar com João Reis sobre os seus mais recentes desafios profissionais.



Entrevista completa

Como é que as artes entraram na sua vida?

Eu cheguei a uma fase da minha vida, a um impasse, em que não sabia o que ia fazer. Estive para ir para Filosofia, porque era bom e gostava muito dessa área - sempre gostei - e tinha muita facilidade de leitura, de interpretar textos, de fazer representações na aula. Os meus amigos e os meus primos diziam “tu tens jeito, devias ir para o teatro...”. Eu gostava muito de ir ao teatro, frequentava o teatro, o bailado, o cinema etc., e um dia respondi a um anúncio para um curso de formação de atores num jornal que era o “Sete” - que já não existe - e fui fazer o curso de formação de atores - isto em 1989 - e nunca mais parei.

Os projetos recentes revelam uma grande inquietação da sua parte e urgência de viver e, acima de tudo de usar as artes para transmitir certas mensagens e abordar certos assuntos. Quais são as suas motivações, causas e inspirações?

É muito fácil falar sobre a peça [“O diário de Anne Frank”] porque o espetáculo convoca temas que nos tocam a todos: a xenofobia, a perseguição, a discriminação, o fascismo, o nazismo, os valores humanos. (...) A peça levanta imensas questões e, de alguma forma, remete para aquilo que está a acontecer agora na Europa, para o perigo da iminência de uma guerra, da perseguição, da discriminação, da perda dos valores fundamentais humanistas. É claro que eu faço e já fiz muitos espetáculos em que estas questões ou não estão presentes ou não estão pre-

sentes com esta intensidade. A arte tem essa facilidade de convocar as pessoas para temas que estão na ordem do dia e que devem ser discutidos. Se nós não temos memória e se apagamos a História, não temos ferramentas para corrigir o que está mal.

A série “Planeta A” é constituída por 9 episódios e fê-lo viajar durante dois anos para vários locais do mundo. O que é que sentiu quando recebeu o convite para participar numa série deste género?

Senti que foi o presente da minha vida, senti-me lisonjeado pela confiança. Como eu sou uma pessoa muito curiosa, a ideia de ir viajar, de conhecer outras pessoas, de me inteirar de assuntos que eu não domino e que, de alguma forma, começaram a fazer parte da minha vida foi muito importante. Eu disse na apresentação da série na Fundação Gulbenkian, que a minha comoção ao fazer esta série está ao nível de ter feito o “Hamlet”, que é aquilo que qualquer ator aspira a fazer. (...) Foi muito importante porque aprendi imenso e porque me colocou imensos desafios. E depois porque estamos a falar de temas que são determinantes para assegurarmos o futuro do planeta e da humanidade. (...)

Do que viu durante mais de dois anos de viagem, qual sente que é o peso da ação humana no meio ambiente?

É total. (...) O que as pessoas fazem, de uma maneira geral, no seu dia a dia, são contributos



permanentes para a destruição do planeta. Se a temperatura do planeta subir mais de 2 graus, os polos vão desaparecer. Se os polos desaparecem, o nível médio das águas vai subir e vão desaparecer cidades inteiras. As pessoas que vivem nessas cidades vão ter de migrar para outros sítios, vão surgir conflitos de natureza étnica, religiosa, falta de recursos... Temos de acelerar o passo. Claro que há pessoas que vão marchando contra essa corrente, mas o que há a fazer ainda é muito para evitarmos um efeito de catástrofe.

O que é que mais o impressionou pela positiva?

Os pontos positivos são imensos. Os ativistas climáticos que fazem um trabalho extraordinário, aquelas pessoas que mudaram de vida e decidiram dar um contributo para melhorar a qualidade de vida do planeta e das pessoas à sua volta, sem receberem nada em troca. Algumas delas põem em risco a sua própria vida, a sua segurança, a sua saúde e o ambiente familiar. Há pessoas que não têm família porque, com a vida que levam, não conseguem ter uma família, ter estabilidade. Eu admiro imenso estas pessoas que sacrificam a sua vida em prol dos outros. Isto é altamente inspirador. É impressionante porque podiam ficar calmamente sentadas no seu canto, a viver e a usufruir dos prazeres mundanos e esquecendo-se de que, à sua volta, há muitas outras pessoas a precisar da sua atenção e do seu contributo. (...)

De que formas é que a sustentabilidade e a consciência ecológica se compatibilizam com a necessidade de assegurar uma alimentação segura e nutritiva e com a população mundial em crescimento?

A sustentabilidade prende-se com usar os recursos da Terra, do planeta, não danificando o ambiente e não comprometendo as gerações futuras. Portanto, como há cada vez mais pessoas no mundo, e todas as pessoas precisam de ser alimentadas, temos de reduzir, na minha perspetiva, o consumo

de carne. O que está a acontecer na Amazônia é um crime, porque se está a devastar floresta para fazer criação de gado para alimentar mais não sei quantos milhões de pessoas. Isto é um ciclo vicioso que não tem fim. Temos obviamente de mudar o nosso regime alimentar e consumir menos carne. Não é de repente todas as pessoas passarem a ser vegetarianas, (...) mas temos de mudar a forma como usamos os recursos e como olhamos para a alimentação.

Num mundo em crise - a crise climática e ambiental, a subida de preços e a guerra dominado também pelas fake news e pelos populismos - a democracia e a liberdade não podem ser dadas como garantidas. Qual deve ser o papel da escola e que mensagem deixa aos nossos alunos que nasceram e viveram sempre em liberdade e em democracia?

Que não deixem de investir na partilha de conhecimento e de informação, que sejam curiosos, que se informem, que leiam sobre o passado, sobre o que aconteceu, sobre o que vocês herdaram do passado e que deixa algum lastro de sujidade, de miséria, de desgraça, de mediocridade e procurem saber o que podem e devem fazer para mudar isso.

Vocês são o futuro, são vocês que vão tentar assegurar o futuro do planeta. Portanto, é ter liberdade de espírito, consciência cívica, consciência humanista, isto só se consegue na partilha de conhecimento e de informação, na leitura. Por isso, a escola e educação são tão importantes, porque são elas que nos dão as ferramentas para conseguirmos lidar com a realidade, por muito negra e por muito difícil que ela seja. (...) Cada um de nós tem, à sua maneira e à sua dimensão, consciência sobre as coisas que estão mal neste mundo e que deviam ser melhoradas. Todos temos responsabilidade em partilhar essas preocupações, contaminando os outros para em conjunto encontrarmos soluções. Sempre pela via do diálogo. A educação é a principal ferramenta para podermos lidar com os imprevistos do futuro.

CONSTRUIR PONTES entre o bilinguismo e a sustentabilidade

Falamos sobre sustentabilidade? É tempo de agir

Maria João Godinho Professora de Inglês

“Tell me and I forget. Teach me and I remember. Involve me and I learn.”

Benjamin Franklin



Com o mote “look around, it's your world”, lançado pelo programa da disciplina, os alunos do 11.º ano são desafiados não só a estudar os conteúdos propostos sobre o tema da sustentabilidade mas também a refletir sobre o mundo que os rodeia, no que respeita às problemáticas ambientais, à Bioética, aos hábitos de consumo correntes e à intervenção de todos nós enquanto seres humanos e cidadãos ativos.

Os valores incutidos aos jovens durante o seu percurso escolar são normalmente os mesmos que perdurarão pelo resto das suas vidas. É exatamente por isso que ensinar sobre sustentabilidade, alterações climáticas, pegada verde, ou organismos geneticamente modificados se torna tão urgente e os encoraja a fazer a diferença no seu presente e futuro. Assim, dos valores há que passar para as atitudes: “Attitudes refer to the way people relate to others and to all their activities in their environment. An attitude is a combination of a feeling and thought that tends to be settled. Attitudes influence peoples’ responses to other people and events, how they think and feel about them. Peoples’ attitudes can be changed by their experiences and the influence of others.” (Definitions of values and attitudes adapted from Teaching and Learning for a Sustainable Future, UNESCO, 2010).

Tendo em conta que muito se fala, se apresenta e discute sobre as problemáticas ambientais, aos nossos alunos já não basta apenas pesquisar, falar e discutir. Eles querem, mais do que nunca, agir e mover os seus pares para agirem juntamente com eles. Ao longo deste período, têm vindo a preparar várias propostas de AÇÃO, principalmente junto dos alunos mais novos, para que cresça, também neles, desde cedo, a consciência para AGIR.

“Education is all
a matter of building
bridges.”

R. Ellison, American writer



Torna-se fundamental estabelecer pontes. Em primeiro lugar, **pontes entre os diferentes grupos etários da escola**, pois está nas mãos de todos, desde tenra idade, fazer com que o presente altere benéficamente o futuro do nosso mundo. Sendo assim, em pequenos grupos de trabalho, os alunos formularam algumas propostas para a organização de iniciativas junto da comunidade escolar, nomeadamente a preparação de atividades a desenvolver com alunos de todos os ciclos letivos. Em segundo lugar, **pontes entre alunos e outros serviços do Colégio**, como, por exemplo, a elaboração de uma proposta para tornar o Bar do Colégio mais sustentável. Torna-se imperativo ainda estabelecer **pontes entre escola e sociedade**, em particular com algumas organizações ambientais portuguesas. Está em curso a preparação de propostas que envolvem algumas destas organizações, de forma a que estas possam tornar o seu trabalho mais visível, sustentado e eficaz junto da população escolar.

A proatividade pode e deve estar presente desde a infância. Procuramos, com este tipo de projetos, incutir nos nossos alunos o desejo de encontrar e propor novas soluções para os problemas e a autonomia para tomar decisões.

“To be continued in the second term...”

Encarregaram-nos de elaborar um projeto que consiste em “encontrar uma luz” para os problemas que enfrentamos hoje. Esta atividade é importante, pois é necessário ensinar à nossa geração como ser sustentável, de uma forma criativa e natural, porque isso permitir-nos-á prosperar num planeta vivo e rico em biodiversidade.

Daniel Cruz 11.º 1A

Com este trabalho temos não só a oportunidade de aprender sobre um tema tão atual como este – a sustentabilidade – mas também dar a conhecer a outras pessoas a importância do mesmo. Sobre tudo para a nossa geração, é fundamental estar o mais informado possível sobre o assunto, de forma a tomar as melhores decisões hoje e no futuro.

Leonor Carles 11.º 2



Foi-nos proposto desenvolver apresentações que enquadrem a sustentabilidade de forma a educar e relembrar os ouvintes, neste caso, alunos do Colégio, sobre a importância de ter comportamentos ambientalmente responsáveis e que garantam a preservação do nosso planeta. Desta forma, para além de educar quem ouve, aprendemos também a importância de assegurar a sustentabilidade do nosso modo de vida, especialmente na nossa geração (de modo a não comprometer as gerações futuras).

Carolina Gomes 11.º 1A

A preocupação com o ambiente é muito importante, já que é dele que retiramos os recursos essenciais para a nossa sobrevivência. Por isso, cabe-nos a nós a função de o preservar. Este projeto é, por isso, essencial para sensibilizar os alunos para este problema real.

Francisco Felner 11.º 2

CONSTRUIR PONTES sustentáveis

Da sensibilização à ação: a ponte para um futuro mais sustentável

João Dias Professor de Geografia

A horta do Colégio Valsassina assume-se como mais um contributo para o processo de educação ambiental que faz parte da identidade do Colégio. O envolvimento no projeto da horta começa com os alunos do Jardim de Infância, estimulando os sentidos e despertando relações positivas entre as crianças e os elementos da natureza. Nos ciclos de ensino seguintes, entra em ação uma progressiva aquisição de conhecimentos científicos que sustentem um espírito crítico informado e ações ambientalmente sustentáveis (Schmidt & Guerra, 2013).

Concretizando este princípio, em 2019, alguns alunos do 7.º ano iniciaram os trabalhos na horta. Em 2021, após dois anos em que a pandemia não permitiu dar continuidade ao projeto, quando o primeiro grupo de alunos se encontrava no 9.º ano, foi criado um sistema de rega a energia solar. Com a ajuda de outros dois alunos, construiu-se um protótipo minimamente funcional. Neste momento, estamos a desenvolver um protótipo mais elaborado, com capacidade de medir a humidade do solo, aceder à previsão meteorológica e parti-

lhar dados numa página *online*, usando inteligência artificial para encontrar o modelo de rega mais eficiente.

Atualmente, este grupo de alunos, do 10.º 1C, João Castro, João Ferreira, João Torres, João Teixeira, Luís Henriques e Tomás Martins, orientados pelo professor Pedro Jorge, de Física e Química, dedica, de forma voluntária, tempo para a construção de um sistema de rega eficiente. Os alunos estão a desenvolver as etapas indicadas no esquema abaixo.

Com este projeto – distinguido com o Prémio Especial na categoria Alimentar no concurso de “Ideias Hidrodinâmicas” organizado pela Ciência Viva – respondemos ao grande desafio da educação ambiental para a sustentabilidade, passando da sensibilização à ação. Esperamos alcançar 4 metas: economizar 3000 litros de água através da captação das águas pluviais; produzir energia elétrica a partir de fontes renováveis; monitorizar o uso da água; e replicar o sistema em outras hortas escolares ou urbanas.

1.

Instalação do sistema de recolha de águas pluviais (capacidade para armazenar 2000)



2.

Ligação do painel solar ao controlador do sistema de rega



3.

Integração dos sensores de humidade no controlador do sistema de rega



4.

Monitorização e divulgação *online* dos resultados



“Blind Test” Are waters all the same? The chemical magic of water!

Carla Almeida-Rocha¹, Carla Alvarenga², João Gomes², Joaquim Nunes Santos³
Turma 4.º C (2021/2022)

Projeto de investigação realizado pela turma 4.º C, ao longo do ano letivo 2021/2022, com a parceria e supervisão científica da investigadora Carla Rocha do Instituto Superior Técnico. O presente artigo foi elaborado para ser submetido a um congresso internacional de ciência.

“The United Nations General Assembly elected the year 2022, dedicated to Groundwater”

There is an urgent need for efficiency in education, literature and awareness of the wealth of mineral water in our Portuguese and Iberian territory, on a global scale that reaches all of us. Portugal is the country in the Iberian Peninsula with the greatest richness and diversity in the occurrence of natural mineral waters. Due to the rocks through which the water circulates, and the very rich geological heterogeneity characteristic of our country. Portugal comprises the greatest chemical diversity of the natural mineral waters of the Iberian Peninsula.

The activity developed by the students of Colégio Valsassina 4.º C class offers the opportunity to present and make known the Portuguese Hydrological Heritage; raise awareness of the ecological footprint in water; raise awareness of the consumption we make of water in our daily lives without realizing it; understand the meaning of the acidity of water, what is acidic and alkaline; water hardness, soft water and hard water; understand that the waters we drink have different characteristics from each other, taste, smell and color reactions. This activity carried out at Valsassina College by the 4.º C class also allows us to refer back to the time of our grandparents

and great-grandparents, at that time, when there was still no water on the tap and the clothes were washed in a public tank, and the pitcher went to the fountain. In such a scenario of a sea of waters we sail to the reflection of our ecological footprint with questions very pertinent that got us all thinking. Questions like: Did you know that we consume 2400 liters of water in a hamburger? How many liters do we spend on a cotton sweater? And in a pair of sneakers? And in 2 grams of microchip from cell phones, computers and televisions? Did you know we spend 32 liters of water, just to have 2 grams of microchip that we use in technology? And that Portugal is part of the group of countries that consume the most Water/per capita? And that Portugal is the country of the Iberian Peninsula richer and more diversified in natural mineral water and thermal? And that water heals and promotes health? And that Portugal, more specifically Cabeço de Vide, has a water very different from all the others that are we used to drink and that it even mixes with olive oil? And that it is an unique water in our country and very rare in the world?

It is necessary and important to care for and preserve our Hydrogeological Heritage, because, after all, waters are not all the same.



Artigo completo



¹University of Lisbon, Instituto Superior Técnico. CERENA, C; ²TN, Lisboa, Portugal; ³Colégio Valsassina. Lisboa, Portugal; ³University of Coimbra. COI, Coimbra, Portugal.

CONSTRUIR PONTES entre ideias prévias, curiosidade e conhecimento

O Universo e a disciplina de Físico-Química no 7.º D

Isabel Henriques Professora de Física e Química

“A disciplina de Físico-Química, no Ensino Básico, visa contribuir para o desenvolvimento da literacia científica dos alunos, despertando a curiosidade acerca do mundo que nos rodeia e o interesse pela Ciência. Visa, também, desenvolver uma compreensão genérica das principais ideias e estruturas explicativas da Física e da Química bem como da metodologia utilizada na Ciência. Por outro lado, a disciplina de Físico-Química contribui para uma tomada de consciência quanto ao significado científico, tecnológico e social da intervenção humana no ambiente e na cultura em geral.” (Aprendizagens Essenciais, 7.º ano, FQ /3.º ciclo do Ensino Básico)

Tendo presentes as “Aprendizagens Essenciais” previstas para esta área curricular e a necessidade de desafiar os alunos a construir pontes entre o que pensam e o Universo que os rodeia, foi desenhado um projeto de iniciação da disciplina que contemplou múltiplas tarefas e desafios.

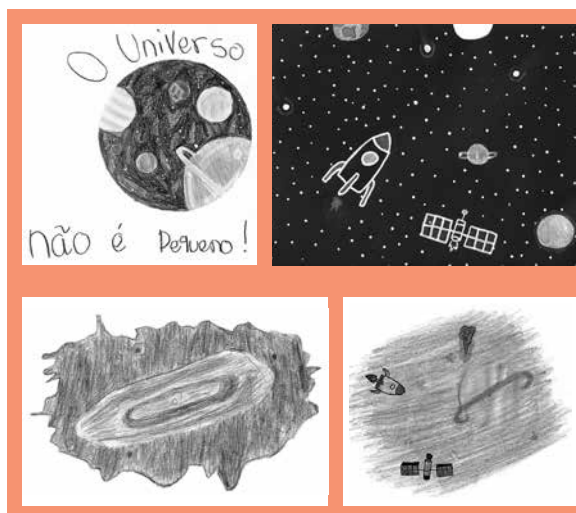
Na primeira aula da disciplina, em que se apresentou a mesma e os seus objetivos, cada aluno foi convidado a escrever frases ou um pequeno texto em que evidenciasse a sua visão do Universo. Apresentam-se alguns registos deste momento de escrita:

“Ninguém sabe ao certo como foi criado ou quão grande é. Mas é isso que o torna tão fascinante e questionado. É cheio de cores, texturas e relevos. Tem também temperaturas muito baixas e muito altas. Sempre frio ou sempre quente. É muito difícil encontrar uma zona amena, mas num canto do Universo está o planeta Terra.”

“O Universo consegue ser interessante.”

“O Universo retirando os planetas, estrelas, etc., é preto, totalmente preto.”

No final desta primeira aula, em que cada aluno partilhou aquilo que conhecia ou julgava conhecer acerca do Universo, foi atribuída aos alunos uma tarefa a realizar em casa: cada aluno teria de desenhar o seu “Universo”. Apresentam-se algumas das ilustrações resultantes do trabalho desenvolvido pelos alunos:



Concluimos, assim, que cada aluno tinha o seu próprio “Universo”. Estavam, portanto, reunidas as condições para a turma refletir sobre o que representa o Universo para um investigador da área da Física de Partículas.

Pensando nos alunos do 7.º D e no desafio que lhes fora proposto, o Professor João Seixas escreveu o texto que se apresenta ao lado.

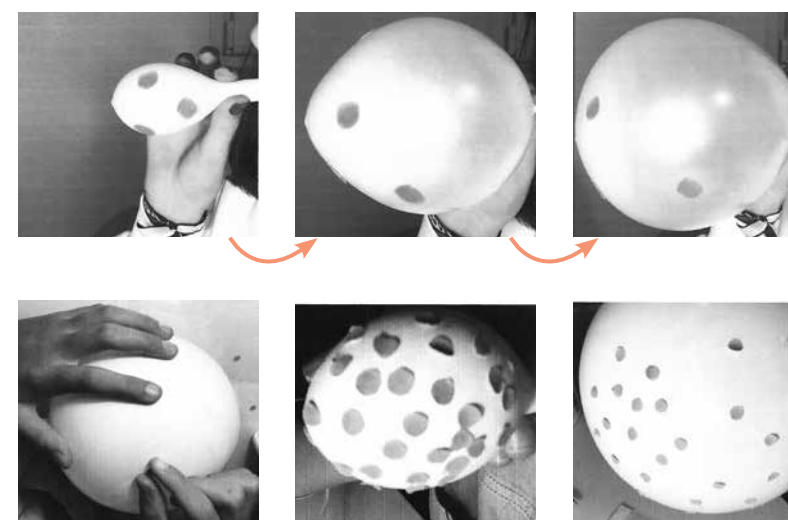
Lido e desconstruído em sala de aula, este texto estimulou a curiosidade dos alunos sobre a origem do Universo e sobre respetiva evolução. Então, estes realizaram uma pequena tarefa que permitiria perceber o significado da expressão “O Universo está em expansão”. Ao lado, em baixo, apresentam-se alguns registos da abordagem dos alunos sobre o tema:

“Quando olhares da próxima vez para o céu noturno, coberto de estrelas, lembra-te do que eu te digo: o que vês é uma parte ínfima do que o Universo verdadeiramente é. As estrelas mais longínquas que conhecemos estão a uma distância tão grande de nós que a luz, a coisa mais rápida que conhecemos, demorou ainda assim biliões de anos para chegar até ti. Olhar para o céu é, por isso, olhar para o passado longínquo, muito mais longínquo que a existência da própria Humanidade ou mesmo do planeta Terra (ou mesmo da nossa galáxia). E a magia extraordinária é que todo o Universo está perfeitamente organizado e não ficou uma confusão de planetas, estrelas ou galáxias, desde a altura em que foi criado! Tudo tem o seu lugar desde sempre, mesmo sendo tanta coisa a mudar e evoluir neste tempo todo.

E porquê? Na verdade, ainda não sabemos muito bem, mas a resposta parece estar na forma como as coisas mais ínfimas que constituem o Universo e a matéria conhecida estão organizadas: o número de tipos de partículas que constituem toda a matéria é surpreendentemente pequeno, apenas algumas (poucas) dezenas; as forças que atuam sobre elas são só quatro (força fraca, força forte, força eletromagnética e força gravítica); a forma como essas forças se relacionam entre si está, também, muito bem organizada, embora não saibamos todos os detalhes sobre como isso acontece.

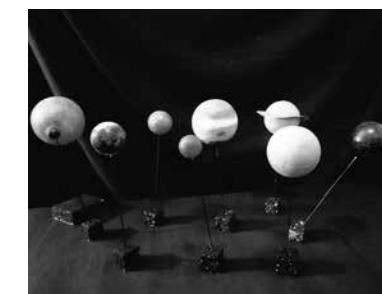
Por isso, quando procurares adquirir o teu superpoder, procura verdadeiramente o que está ao teu alcance. Procura perceber como tudo isto funciona, como é que tudo isto te construiu a ti, qual é o teu papel no Universo. Nunca terás um superpoder maior que este. Um superpoder que te dará força e sabedoria muito para lá de quem és agora”.

Professor Doutor João Seixas, (setembro de 2022)



Atividade prática sobre a expansão do Universo

Na verdade, com estas tarefas, o “grande” Universo deu origem ao momento de “conhecer” o Sistema Solar. Cada aluno construiu o seu “Sistema Solar”, mobilizando as aprendizagens partilhadas em aula e recorrendo aos materiais que considerasse mais interessantes. A criatividade levou a que cada aluno tivesse uma interpretação muito própria do nosso sistema planetário.



Concluído o projeto, os alunos fizeram um balanço do trabalho realizado num texto sob o mote “Se encontrases um amigo, o que lhe contas sobre o Universo?”

“Olá! Hoje quero falar-te de Físico-Química! É uma disciplina INCRÍVEL (pelo menos, eu adoro!) em que vais falar sobre o Universo, que é o que eu estou a dar agora. Vais aprender sobre a teoria do Big Bang, os planetas e muitas mais coisas. A minha visão do Universo passou a ser diferente da que tinha e passei a saber coisas de que não fazia a mínima ideia (...). Sabias que Júpiter tem 79 luas? E sabes o que são unidades astronómicas? Eu aprendi em Físico-Química!!! Estou a gostar muuuuito, é super giro!”

CONSTRUIR PONTES entre Ciência, Saúde Pública e Cidadania

Colégio Valsassina e Prevenção Rodoviária Portuguesa em parceria na educação em ciências – Projeto PAFSE (Partnerships for Science Education)

Alain Areal Director Geral da Prevenção Rodoviária Portuguesa

O PAFSE – Partnerships for Science Education (<https://pafse.eu/>) – é um projeto de educação científica que aborda desafios de Saúde Pública e que pretende fortalecer a literacia das populações, mitigando riscos e tendo os alunos como embaixadores e disseminadores do conhecimento científico.

Financiado pela Comissão Europeia, o projeto, iniciado em setembro de 2021, envolve investigadores de 9 instituições de 4 países (Portugal, Chipre, Grécia e Polónia) e tem a duração de 3 anos, sendo o primeiro dedicado ao desenvolvimento de cenários educativos e respetivos objetos de aprendizagem.

Atualmente no segundo ano, encontra-se na fase de capacitação dos professores para a implementação e refinamento dos cenários nas escolas-piloto, seguindo-se a disseminação nacional e internacional de resultados, no terceiro e último ano.

Promovendo formas inovadoras e abertas de aprendizagem nas áreas STEM (Science, Technology, Engineering & Maths), o projeto envolve escolas, universidades, empresas e instituições de educação não formal na criação de *clusters* de ciência e conta, em Portugal, com o apoio da Direção Geral da Educação.

As ambições do projeto assentam na melhoria dos níveis de alfabetização científica e na preparação da comunidade para os desafios de Saúde Pública (e.g. segurança rodoviária, mobilidade sustentável e epidemias), fomentando a responsabilidade da comunidade pelas gerações futuras.

Ao impulsionarem-se as competências de alunos dos 12 aos 15 anos com uma aprendizagem baseada em projetos e investigação, estes veem-se envolvidos não só no desenvolvimento de projetos de interesse para a comunidade que contribuam para mitigar desafios de Saúde Pública como também no processo de recolha e análise de evidências científicas, potenciando o seu interesse por disciplinas STEM e profissões relacionadas com a saúde.

A Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP) desenvolveu 3 cenários educativos com o objetivo da promoção da mobilidade sustentável e da segurança rodoviária e, conseqüentemente, da redução dos acidentes rodoviários, principal causa de morte no mundo no grupo etário dos 5 aos 29 anos.

A implementação dos cenários educativos contempla atividades formais e informais, usando ferramentas digitais em ambientes de ensino-aprendizagem *online*. Cada cenário inclui objetivos de aprendizagem, métodos de avaliação, planos de aula e orientações para os projetos de investigação escolar dos alunos. Os recursos educativos digitais estarão acessíveis no repositório Photodentro (<http://photodentro.pafse.eu/>).

O interesse, empenho, disponibilidade e dedicação manifestados desde a primeira hora pela Direção e pelos professores do Colégio Valsassina foram e continuam a ser de crucial importância para o desenvolvimento e sucesso deste projeto. Os contributos relevantes e pertinentes dos seus professores no decorrer do *workshop* desenvolvido para apresentação dos cenários de educação introduziram consideráveis melhorias de que a comunidade escolar envolvida beneficiará. Cumpre à PRP manifestar o seu profundo agradecimento por todo o apoio e colaboração neste projeto pioneiro, sendo um privilégio ter o Colégio Valsassina como parceiro na capacitação de gerações vindouras para melhor enfrentarem desafios de Saúde Pública.



Prevenção rodoviária e o projeto PAFSE (Partnerships for Science Education)

Dulce Sanches e Patrícia Castela Professoras de Física e Química
Sílvia Firmino Professora de Ciências Naturais

O PAFSE é um projeto sustentado num modelo inovador de *open schooling*. Tem como epicentro as escolas do 3.º ciclo e junta parceiros públicos e privados da academia, da indústria, empresas, *start-ups* e ONGs. Na comunidade escolar, envolve em particular os seus alunos e professores na missão de educar para a Saúde Pública, abordando os principais desafios do presente e do futuro.

A área disciplinar de Ciências Físicas e Naturais, através dos conteúdos científicos que explora, incide sobre campos diversificados do saber; apela ao desenvolvimento de competências várias, sugerindo ambientes de aprendizagem diversos; e contribui para o desenvolvimento da literacia científica dos alunos, permitindo que a aprendizagem destes decorra de acordo com os seus ritmos diferenciados. Foi tendo estes objetivos bem presentes que os grupos de Física e Química e Ciências Naturais aceitaram sem reservas o desafio proposto pela Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP).

A PRP criou três cenários educativos que, apesar de distintos, são complementares – “Mobilidade sustentável”, “Acidentes Rodoviários – um risco para a saúde pública” e “Fatores de risco dos acidentes rodoviários”.

A mobilidade sustentável, segundo a World Business Council of Sustainable Development, é a capacidade de dar resposta às necessidades da sociedade em deslocar-se livremente e estabelecer relações sem sacrificar outros valores humanos e ecológicos, hoje e no futuro, aliando a saúde à segurança, à sociabilidade /inclusão e autonomia.

O cenário educativo “Mobilidade Sustentável”

será implementado numa turma do 8.º ano com a participação das disciplinas de Ciências Físico-Químicas, Ciências Naturais e Tecnologias de Informação e Comunicação (sob a orientação do professor José Rainho). Serão implementados, numa turma de 9.º ano, os cenários educativos “Acidentes Rodoviários – um problema de saúde pública” e “Fatores de risco dos acidentes rodoviários”. O primeiro será explorado na disciplina de Ciências Naturais e o segundo na disciplina de Ciências Físico-Químicas, uma vez que a Segurança Rodoviária é abordada de forma particularmente extensa nesta disciplina.

Todos os cenários, para além dos seus objetivos específicos, visam atender aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, contribuindo para uma educação de qualidade e para melhorar a segurança rodoviária, tornando as cidades mais seguras.

A implementação dos cenários irá decorrer durante o 2.º período e abrange duas fases: a primeira consiste na apresentação do cenário (com exploração interativa de conteúdos) e a segunda envolve a elaboração de um projeto de investigação.

No final da implementação dos cenários, e com base em dados fiáveis recolhidos e casos reais, os alunos irão defender ações que promovam comportamentos seguros na comunidade escolar, organizando no Colégio o “Dia da Segurança Rodoviária”, onde cada grupo apresentará os resultados do projeto de investigação. Através de infografias, irão também convidar a comunidade local, especialistas, investigadores e pais para uma ampla discussão sobre como melhorar a segurança rodoviária a nível comunitário.



Conheça os cenários educativos

CONSTRUIR PONTES projetando o futuro

“As pontes entre passado,
presente e futuro
requerem a colaboração
de muitos. Um verdadeiro
trabalho em equipa...”



Reabilitar um edifício: uma ponte entre passado e futuro

Marta Magalhães Silva Arquiteta. Equipa de coordenação da intervenção no edifício do 1.º ciclo

Intervir sobre um edifício existente exige, em primeiro lugar, conhecer a sua história, visitar o passado para compreender os princípios estruturais, técnicos e programáticos que lhe estão subjacentes, os quais é fundamental respeitar. Há que saber analisar o presente e, através de múltiplos diagnósticos, perceber o que está bem e cumpre todos os requisitos de segurança e funcionalidade e o que necessita de ser mudado, porque as necessidades se alteraram com o curso do tempo, ou porque os regulamentos atuais suscitam níveis de desempenho novos e mais exigentes, até então desconhecidos. Depois, e não menos importante, segue-se o difícil exercício de antever o futuro, de construir hoje um espaço preparado para o amanhã.

As pontes entre passado, presente e futuro requerem a colaboração de muitos. Um verdadeiro trabalho em equipa, uma orquestra em que cada um se empenha em fazer soar o melhor possível o seu instrumento – neste caso, o projeto – mas onde não pode faltar um maestro que garanta a harmonia entre todos. Procura-se a compatibilidade e a coerência entre estratégias e, acima de tudo, que se cumpra a premissa inicial: preparar o edifício para a escola do futuro.

A intervenção de reabilitação do edifício do 1.º ciclo, a decorrer desde julho deste ano, constitui uma oportunidade única para toda a comunidade escolar e para os alunos em particular, de assistir de perto a este processo complexo, mas muito estimulante. Assim, no final do mês de outubro, os alunos das turmas do 10.º 1C (Curso de Ciências e Tecnologia) e do 10.º 4 (Curso de Artes Visuais) participaram numa visita à obra, que contou não só com alguns dos protagonistas desta empreitada – encarregado de obra, fiscal, arquiteto – como também com a presença do Professor Luís Guerreiro, professor do Departamento de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico, que explicou aos alunos os princípios do sistema de reforço sísmico do edifício. *In loco*, o Professor destacou a especificidade da ação sísmica quando comparada com outras forças que atuam sobre os edifícios e mostrou como a estrutura metálica concebida – e já totalmente montada no edifício – pode responder a essa ação. Foi também uma oportunidade para se conversar sobre outras estratégias que podem ser usadas no reforço sísmico e sobre os constrangimentos da sua aplicação neste edifício em específico.

Os alunos percorreram os quatro pisos do edifício numa fase pós-demolição e de arranque de marcação das novas paredes interiores. As peças desenhadas do projeto estiveram presentes durante a visita e os alunos compreenderam a importância da visão espacial e da capacidade de leitura de desenhos 2D que comunicam uma realidade tridimensional.

Perante um grupo de futuros engenheiros e arquitetos (quem sabe?), falou-se sobre elementos e sistemas construtivos, planeamento de obra, coordenação de projeto e requisitos técnicos de cada especialidade. Em breve, voltaremos a colocar o capacete para visitar a obra numa nova fase dos trabalhos, de modo a aprender mais sobre construção e, também, sobre passado, o presente e o futuro.



Peddy-Paper Lisboa Medieval

José Rainho Professor de Informática

Nenhum conhecimento existe estanque, totalmente separado de outros. Tudo no nosso dia a dia envolve estabelecer pontes entre ideias, memórias, raciocínios e observações do que nos rodeia. Contudo, a estrutura curricular do ensino, dividida em disciplinas que soam tão distintas, pode dar a ilusão de que podemos mesmo afastar as áreas do conhecimento umas das outras. Uma aprendizagem assim compartimentada não é tão eficaz.

É com esta questão em mente que organizamos anualmente o *Peddy-Paper* Lisboa Medieval, com as turmas do 8.º ano. Desta feita, partimos este período à descoberta de Alfama e do Castelo de São Jorge, munidos de criatividade (e de um *smartphone* com Internet) e cheios de vontade de aprender, pesquisar e raciocinar.

O primeiro passo deste *Peddy-Paper* foi dado na disciplina de Educação Visual, com a criação da identidade gráfica do grupo, concretizada num logotipo, que, depois, foi colocado num passaporte onde viria a ser registado o cumprimento de cada tarefa.

De seguida, nas disciplinas de TIC e de História, os alunos criaram um folheto desdobrável com informações sobre Lisboa Medieval, incluindo monumentos, lendas, personalidades e acontecimentos, permitindo-lhes, assim, adquirir e/ou relembrar alguns conhecimentos prévios que lhes viriam a ser vantajosos no decorrer da prova.

Com todos os materiais prontos, o desafio propriamente dito teve lugar nos dias 10 e 14 de novembro e foi constituído por 81 tarefas distribuídas por três etapas, que incluíram pesquisar, inquirir, pensar, adivinhar, improvisar, fotografar, saltar... e responder a muitas perguntas, em várias línguas, numa prova animada que ocupou toda a manhã e que atirou o almoço, em modo *piquenique* no Jardim Botto Machado, para horas tardias. Mas valeu a pena, não só porque os grupos se divertiram bastante, mas também porque ficou provado que criar pontes entre áreas do saber é essencial para ter sucesso.

Foi assim que os alunos do 8.º ano encontraram um leão que não tem sede, fotografaram uma buganvília, desceram escadinhas sem quebrar as costas, fizeram cálculos, pesquisaram na *Web*, comeram uma maçã, saltaram à corda e encontraram a localização da primeira escola Valsassina!

Que equipa se sagrará vencedora? Os resultados serão conhecidos nas próximas semanas... Entretanto, deixo um exemplo de uma das muitas curiosidades que os grupos descobriram: o mais antigo sinal de trânsito de Lisboa. O que diz?

O *Peddy-Paper* Lisboa Medieval é uma fantástica ponte para o passado e também entre várias disciplinas, que permite aos alunos a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências difíceis de implementar em momentos tradicionais de sala de aula, tendo em conta o seu caráter prático, lúdico e pluridisciplinar. O balanço é muito positivo e, certamente, continuaremos a realizá-lo nos próximos anos.

CONSTRUIR PONTES através do Desporto



“... construção de uma
identidade de grupo,
valorizando a relação entre
os pares, a união e a alegria
entre todos.”

Ginástica, uma ponte de afetos

Elsa Braz Professora de Educação Física

A ginástica é uma atividade que permite o desenvolvimento técnico de capacidades e elementos individuais gímnicos. A sua prática contribui também para a construção de uma identidade de grupo, valorizando a relação entre os pares, a união e a alegria entre todos.

Com um elevado valor formativo, a ginástica assume um papel primordial na vida dos nossos alunos e convoca-os a construir pontes.

Procurando ir mais longe e empreender novas conquistas, os alunos da ginástica extracurricular das classes Pré-Especial e Especial participaram num Fim de Semana no Colégio. Foram dois dias preenchidos com dinâmicas de grupo, *peddy-paper* noturno e noite com discoteca. Os nossos alunos foram desafiados a ir mais longe, convocando a sua criatividade, motivação e espírito de grupo.

Estabelecendo também uma ponte com a dimensão académica, a prática de ginástica promove hábitos de trabalho, valoriza o esforço e o empenho e contribui para o desenvolvimento de competências. Criam-se ainda outras pontes – não menos importantes – através dos afetos, das emoções, da partilha de sentimentos e dos laços de amizade. Percorrendo estas pontes a cada treino, a cada etapa, a cada conquista, cresce o sentimento de pertença a um grupo, ao nosso grupo de ginástica.

“O fim de semana proporcionado pelos professores de ginástica permitiu-nos estabelecer laços mais fortes com membros da equipa com os quais não tínhamos tanta intimidade. Apesar de, no final da atividade estarmos exaustas, saímos de coração cheio e com memórias inesquecíveis criadas pelas diferentes dinâmicas.”

Carolina Lopes, Inês Silva, Margarida Deus, Maria Ana Antunes, Maria Santana e Teresa Natário

“Este fim de semana foi um grande desafio, aprendemos mais sobre os outros, aprendemos a respeitar ainda mais as nossas colegas.”

Carlota Garcia Vasconcelos, Lueji Tomás, Isabel Ferreira, Teresa Capitão, Maria Varella-Cid, Marta Santos e Matilde Sousa



EDUCAR PARA Acesso ao ensino superior 2022

a qualidade
e excelência

Aos novos universitários desejamos que encontrem grande realização nos cursos que escolheram.

Nome do aluno	Estabelecimento Curso de Ensino Superior
Afonso Figueira	Engenharia de Micro e Nanotecnologias Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa
Afonso Madeira	Gestão Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Ana Catarina Silva	Medicina Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa
Ana Gonçalves	Bioquímica Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa
André Matos	Engenharia Mecânica Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
André Carvalho	Sociologia Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
António Gameiro	Engenharia Biomédica Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
António Santos	Economia ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Bárbara Madeira	Design de Equipamento Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa
Beatriz Gomes	Psicologia University of Amsterdam
Beatriz Seoane	Gestão Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa
Beatriz Ventura	Relações Públicas e Comunicação Empresarial Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa
Beatriz Vieira	Design de Comunicação Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa
Carlos Correia	Gestão do Desporto Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa
Carlota Ferreira	Economia Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Carolina Antunes	Línguas Estrangeiras Aplicadas – Relações Empresariais Faculdade de Ciências Humanas, UCP
Carolina Carreiro	Engenharia Química e Biológica Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Catarina Alves	Ciências da Comunicação Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Constança Lourenço	Arquitetura Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa
Diogo Bizarro	Biologia Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra
Diogo Marques	Engenharia Civil Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Diogo Silva	Economia Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Duarte Neves	Gestão de Informação Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação, Universidade Nova de Lisboa
Estevão Fernandes	Gestão de Marketing ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Filipa Morgado	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa
Filipe Cunha	Engenharia Agronómica Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa
Filipe Silva	Engenharia e Ciência de Dados Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade de Coimbra
Francisco Marques	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa
Francisco Valente	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa
Francisco Xia	Artes Plásticas e Multimédia Escola de Artes, Universidade de Évora
Frederico Pinto	Gestão ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Glória Ferreira	Psicologia ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Gonçalo Abreu	Engenharia Informática e de Computadores Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Guilherme Cartaxo	Planeamento e Gestão do Território Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa
Helena Mendes	Arte Multimédia Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa

Nome do aluno	Estabelecimento Curso de Ensino Superior
Henrique Martins	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Henrique Rodrigues	Engenharia de Micro e Nanotecnologias Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Nova de Lisboa
Inês Nunes	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa
Inês Ribeiro	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade Católica Portuguesa
Inês Silva	Engenharia Biológica Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Inês Chaves	Psicologia ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Inês Félix	Medicina Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa
Inês Oliveira	Creative Technologies Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, IADE
João Machado	Arquitetura Paisagista Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa
Joana Monteiro	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa
Joana Bicha	Engenharia do Ambiente Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
João Araújo	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
João Barbosa	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
João Pedro Henriques	Engenharia Eletrotécnica e de Computadores Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Jorge Fernandes	Matemática Aplicada Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa
Katarina Sousa	Gestão Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa
Lara Drago	Dietética e Nutrição Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa
Laura Ferreira	Direito Universidade Lusíada
Leonor Ribeiro	Psicologia Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Linda Xiang	Engenharia Informática Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Lucas Cardoso	Engenharia e Gestão Industrial Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Luísa Fernandes	Engenharia Informática e de Computadores Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Madalena Marcos	Comunicação Social e Cultural Universidade Católica Portuguesa
Madalena Viana	Medicina Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa
Mafalda Guerra	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade Católica Portuguesa
Mafalda Franco	Marketing e Publicidade Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, IADE
Manuel Nabais	Engenharia Mecânica Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Manuel do Ó	Arquitetura Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa
Manuel Nobre	Economia CTE – Instituto Universitário de Lisboa
Margarida Leite	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa
Margarida Casimiro	Direito Universidade Lusíada
Maria Margato	Economia Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Maria Diogo	Engenharia Química Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Maria Pereira	Bioquímica Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Maria Inês Caldeira	Sociologia ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Maria Felner	Gestão Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Maria Leonor Vinagre	Gestão Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Madalena Pastilha	Medicina Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa
Maria Almeida	Engenharia Biomédica Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Maria Marques	Imagem Médica e Radioterapia Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa

Nome do aluno	Estabelecimento Curso de Ensino Superior
Maria Moura	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa
Maria Teresa Coelho	Economia Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Maria Teresa Correia	Engenharia Física Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa
Mariana Lima	Arquitetura Universidade Autónoma
Mariana Teixeira	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra
Mariana Riscado	Ciências da Comunicação Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Marta Dias	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa
Marta Marques	Economia Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Matilde Calado	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa
Miguel Pinho	Economia Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa
Miguel Soares	Engenharia Mecânica Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Miguel Grilo	Comércio e Negócios Internacionais Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa
Miguel D´Eça	Psicologia Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora
Miguel Henriques	Engenharia Aeroespacial Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Nazir Hemrage	Gestão Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa
Pedro Ferreira	Engenharia Informática Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Rafael Cruz	Engenharia Informática e de Computadores Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Rafaela Almeida	Economia Tilburg University
Rahul Ratilal	Gestão ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Ricardo Arriegas	Engenharia do Ambiente Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Rita Botelho	Bioquímica Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa
Rita Fragoso	Medicina Veterinária Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa
Rita Simões	Medicina Faculdade de Medicina, Universidade Católica Portuguesa
Rodrigo Carmo	Gestão Turística Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
Salvador Macedo	Arquitetura Universidade Lusófona
Sofia Leite	Games Development Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, IADE
Susana Wang	Engenharia Informática Universidade Lusíada
Tiago Carvalho	Engenharia do Ambiente Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Tiago Ribeiro	Direito Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa
Tomás Canas	Engenharia Biomédica Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa
Tomás Teixeira	Engenharia e Gestão Industrial Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa
Vera Faria	Gestão Faculdade de Economia, Universidade Nova de Lisboa



Quadro de Honra

3.º P 2021/2022

Do Quadro de Honra fazem parte os/as alunos/as que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no Ensino Básico e de 17 valores no Ensino Secundário), quer no domínio curricular, quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

5.º ANO					
5539	Mariana Fernandes	5.º A	6370	Isabel Sampol	6.º A
5586	Maria Batalha	5.º A	6414	Maria Botelho	6.º A
5594	Rita Resende	5.º A	6890	Joana Sabé	6.º A
5607	Madalena Caetano	5.º A	5383	Leonor Alves	6.º B
6057	Pedro Santos	5.º A	5415	Leonor Gomes	6.º B
7023	Domingos Gata	5.º A	5424	Maria Santana	6.º B
7124	Rita Marques	5.º A	5768	Laura Jardim	6.º B
7148	Nicole Pereira	5.º A	5796	Vera Martinez	6.º B
5519	Constança Valério	5.º B	5833	Tomás Alves	6.º B
5599	Isabel Soares	5.º B	5951	Yuer Zhou	6.º B
5619	Madalena Paiva	5.º B	6051	Mariana Mata	6.º B
5647	Constança Valente	5.º B	6842	Matilde Baptista	6.º B
6030	Francisca Soares	5.º B	6956	Maria Wallenstein	6.º B
7018	Maria Costa	5.º B	7013	Davi Meira	6.º B
7020	Lueji Tomás	5.º B	7157	Tomás Ferreira	6.º B
7025	Maria Pinheiro	5.º B	5379	Inês Pimenta da Silva	6.º C
7035	Vasco Coutinho	5.º B	5390	João Pedro Monteiro	6.º C
5534	Inês Lameira	5.º C	5402	Pedro Nunes	6.º C
5576	André Cruz	5.º C	5404	Diogo Abreu	6.º C
5664	Constança Fidalgo	5.º C	5446	Afonso Bouça	6.º C
5757	Martim Canas	5.º C	5481	Francisca Monteiro	6.º C
6076	Laura Loureiro	5.º C	5549	Francisca Rosa	6.º C
6195	Sara Silva	5.º C	5635	Francisca Moura	6.º C
6238	Sofia Amador	5.º C	6840	Carlota Vasconcelos	6.º C
6863	Leonor Silva	5.º C	6847	Ana Borba	6.º C
7032	Júlia Ribeiro	5.º C	6868	Sara Duarte	6.º C
7107	Inês Franco	5.º C	6882	Maria Inês Venâncio	6.º C
5581	Filipe Paixão	5.º D	6885	Mariana Piedade	6.º C
5560	Olívia Videira	5.º D	7043	João Felizardo	6.º C
5809	António Mendes	5.º D	7165	Camila Silva	6.º C
5887	Laura Xavier	5.º D	5396	Alice Gomes	6.º D
6310	Francisca Almeida	5.º D	5405	Salvador Silva	6.º D
7041	Carlota Vasconcelos	5.º D	5547	Tomé Ferreira	6.º D
7045	João Ribeiro	5.º D	5622	Santiago Becker	6.º D
7066	Maria Ruivo	5.º D	6137	Mónica Wu	6.º D
7115	Maria Teresa Capitão	5.º D	6716	Maria Luísa Canaveira	6.º D
7176	Margarida de Deus	5.º D	6848	Bento Borba	6.º D
6.º ANO					
5375	Francisco Silva	6.º A	6959	Mariana Costa	6.º D
5399	Vasco Pereira	6.º A	7166	Carolina Silva	6.º D
5961	Helena Valente	6.º A	7.º ANO		
6066	Constança Ferreira	6.º A	5295	João Rodrigues	7.º A
6103	Maria Varella-Cid	6.º A	5320	Joana Parreira	7.º A
			5426	Duarte Mendes	7.º A
			5257	Matilde Domingos	7.º B
			5260	Daniel Marques	7.º B
			5280	Catarina Mesquita	7.º B
			5533	Verónica Li	7.º B
			6376	Marta Castro	7.º B
			6712	Teresa Raposeiro	7.º B
			5274	Miguel Zlotnikov	7.º C
			5276	Alex Xu	7.º C
			5287	Duarte Baltazar	7.º C
			5378	Sara Abrantes	7.º C
			5561	André Enes	7.º C
			5712	Rodrigo Pissarra	7.º C
			6365	Diana Marques	7.º C
			5297	Afonso Ferreira	7.º D
			5671	Maria Ana Carvalho	7.º D
			6805	Ana Maria Maia	7.º D
			6892	Leonor Conceição	7.º D
			7169	Leonor Peres	7.º D
			8.º ANO		
			5097	André Pinto	8.º A
			5115	João Claudino	8.º A
			5427	Francisco Albuquerque	8.º A
			5463	Manuel Mendes	8.º A
			6441	Diogo Silva	8.º A
			6460	Sofia Carvalho	8.º A
			5084	Vasco Martins	8.º B
			5129	Leonor Santana	8.º B
			5339	Madalena Cunha	8.º B
			5529	Marta Santos	8.º B
			6614	Laura Valente	8.º B
			5068	Tomás Mateus	8.º C
			5831	Vasco Isidoro	8.º C
			6509	Sofia Costa	8.º C
			5213	Tomás Limede	8.º D
			6375	Rita Braz	8.º D
			6496	António Noronha	8.º D
			7117	Madalena Aleluia	8.º D
			9.º ANO		
			4896	Vera Paixão	9.º A
			4907	Tomás Martins	9.º A
			4920	Maria Raiano	9.º A
			4926	Joana Resende	9.º A
			4939	Rita Alves	9.º A
			4974	Sofia Varandas	9.º A
			4984	Matilde Macedo	9.º A
			10.º ANO		
			4746	Rodrigo Carvalho	10.º 1A
			4750	Leonor Guerra	10.º 1A
			4814	Carolina Gomes	10.º 1A
			5151	Xavier Videira	10.º 1A
			5461	Sara Pinheiro	10.º 1A
			5946	Inês Braz	10.º 1A
			5992	Beatriz Garcia	10.º 1A
			6792	Sofia Falcão	10.º 1A
			6971	Constança Santos	10.º 1A
			7006	Inês Arriaga	10.º 1A
			4765	Martim Garcia	10.º 1B
			4828	Ana Francisca Martins	10.º 1B
			6011	Ana Carolina Reis	10.º 1B
			6371	Arthur Sampol	10.º 1C
			6980	Mª. Leonor Xavier	10.º 1C
			4770	Pedro Ferreira	10.º 2
			6952	Pedro Lins	10.º 2
			7134	Mariana Gonçalves	10.º 2
			7151	Beatriz Chen	10.º 2
			7223	Luana Moura	10.º 2
			4722	Santiago Silva	10.º 3
			4807	Madalena Nunes	10.º 3
			4816	Luísa Aires	10.º 3
			6395	Inês Pereira	10.º 3
			4785	Mafalda Conceição	10.º 4
			4796	Francisca Baptista	10.º 4
			4960	Margarida Vieira	10.º 4
			5947	Rafaela Maia	10.º 4
			11.º ANO		
			4523	Beatriz Jansen	11.º 1A
			4525	Mário Viana	11.º 1A
			4541	Duarte Mateus	11.º 1A
			4562	Ricardo Abrantes	11.º 1A
			5054	Pedro Machado	11.º 1A
			5720	Jéssica Nunes	11.º 1A
			5789	Guilherme David	11.º 1A
			5830	Vera Isidoro	11.º 1A
			6321	Pedro Martins	11.º 1A
			6909	Francisco Duarte	11.º 1A
			4775	Matilde Carvalho	11.º 1B
			4779	Luís Almeida	11.º 1B
			4786	António Tripa	11.º 1B
			6919	João Araújo	11.º 1B
			4824	Tiago Silva	11.º 1C
			4943	Vicente Silva	11.º 1C
			5135	Xavier Cunha	11.º 1C
			5182	António Amador	11.º 1C
			5735	Vasco Martins	11.º 1C
			6344	Margarida Nunes	11.º 1C
			6380	Tiago Almeida	11.º 1C
			6353	Carolina Pignatelli	11.º 1C
			6396	Martim Ramos	11.º 1C
			6913	Tiago Paradinha	11.º 1C
			6918	Sara Mendonça	11.º 1C
			4543	Carolina Resende	11.º 2
			4568	Mafalda da Cunha	11.º 2
			4607	Guilherme Moreira	11.º 2
			4646	Pedro Saraiva	11.º 2
			5049	Leonor Falcão	11.º 2
			5494	Carolina Lopes	11.º 2
			5726	Catarina Silva	11.º 2
			5730	Duarte Saraiva	11.º 2
			5737	Manuel Fonseca	11.º 2
			6774	Maria do Carmo Lebre	11.º 2
			6799	Gabriel Camargo	11.º 2
			6910	Sara Ferreira	11.º 2
			6925	Carolina Conceição	11.º 2
			4585	Inês Paixão	11.º 3
			6750	Maria Inês Silva	11.º 3
			6893	Maria Inês Ribeiro	11.º 3
			4513	Maria Pestana	11.º 4
			4560	Madalena Santos	11.º 4
			5729	Diogo Correia	11.º 4
			12.º ANO		
			4330	Maria Saldanha Almeida	12.º 1A
			4419	Afonso Figueira	12.º 1A
			4424	Henrique Rodrigues	12.º 1A
			4432	Rita Botelho	12.º 1A
			4808	Inês Félix	12.º 1A
			4950	Tomás Canas	12.º 1A
			4961	André Matos	12.º 1A
			5194	Inês Ribeiro	12.º 1A
			5359	Jorge Fernandes	12.º 1A
			5516	Ana do Carmo Gonçalves	12.º 1A
			5530	Pedro Ferreira	12.º 1A
			5537	Mafalda Guerra	12.º 1A
			5589	Afonso Madeira	12.º 1A
			5614	Miguel Henriques	12.º 1A
			5701	Rita Simões	12.º 1A
			5888	Katarina Sousa	12.º 1A
			6176	Matilde Calado	12.º 1A
			6733	Diogo Bizarro	12.º 1A
			6756	Joana Bicha	12.º 1A
			6759	Inês Nunes	12.º 1A
			6768	Maria Filipa Pereira	12.º 1A
			6810	Madalena Viana	12.º 1A
			7001	João Barbosa	12.º 1A
			7214	Maria Moura	12.º 1A
			4339	João Pedro Henriques	12.º 1B
			4362	Filipe Cunha	12.º 1B
			4369	António Gameiro	12.º 1B
			4370	Joana Monteiro	12.º 1B
			4409	Manuel Nabais	12.º 1B
			4425	Margarida Leite	12.º 1B
			5517	Maria Madalena Pastilha	12.º 1B
			5572	Vera Faria	12.º 1B
			6605	Maria Carolina Diogo	12.º 1B
			6757	Rita Fragoso	12.º 1B
			6760	Lara Drago	12.º 1B
			4358	Miguel Soares	12.º 1C
			4401	Rafael Cruz	12.º 1C
			4431	Gonçalo Abreu	12.º 1C
			4829	Henrique Martins	12.º 1C
			5202	Francisco Marques	12.º 1C
			5548	Ricardo Arriegas	12.º 1C
			5578	Lucas Cardoso	12.º 1C
			5639	Linda Xiang	12.º 1C
			6127	Tomás Teixeira	12.º 1C
			6156	Maria Teresa Correia	12.º 1C
			6175	Constança Lourenço	12.º 1C
			7172	Maria Margato	12.º 1C
			4338	Frederico Pinto	12.º 2
			4350	Duarte Neves	12.º 2
			4371	Maria Leonor Vinagre	12.º 2
			4376	Carlos Correia	12.º 2
			4427	Maria Teresa Coalho	12.º 2
			4698	Nazir Hemrage	12.º 2
			4767	António Santos	12.º 2
			5198	Maria Felner	12.º 2
			5323	João Costa	12.º 2
			5324	Beatriz Seoane	12.º 2
			5326	Manuel Nobre	12.º 2
			5528	Diogo Silva	12.º 2
			5541	Miguel Pinho	12.º 2
			5545	Estêvão Fernandes	12.º 2
			5554	Carlota Ferreira	12.º 2
			6742	Maria Gaspar	12.º 2
			6998	Marta Marques	12.º 2
			4400	Catarina Alves	12.º 3
			4789	Francisco Valente	12.º 3
			4948	Marta Dias	12.º 3
			5540	Tiago Ribeiro	12.º 3
			5870	Leonor Ribeiro	12.º 3
			6160	Carolina Antunes	12.º 3
			6740	Maria Leonor Almeida	12.º 3
			6862	Inês Chaves	12.º 3
			4430	Beatriz Vieira	12.º 4
			5563	Helena Mendes	12.º 4
			6754	Bárbara Madeira	12.º 4
			6779	Mariana Riscado	12.º 4

EDUCAR PARA
a qualidade
e excelência

Quadro de Excelência
2021/2022

Do Quadro de Excelência fazem parte os/as alunos/as que, no final de cada ano, obtenham excelentes resultados escolares, quer no domínio da dimensão académica (alunos que tenham figurado no quadro de honra no 3.º período e pelo menos num dos dois períodos anteriores), quer no domínio da dimensão humana.

5.º ANO								
5586	Maria Batalha	5.º A	5402	Pedro Nunes	6.º C	5529	Marta Santos	8.º B
5594	Rita Resende	5.º A	5404	Diogo Abreu	6.º C	5068	Tomás Mateus	8.º C
7124	Rita Marques	5.º A	5446	Afonso Bouça	6..º C	5831	Vasco Isidoro	8.º C
7148	Nicole Pereira	5.º A	5549	Francisca Rosa	6.º C	6509	Sofia Costa	8.º C
5519	Constança Valério	5.º B	5635	Francisca Moura	6.º C	5213	Tomás Limede	8.º D
5647	Constança Valente	5.º B	6840	Carlota Vasconcelos	6.º C	6375	Rita Braz	8.º D
6030	Francisca Soares	5.º B	6847	Ana Borba	6.º C	6496	António Noronha	8.º D
7020	Lueji Tomás	5.º B	6868	Sara Duarte	6.º C	7117	Madalena Aleluia	8.º D
7035	Vasco Coutinho	5.º B	6882	Maria Inês Venâncio	6.º C	5115	João Claudino	8.º A
5534	Inês Lameira	5.º C	6885	Mariana Piedade	6.º C	5463	Manuel Mendes	8.º A
5576	André Cruz	5.º C	7043	João Felizardo	6.º C	6441	Diogo Silva	8.º A
5664	Constança Fidalgo	5.º C	5396	Alice Gomes	6.º D	6460	Sofia Carvalho	8.º A
6076	Laura Loureiro	5.º C	5405	Salvador Silva	6.º D	5084	Vasco Martins	8.º B
6195	Sara Silva	5.º C	5622	Santiago Becker	6.º D	5129	Leonor Santana	8.º B
6238	Sofia Amador	5.º C	6137	Mónica Wu	6.º D	5339	Madalena Cunha	8.º B
6863	Leonor Silva	5.º C	6716	Maria Luísa Canaveira	6.º D	5529	Marta Santos	8.º B
7032	Júlia Ribeiro	5.º C	6848	Bento Borba	6.º D	5068	Tomás Mateus	8.º C
7107	Inês Franco	5.º C	6959	Mariana Costa	6.º D	5831	Vasco Isidoro	8.º C
5581	Filipe Paixão	5.º D	7166	Carolina Silva	6.º D	6509	Sofia Costa	8.º C
5809	António Mendes	5.º D	7.º ANO			5213	Tomás Limede	8.º D
6310	Francisca Almeida	5.º D	5295	João Rodrigues	7.º A	6375	Rita Braz	8.º D
7041	Carlota Vasconcelos	5.º D	5320	Joana Parreira	7.º A	6496	António Noronha	8.º D
7045	João Ribeiro	5.º D	5257	Matilde Domingos	7.º B	7117	Madalena Aleluia	8.º D
6.º ANO			5280	Catarina Mesquita	7.º B	9.º ANO		
5375	Francisco Silva	6.º A	5533	Verónica Li	7.º B	4896	Vera Paixão	9.º A
5399	Vasco Pereira	6.º A	6376	Marta Castro	7.º B	4907	Tomás Martins	9.º A
5961	Helena Valente	6.º A	6712	Teresa Raposeiro	7.º B	4920	Maria Raiano	9.º A
6103	Maria Varella-Cid	6.º A	5274	Miguel Zlotnikov	7.º C	4926	Joana Resende	9.º A
6370	Isabel Sampol	6.º A	5378	Sara Abrantes	7.º C	4939	Rita Alves	9.º A
6414	Maria Botelho	6.º A	5561	André Enes	7.º C	4974	Sofia Varandas	9.º A
6890	Joana Sabé	6.º A	5712	Rodrigo Pissarra	7.º C	4984	Matilde Macedo	9.º A
5415	Leonor Gomes	6.º B	5297	Afonso Ferreira	7.º D	6212	Júlia Mateus	9.º A
5768	Laura Jardim	6.º B	5671	Maria Ana Carvalho	7.º D	6281	Carolina Cavaco	9.º A
5796	Vera Martinez	6.º B	6805	Ana Maria Maia	7.º D	6296	Marta Costa	9.º A
5833	Tomás Alves	6.º B	6892	Leonor Conceição	7.º D	4980	Francisca Câmara	9.º B
5951	Yuer Zhou	6.º B	7169	Leonor Peres	7.º D	5458	Rita Amaral	9.º B
8.º ANO						6261	Maria João Rodrigues	9.º B
6051	Mariana Mata	6.º B	5115	João Claudino	8.º A	6761	Manuel Gata	9.º B
6842	Matilde Baptista	6.º B	5463	Manuel Mendes	8.º A	4905	Diogo Sousa	9.º C
6956	Maria Wallenstein	6.º B	6441	Diogo Silva	8.º A	4909	Sofia Saraiva	9.º C
7013	Davi Meira	6.º B	6460	Sofia Carvalho	8.º A	4968	Filipa Hilário	9.º C
7057	Tomás Ferreira	6.º B	5084	Vasco Martins	8.º B	4992	Leonor Cintra	9.º C
5379	Inês Pimenta da Silva	6.º C	5129	Leonor Santana	8.º B	6277	Maria Rita Henriques	9.º C
5390	João Pedro Monteiro	6.º C	5339	Madalena Cunha	8.º B	6285	Ana Sofia Andrade	9.º C

6675	Mafalda Mesquita	9.º C
6886	Hugo Bizarro	9.º C
4957	Afonso Carajote	9.º D
5043	Beatriz Mendes	9.º D
5630	Sofia Alvarez	9.º D
6231	Vera Cavalheiro	9º D
6397	Inês Miranda	9º D
6781	Maria Correia Ribeiro	9.º D
6931	Miguel Pinéu	9.º D
10.º ANO		
4746	Rodrigo Carvalho	10.º 1A
4750	Leonor Guerra	10.º 1A
4814	Carolina Gomes	10.º 1A
5151	Xavier Videira	10.º 1A
5461	Sara Pinheiro	10.º 1A
5946	Inês Braz	10.º 1A
5992	Beatriz Garcia	10.º 1A
6792	Sofia Falcão	10.º 1A
6971	Constança Santos	10.º 1A
4765	Martim Garcia	10.º 1B
4828	Ana Francisca Martins	10.º 1B
6011	Ana Carolina Reis	10.º 1B
6371	Arthur Sampol	10.º 1C
6980	Maria Leonor Xavier	10.º 1C
4770	Pedro Ferreira	10.º 2
6952	Pedro Lins	10.º 2
7134	Mariana Gonçalves	10.º 2
7151	Beatriz Chen	10.º 2
4722	Santiago Silva	10.º 3
4807	Maria Madalena Nunes	10.º 3
4816	Luísa Aires	10.º 3
6395	Inês Pereira	10.º 3
4785	Mafalda Conceição	10.º 4
4796	Francisca Baptista	10.º 4
4960	Margarida Vieira	10.º 4
5947	Rafaela Maia	10.º 4
11.º ANO		
4523	Beatriz Jansen	11.º 1A
4525	Mário Viana	11.º 1A
4541	Duarte Mateus	11.º 1A
4562	Ricardo Abrantes	11.º 1A
5054	Pedro Machado	11.º 1A
5830	Vera Isidoro	11.º 1A

6321	Pedro Martins	11.º 1A
6909	Francisco Duarte	11.º 1A
4775	Matilde Carvalho	11.º 1B
4779	Luís Almeida	11.º 1B
4786	António Tripa	11.º 1B
6919	João Araújo	11.º 1B
4824	Tiago Silva	11.º 1C
5735	Vasco Martins	11.º 1C
6353	Carolina Pignatelli	11.º 1C
6380	Tiago Almeida	11.º 1C
6396	Martim Ramos	11.º 1C
4543	Carolina Resende	11.º 2
4568	Mafalda Cunha	11.º 2
4607	Guilherme Moreira	11.º 2
4646	Pedro Saraiva	11.º 2
5494	Carolina Lopes	11.º 2
6774	Maria do Carmo Lebre	11.º 2
6910	Sara Ferreira	11.º 2
6925	Carolina Conceição	11.º 2
4585	Inês Paixão	11.º 3
6750	Maria Inês Silva	11.º 3
4513	Maria Pestana	11.º 4
4560	Madalena Santos	11º 4
5729	Diogo Correia	11º 4
12.º ANO		
4330	Maria Saldanha Almeida	12.º 1A
4424	Henrique Rodrigues	12.º 1A
4432	Rita Botelho	12.º 1A
4808	Inês Félix	12.º 1A
4950	Tomás Canas	12.º 1A
4961	André Matos	12.º 1A
5194	Inês Ribeiro	12.º 1A
5359	Jorge Fernandes	12.º 1A
5516	Ana Gonçalves	12.º 1A
5530	Pedro Ferreira	12.º 1A
5537	Mafalda Guerra	12.º 1A
5589	Afonso Madeira	12.º 1A
5614	Miguel Henriques	12.º 1A
5701	Rita Simões	12.º 1A
5888	Katarina Sousa	12.º 1A
6176	Matilde Calado	12.º 1A
6756	Joana Bicha	12.º 1A
6759	Inês Nunes	12.º 1A

6810	Madalena Viana	12.º 1A
7214	Maria Moura	12.º 1A
4339	João Henriques	12.º 1B
4369	António Gameiro	12.º 1B
4370	Joana Monteiro	12.º 1B
4409	Manuel Nabais	12.º 1B
4425	Margarida Leite	12.º 1B
5517	Maria Madalena Pastilha	12.º 1B
5572	Vera Faria	12.º 1B
6605	Maria Carolina Diogo	12.º 1B
6757	Rita Fragoso	12.º 1B
6760	Lara Drago	12.º 1B
4358	Miguel Soares	12.º 1C
4401	Rafael Cruz	12.º 1C
4431	Gonçalo Abreu	12.º 1C
4829	Henrique Martins	12.º 1C
5202	Francisco Marques	12.º 1C
5578	Lucas Cardoso	12.º 1C
6127	Tomás Teixeira	12.º 1C
6156	Maria Teresa Correia	12.º 1C
6175	Constança Lourenço	12.º 1C
7172	Maria Margato	12.º 1C
4350	Duarte Neves	12.º 2
4371	Maria Leonor Vinagre	12.º 2
4427	Maria Teresa Coalho	12.º 2
4698	Nazir Hemrage	12.º 2
5198	Maria Felner	12.º 2
5323	João Costa	12.º 2
5528	Diogo Silva	12.º 2
5541	Miguel Pinho	12.º 2
5554	Carlota Ferreira	12.º 2
6742	Maria Gaspar	12.º 2
6998	Marta Marques	12.º 2
4400	Catarina Alves	12.º 3
4789	Francisco Valente	12.º 3
4948	Marta Dias	12.º 3
5870	Leonor Ribeiro	12.º 3
6160	Carolina Antunes	12.º 3
6740	Maria Leonor Almeida	12.º 3
6862	Inês Chaves	12.º 3
4430	Beatriz Vieira	12.º 4
5563	Helena Mendes	12.º 4
6754	Bárbara Madeira	12.º 4
6779	Mariana Riscado	12.º 4



“Procuro dar sempre o meu melhor. Gosto de aprender, sou curioso, e, de facto, o que me motiva não é a chegada, é o caminho. Confesso que nunca sonhei chegar aqui, mas a verdade é que eu sonho com muitas coisas...”

Tomás Limede 9.º D
(excerto da intervenção do aluno na cerimónia do Quadro de Excelência 2021/2022)

Quadro de Excelência 2021/2022 Prêmios Especiais



Informações detalhadas sobre o Quadro de Excelência 2021/2022

No Colégio Valsassina procura-se promover uma cultura de valorização das competências e atitudes dos/as alunos/as, atribuindo-se, a partir do 5.º ano, um conjunto de menções de mérito.

Estas distinções não pretendem apenas premiar os bons resultados académicos mas também, ou acima de tudo, reconhecer o empenho em outras ações nos domínios cognitivo, cultural, cívico, artís-

tico e desportivo, praticadas dentro e fora do Colégio, assim como incentivar nos/as alunos/as o gosto de aprender e a vontade de se autossuperarem.

São atribuídos prémios aos alunos e às alunas que se distinguiram nas áreas da Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Ciência, Ambiente, Empreendedorismo, Desporto e Responsabilidade e Intervenção Social (Prémio João Valsassina).

Prémio “Frederico Valsassina”

O Prémio Frederico Valsassina Heitor é atribuído conjuntamente pela Associação de Antigos Alunos do Valsassina e pelo Colégio Valsassina. Na edição de 2022, o Prémio “Frederico Valsassina” foi atribuído à aluna:

- Vera Paixão 9.º A

Prémio “Português”

Aluno/a que concluiu o Ensino Secundário com a classificação mais elevada na disciplina de Português. Na edição de 2021/2022, este prémio foi entregue às alunas e ao aluno:

- Inês Félix 12.º 1A • Tomás Canas 12.º 1A • Maria Teresa Coelho 12.º 2 • Marta Marques 12.º 2

Prémio “Matemática”

Aluno/a que concluiu o Ensino Secundário com a classificação mais elevada na disciplina de Matemática. Na edição de 2021/2022, este prémio foi entregue aos alunos e à aluna:

- André Matos 12.º 1A • Miguel Henriques 12.º 1A • Madalena Viana 12.º 1A

Prémio “João Valsassina”, Responsabilidade e Intervenção social

Prémio que pretende distinguir anualmente o/a(s) aluno/a(s) que evidenciem elevado sentido de sensibilidade social ao longo do seu percurso no Colégio e conta com o alto patrocínio da Junta de Freguesia de Marvila. Na edição de 2022 o Prémio “João Valsassina” foi atribuído às alunas e aos alunos:

- Beatriz Marecos 10.º 1A • Madalena Pastilha 12.º 1B • Pedro Martins 11.º 1A • Santiago Silva 10.º 3



Prémio “Sensibilidade Ambiental”

O prémio é atribuído a um/a aluno/a ou grupo de alunos/as do 3.º ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário do Colégio Valsassina que se tenha/am destacado por evidenciar elevado sentido de responsabilidade, intervenção e sensibilidade ambiental ao longo do seu percurso no Colégio. Na edição de 2022, o Prémio “Sensibilidade Ambiental” foi atribuído ao aluno e às alunas:

- João Henriques 12.º 1B • Joana Monteiro 12.º 1B • Margarida Leite 12.º 1B



Prémio “Sensibilidade Artística”

O prémio é atribuído a um/a aluno/a ou grupo de alunos/as do 3.º ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário do Colégio Valsassina que se tenha/am destacado por evidenciar elevado sentido de sensibilidade artística ao longo do seu percurso no Colégio. Na edição de 2022, o Prémio “Sensibilidade Artística” foi atribuído aos alunos e às alunas da turma 12.º 4:

- Maria Carmo Cunha • Francisco Xia • Bárbara Madeira • Manuel do Ó
- Beatriz Vieira • Helena Mendes • Mariana Riscado



Prémio “Ciência”

O prémio é atribuído a um/a aluno/a ou grupo de alunos/as do 3.º ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário do Colégio Valsassina que se tenha/am destacado por evidenciar elevado sentido de responsabilidade, curiosidade científica e pela relevância do(s) projeto(s) de investigação realizado(s) ao longo do seu percurso no Colégio. Na edição de 2022, o Prémio “Ciência” foi atribuído aos alunos e às alunas:

- Diogo Silva 12.º 2 • Miguel Pinho 12.º 2 • António Gameiro 12.º 1B • Vera Faria 12.º 1B
- Mafalda Lopes 12.º 2 • Beatriz Seoane 12.º 2 • Madalena Pastilha 12.º 1B



Prémio “Empreendedorismo”

O prémio é atribuído a um/a aluno/a ou grupo de alunos do Ensino Secundário do Colégio Valsassina que se tenha/am destacado pelo espírito e capacidade criativa e empreendedora, e pela concretização de um projeto com um modelo de negócio inovador e sustentável, com impacto económico e social. Na edição de 2022 o Prémio “Empreendedorismo” foi atribuído aos alunos e às alunas:

- Diogo Silva 12.º 2 • António Gameiro 12.º 1B
- Mafalda Lopes 12.º 2 • Madalena Pastilha 12.º 1B
- Miguel Pinho 12.º 2 • Vera Faria 12.º 1B
- Beatriz Seoane 12.º 2

Prémio “Mérito desportivo”

O prémio é atribuído a um/a aluno/a ou grupo de alunos/as do 3.º ciclo do Ensino Básico ou do Ensino Secundário do Colégio Valsassina que se tenha/am destacado (individualmente e/ou em equipa) em provas desportivas escolares, demonstrando que é possível conjugar a excelência desportiva (em atividades promovidas pelo Colégio Valsassina), com o sucesso académico. Em 2022, na sua primeira edição do Prémio “Mérito Desportivo”, o qual foi atribuído à aluna:

- Beatriz Jansen 11.º 1A

Melhor aluno do 3.º ciclo

Pela excelência do percurso académico, demonstrado pelo facto de terem terminado o 9.º ano com nível 5 em todas as disciplinas, o prémio foi entregue às alunas e ao aluno:

- Vera Paixão 9.º A • Leonor Cintra 9.º C • Miguel Pinéu 9.º D
- Sofia Varandas 9.º A • Ana Sofia Andrade 9.º C



Melhor aluno do Ensino Secundário

O prémio destina-se ao aluno/a, ou alunos/as, que concluiu/concluíram o Ensino Secundário com a média mais elevada. Na edição de 2022, o Prémio “Melhor aluno do Ensino Secundário” foi atribuído às alunas:

- Inês Félix 12.º 1A • Maria Teresa Correia 12.º 1C
- Maria Madalena Pastilha 12.º 1B • Marta Marques 12.º 2



Valsassina distinguido com o 20.º galardão Bandeira Verde

O trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2021/22 foi distinguido com a atribuição do Galardão Bandeira Verde, pelo 20.º ano consecutivo. Presente no dia a dia do Colégio, a Educação Ambiental é abordada de forma transversal no currículo (dos 3 anos ao 12.º ano), sendo os alunos,

professores, funcionários e restantes elementos do Colégio, incentivados e envolverem-se em ações que visam a aquisição de hábitos de proteção da natureza e do ambiente.



Eco-Escolas

Projetos do Valsassina premiados na Mostra Nacional de Ciência

A Alfândega do Porto recebeu nos dias 8, 9 e 10 de setembro a 16.ª Mostra Nacional de Ciência, evento que encerrou o Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores. A edição deste ano contou com 86 projetos de áreas tão variadas como a Bioeconomia, Biologia, Ciências do Ambiente, Ciências Sociais, Engenharias, Física, Matemática e Química desenvolvidos por jovens estu-

dantes, orientados pelos respetivos professores, e que foram selecionados pelo júri do 30.º Concurso Nacional para Jovens Cientistas.

O Colégio Valsassina esteve representado com 3 projetos a concurso, de alunos do **12.º ano (turma 1B)**, desenvolvidos na disciplina de **Biologia**. Todos os projetos apresentados foram distinguidos pelo júri:



Projeto "Syrenity"

Desenvolvimento de um creme hidratante rico em colagénio marinho, da autoria dos alunos: **Joana Monteiro**, **Margarida Leite** e **João Henriques**. 2.º Prémio e seleção para representar Portugal na EUCYS 2023 (European Union Contest for Young Scientists).



Projeto "helping hands"

Estudo sobre a viabilidade da fermentação alcoólica de resíduos alimentares para a produção sustentável de um gel desinfetante, da autoria dos alunos: **Maria Carolina Diogo** e **Tiago Carvalho**. Prémio especial Porto Editora.



Projeto: "GelloSea"

Produção de uma gelatina, para consumo alimentar, a partir de desperdícios de cavala (*Scomber colias*), da autoria das alunas: **Lara Drago**, **Matilde Spínola** e **Rita Fragoso**. Prémio especial Porto Editora.

Alunos do Valsassina distinguidos em Concurso Internacional de Haiku

A JAL Foundation, com o apoio da Embaixada do Japão, promoveu o Concurso Internacional de Haiku para crianças.

O Haiku teve a sua origem no Japão no séc. XVII. Considerado poesia contemplativa, o Haiku valoriza a natureza, as cores, as estações do ano, os contrastes e as surpresas. Construir um Haiku foi o desafio apresentado aos alunos o ano letivo passado, que envolveu as disciplinas de Expressão Plástica e Português, do 1.º e 3.º ciclo. Foi uma oportunidade para cada aluno/a dar largas à imaginação e para expressar os seus sentimentos. No final, foram submetidos a concurso 161 trabalhos.

A aluna **Dânia Marques** 5.º A, foi distinguida com o **JAL GRAND Prize Winner**.

Os alunos, **Maria Amélia Sá** 4.º A, **Pilar Moreira** 4.º B, **Tiago Abrantes** 5.º A, **Ana Sofia Silva** 5.º B, **Beatriz Mendes** 10.º 1A, **Maria Caeiro Ribeiro** 10.º 2 e **Sofia Saraiva** 10.º 2, foram distinguidos com o JAL Prize Winner.

A cerimónia de entrega dos prémios realizou-se no dia 29 de novembro, no auditório do Colégio Valsassina e contou com a presença do Senhor Conselheiro Yasuhiro Mitsui n.º 2 da Embaixada do Japão, da Senhora Misato Taki, diplomata responsável pelos assuntos culturais da Embaixada do Japão, e da Senhora Murakami da JAL.

COLÉGIO EM AÇÃO



ValsaMat 2022

Entre 7 e 11 de novembro, levámos a Matemática para fora das salas de aula, convocámos os alunos a participar em jogos e concursos matemáticos e recebemos especialistas e investigadores. Foi mais uma edição da ValsaMat, semana da Matemática do Valsassina, onde pretendemos mostrar como a Matemática está presente no quotidiano e contribui para a evolução da sociedade.



ValsaMat 2022.
Programa detalhado



Dia Europeu das Línguas

No dia 26 de setembro, Dia Europeu das Línguas, celebrámos o plurilinguismo. Em português, inglês, francês, espanhol e alemão (disciplinas lecionadas no Valsassina), este dia foi assinalado com várias atividades que envolveram alunos de todos os ciclos. A diversidade linguística é uma via para alcançar uma maior compreensão intercultural e um elemento-chave da riqueza do património cultural. Indissociáveis de qualquer forma de cidadania europeia ativa, o plurilinguismo e a diversidade cultural são uma componente fundamental da nossa identidade.

Dias da Filosofia

A 17 de novembro, assinalou-se o Dia Mundial da Filosofia. Esta data convoca alunos e professores para refletir sobre os acontecimentos atuais, fomentando-se o pensamento crítico, criativo e independente e contribuindo para a promoção da tolerância e da paz. Foi uma oportunidade para envolver os alunos em reflexões, desafios e intervenções, desde a Filosofia para Crianças, no Jardim de Infância, aos alunos do Ensino Secundário.

Semana da Ciência e Tecnologia 2022

Entre 21 e 29 de novembro de 2022, celebrámos a Ciência e a Tecnologia e a sua importância para o desenvolvimento da sociedade, enquanto elementos determinantes para o desenvolvimento sustentável e promoção da qualidade de vida. Atividades experimentais, workshops, desafios, concursos, conversas sobre e com Ciência, visitas de estudo e conferências com cientistas e investigadores foram algumas das atividades realizadas ao longo da Semana da Ciência e Tecnologia do Colégio Valsassina.



Semana da Ciência
e Tecnologia 2022.
Programa detalhado



ACONTECEU

Colégio Valsassina inova com a aposta na instalação de uma central fotovoltaica

Pensar e projetar uma escola para o futuro exige identificar e interpretar os principais desafios com que a sociedade se confronta. Como tal, de olhos postos numa liderança pelo exemplo, durante o mês de agosto, demos mais um passo no caminho para a sustentabilidade: procedemos à instalação de uma central fotovoltaica para produção e autoconsumo de eletricidade. Esta instalação torna o Colégio autossuficiente durante parte do ano, reduzido em 30% o consumo energético da rede e a nossa pegada de carbono (41 toneladas de CO₂ por ano). Foram instalados 221 módulos que permitem, no primeiro ano, uma produção de 178 MWh.

Lançamento do projeto “Nós propomos”

No dia 21 de outubro, os/as alunos/as da turma 11.º 2 receberam o Professor e Investigador Sérgio Claudino, coordenador do IGOT-U-Lisboa, na sessão de lançamento do projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica”. O Projeto mobiliza o Estudo de Caso para a identificação de problemas locais (na área do Colégio e/ou da sua residência) e a apresentação de propostas de resolução pelos alunos. Desenvolvido na disciplina de Geografia, este projeto visa promover uma efetiva cidadania territorial local. Pretende-se ainda promover a parceria entre diferentes parceiros (universidade, escolas, autarquias, empresas e associações), entre os quais se tentam estabelecer protocolos de cooperação.

Dia Mundial da Música

No dia 3 de outubro celebrámos o Dia Mundial da Música. Durante o dia, prestámos uma homenagem a esta arte, realçando a importância da Música como manifestação artística e cultural e como forma de promoção de paz e amizade entre as pessoas. Do programa deste ano destacamos a visita do Projeto ARTALLIS do Conservatório d'Artes de Loures e, sob o mote “muitas vozes, uma canção”, a iniciativa “A Voz do Valsassina”, que reuniu professores e colaboradores do Colégio.



Turmas do 6.º ano visitam o NewsMuseum

A Educação para os *Media* supõe a capacidade de compreender – ou “ler criticamente” – os *Media* e os processos sociais e culturais através dos quais se apresentam imagens e representações do mundo em que vivemos, com recurso a diferentes linguagens. Neste contexto, durante o mês de outubro, a disciplina de Português convocou as turmas do 6.º ano a participarem numa visita interativa ao NewsMuseum, um museu dedicado ao conhecimento dos *Media*, da Comunicação e do Jornalismo. Através de um ambiente participativo e interativo (com o auxílio de tecnologias inéditas), os alunos foram desafiados a explorar os episódios recentes da história do nosso mundo, conhecendo a forma como se realizou a respetiva cobertura mediática. Os alunos interagiram com a Rádio e com a TV, fizeram uma viagem ao futuro dos media (até 2046, 400 anos depois do nascimento do 1.º jornal português) e desempenharam a função de jornalistas.



Alunos do 5.º ano visitam exposição “Evilution” do artista Bordalo II

“Evilution”, que nasce de um trocadilho entre “evolution”, ou evoluir em português, e “evil”, mal, foi o título escolhido pelo artista português Bordalo II para a sua exposição a solo, no Edu Hub Lisbon. É um alerta para uma sociedade que se diz evoluída, mas produz lixo em excesso, desperdícios que acabam por ser a matéria-prima do trabalho deste artista que começou pelo *graffiti* ou arte urbana. Durante os meses de outubro e novembro, a relevância do assunto e a oportunidade de criar uma ponte entre a vida escolar e o trabalho de um artista plástico levaram as turmas do 5.º ano a visitar esta exposição. Adotando uma abordagem interdisciplinar, as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica desafiaram os alunos a desenvolver um trabalho de “Retrato em Alto-Relievo”, recorrendo a técnicas de colagem com diferentes materiais, dando assim expressão ao princípio dos 3R's: redução, reutilização e reciclagem.

Alunos do Jardim de Infância participam em sessão com o autor Daniel Completo

Unindo a música às palavras, Daniel Completo dinamizou uma sessão para os alunos do Jardim de Infância, onde apresentou e deu voz a histórias e a poemas. Num convite à imaginação e ao interesse pela leitura e pelas histórias a sessão, que se realizou no dia 7 de novembro, ficou marcada por uma onda de alegria. Os alunos cantaram com o autor as canções da história do “Rato Chingum” e “O Baú das Lengalengas”.



Valsassina participa na campanha do Banco Alimentar contra a Fome

O Colégio associou-se, uma vez mais, à Campanha Nacional de Recolha de Alimentos do Banco Alimentar. No dia 26 de novembro, os armazéns da Avenida de Ceuta receberam os nossos voluntários (professores, alunos e famílias) para ajudar a separar e organizar o material recolhido na campanha de recolha de alimentos.



Alunos do 1.º ciclo recebem o autor e ilustrador Marco Taylor

As turmas do 1.º ciclo receberam a visita do autor e ilustrador Marco Taylor. As sessões, que se realizaram nos dias 24 e 25 de novembro, foram uma oportunidade para conhecer a vasta diversidade das suas obras literárias e cinematográficas. Álbuns ilustrados, livros túnel, 3D, pop-up, tripartidos, sem palavras... foram algumas das propostas apresentadas pelo autor para convocar a criatividade e estimular o prazer da leitura. A originalidade das narrativas e das ilustrações tornam únicas as histórias deste autor e justificaram o entusiasmo e a curiosidade manifestada pelos alunos.



Campanha “Pirilampo Mágico”

A problemática da pessoa com deficiência intelectual e/ou multi-deficiência e a necessidade de contribuir para salvaguardar o direito à igualdade de oportunidades e o exercício da cidadania plena destas pessoas, convocaram o Valsassina para a Campanha “Pirilampo Mágico”. Entre 15 de outubro e 6 de novembro, equipas de alunos voluntários do 2.º e 3.º ciclos empenharam-se ativamente a vender os pirilampos ajudando a angariar fundos a favor das CERCIs (Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas).

“Mais uma Campanha Pirilampo Mágico terminou e a CERCi de LISBOA vem muito reconhecida agradecer a vossa adesão e contributo para o sucesso da mesma. É com a colaboração de todos que conseguimos fazer destas campanhas um sucesso.” CERCi Lisboa



Campanha de Natal 2022

O Natal deve ser sobretudo um momento de partilha de valores como a amizade e a entreajuda. A comunidade Valsassina cooperou mais uma vez na campanha **Natal Solidário** em conjunto com a Comunidade Vida e Paz, Associação Apoio de Mãe, Associação Crescer Bem e com o Lar de Terceira idade da Associação Assistência Social Evangélica. Foi uma grande operação solidária, que decorreu entre 28 de novembro e 12 de dezembro, de recolha de vários produtos alimentares, produtos de higiene e roupa.

Agradecemos a toda a comunidade a dinâmica e a elevada participação.

Concerto de Natal 2022

O Concerto de Natal realizou-se no dia 14 de dezembro. O evento, dinamizado pelo Departamento de Educação Musical e pelos professores das várias classes extracurriculares de Música, contou com a atuação de alunos de todos os ciclos de ensino e do coro de professores. Foi um final de tarde animado, que reuniu a comunidade Valsassina.

Comitiva do Valsassina presente na entrega do Prémio Literário José Saramago

No passado dia 14 de novembro de 2022 decorreu a 12.ª edição do **Prémio Literário José Saramago**, no auditório do Centro Cultural de Belém.

Este prémio, instituído para celebrar a atribuição do Prémio Nobel de Literatura de 1998 a José Saramago, constitui não só um instrumento para a defesa da língua portuguesa, através do estímulo ao surgimento de jovens escritores da lusofonia, mas também pretende ser um incentivo à leitura.

Deste modo, a Porto Editora dirigiu um convite aos alunos do 12.º ano do Colégio Valsassina para estarem presentes na cerimónia de entrega do prémio, que contou com a presença de vários escritores laureados noutras edições, nomeadamente Gonçalo M. Tavares, João Tordo, José Luís Peixoto e Bruno Vieira Amaral.

Neste encontro literário, acompanhadas pelas professoras de Português, Patrícia Rodrigues e Paula Gonçalves, estiveram presentes as alunas **Maria João Rodrigues** e **Maria Almeida**, do 10.º 1A; **Júlia Mateus**, do 10.º 4; **Margarida Petty** e **Carolina Pignatelli**, do 12.º 1C; **Inês Paixão** e **Inês Ribeiro**, do 12.º 4, que assistiram à entrega do prémio ao vencedor deste ano, o escritor brasileiro Rafael Gallo, com o romance inédito *Dor Fantasma*.

Conferência com Ricardo Mourinho Félix sobre “A Matemática e a Economia: tópicos da atualidade”

“A Matemática e a Economia: tópicos da atualidade” foi o tema da conferência apresentada por Ricardo Mourinho Félix aos alunos do Curso de Ciências Socioeconómicas do Ensino Secundário, no dia 2 de dezembro.

Ricardo Mourinho Félix é Vice-Presidente do Banco Europeu de Investimento (BEI), responsável pela Península Ibérica, Magrebe, América Latina e Caraíbas. Antes de integrar o BEI, foi Vice-Ministro e Secretário de Estado das Finanças em Portugal.

Os desafios da atualidade, as políticas da União Europeia, a transição climática e da transição digital, o contexto pós-pandemia, a guerra na Europa foram alguns dos assuntos discutidos com os alunos.

Festa de Natal

A Festa de Natal 2022 do Jardim de Infância realizou-se no dia 16 de dezembro.

Foi um final de dia muito animado em que a comunidade Valsassina se juntou para celebrar mais uma festa de Natal.



O podcast *Gazeta Valsassina* reúne textos, criados por alunos do Colégio Valsassina em resposta a variados desafios, e constitui-se como uma comemoração da escrita, da leitura e da ilustração.

As vozes que escutamos são de alunos, familiares, professores, atores, encenadores, amigos, que aceitaram o convite para ler em voz alta, assumindo, assim, a função e os sentimentos das personagens.

Este conjunto de áudios é uma homenagem à leitura, à capacidade de compreender o mundo através da leitura, e às vozes e mãos que lhe dão corpo e a mantêm viva.

Vai acontecer...

janeiro

- Semana das Línguas
- Conferências Valsassina
- Sessões e visitas de estudo do projeto TecAtlantic
- Olimpíadas da Biologia
- Sessão escolar do projeto “Parlamento dos Jovens”

fevereiro

- Semana das Artes

março

- Conferências Valsassina
- Dia Mundial da Poesia
- Semana da Educação Física

abril

- Viagem de finalistas 9.º ano
- Viagem de finalistas 12.º ano



CLIQUE... nas imagens e aceda às plataformas digitais!



**COLÉGIO
VALSASSINA**



Largo Frederico Valsassina, 1959-010 Lisboa



21 831 09 00